

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

ROBERTA BRAGA DE ALENCAR

**VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA NO CASAL:
GÊNERO, CULTURA DA HONRA E REGULAÇÃO EMOCIONAL**

MANAUS

2019

ROBERTA BRAGA DE ALENCAR

**VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA NO CASAL:
GÊNERO, CULTURA DA HONRA E REGULAÇÃO EMOCIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia, linha de processos psicossociais.

Orientadora: Prof^{ca}. Dr^a. Iolete Ribeiro da Silva

MANAUS

2019

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A368v Alencar, Roberta Braga de
Violência psicológica no casal: gênero, cultura da honra e
regulação emocional / Roberta Braga de Alencar. 2019
154 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Iolete Ribeiro da Silva
Dissertação (Mestrado em Psicologia: Processos Psicossociais) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Violência psicológica. 2. Violência por parceiro íntimo. 3.
Gênero. 4. Cultura da honra. 5. Regulação emocional. I. Silva,
Iolete Ribeiro da II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

ROBERTA BRAGA DE ALENCAR

"Violência Psicológica no casal: gênero, cultura da honra e regulação emocional."

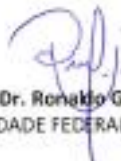
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, na Linha de Processos Psicossociais.

Aprovado em 12 de março de 2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Gisele Cristina Resende
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS



Prof. Dr. Ronaldo Gomes Souza
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS



Prof. Dr. Sérgio Augusto Freire de Souza
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

**Dedico este trabalho a todos os
participantes da pesquisa e aos que lutam
pela melhoria da qualidade das relações
amorosas.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha amada e guerreira mãe, Cynthia, em memória, ao meu pai, José Roberto, à minha irmã, Renata, e à minha madrinha Mary, em nome de quem agradeço a todos da minha família.

Agradeço aos meus amigos que me proporcionaram experiências de troca, de companheirismo, de luta e de conquista, especialmente ao Gabriel Mouta, por me ajudar com as planilhas do Excel, aos meus colegas do Laboratório de Desenvolvimento Humano e à turma do Mestrado.

Agradeço a todos/as os/as participantes da pesquisa, que disponibilizaram seu tempo para responder os questionários, especialmente àqueles que relataram parte de sua história, questões tão íntimas e, por vezes, dolorosas, para contribuir com este estudo.

Agradeço à minha admirável orientadora, Iolete Ribeiro da Silva, por me aceitar e acolher, pela humildade em ensinar-me, pela serenidade com que conduziu esta caminhada, pela liberdade concedida a mim na escolha do tema e no delineamento da pesquisa. Obrigada pela confiança!

Agradeço ao André Braule Pinto, pelo incentivo, pelos ensinamentos e pela dedicação, paciência, competência e zelo com que me ajudou a realizar as análises quantitativas e a revisar a dissertação.

Agradeço ao professor doutor Vicente Cassep Borges e a Amanda Tosta, por responderem de forma sempre solícita às minhas dúvidas sobre o Questionário de Abuso no Relacionamento Íntimo.

Agradeço à Faculdade de Psicologia, especialmente a todo o corpo docente e técnico do Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Agradeço aos professores doutores que participaram da banca examinadora, Gisele Cristina Resende, Ronaldo Gomes Souza e Sérgio Augusto Freire de Souza, pelas valiosas contribuições que fizeram à versão final da pesquisa.

Por fim, agradeço a todos que passaram por minha história, participaram dessa caminhada, me inspiraram, incentivaram, acreditaram, torceram e, tantas vezes, tiveram seu convívio comigo tolhido em razão do tempo dedicado a este trabalho, mas que, enfim, contribuíram com suas particularidades na vivência de relações pautadas no amor.

*Quão belo é o sol quando no céu se ergue risonho,
e qual uma explosão nos lança o seu bom dia!
- Feliz quem pode com amor e ébria alegria
Saudar-lhe o ocaso mais glorioso do que um sonho!*

Charles Baudelaire

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e quantitativa com o objetivo de investigar a ocorrência da violência psicológica por parceiro íntimo, em seu caráter relacional, levando em consideração a influência de estereótipos de gênero, a cultura da honra e a regulação emocional nas experiências de relacionamentos abusivos, tomando como referencial teórico os pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural. A metodologia de pesquisa propôs a construção de dados através de instrumentos disponibilizados em plataforma *online*, contendo questões fechadas sobre relacionamento abusivo, cultura da honra e controle das emoções, questionário sócio demográfico e uma pergunta aberta sobre relacionamento amoroso, consistente em um relato de experiência. Os dados qualitativos provenientes da pergunta aberta foram avaliados com base na Análise de Discurso. Sobre os dados quantitativos, foram realizadas análises inferenciais de Correlação através do r de Pearson para estudar a relação entre os diversos fenômenos, com o intuito de compreender a interação que os mesmos apresentam. Pretendeu-se, com isso, identificar quais características estão relacionadas à presença de relacionamentos abusivos e como estes se constituem no discurso dos participantes. De maneira geral, os discursos revelaram diversas modalidades de violência psicológica no casal, tais como ameaça, xingamento, humilhação, ser traído, ser acusado de traição, vigilância, indiferença e criticismo, e apresentaram-se permeados por formações ideológicas machistas. As análises quantitativas não encontraram diferenças entre a situação de sofrer e a de praticar violência em função do sexo, bem como revelaram que a violência é bidirecional em 61% dos casos. Sofrer violência psicológica correlacionou-se com a prática de todas as demais formas de abusos e a violência física sofrida foi o maior indicador de presença de abusos psicológicos. Preocupações com a honra e a supressão emocional moderaram a relação com a violência psicológica, sendo que as preocupações com a honra apresentaram efeito moderador inverso, ou seja, quanto maior o nível de aderência às normas típicas da cultura da honra, maior a probabilidade de o sujeito responder com abuso psicológico às experiências de violência psicológica sofridas. Ao considerar a supressão emocional, observou-se redução na propensão dos indivíduos a revidarem um comportamento de abuso psicológico.

Palavras-Chave: Violência psicológica; Violência por parceiro íntimo; Gênero; Cultura da honra; Regulação emocional; Psicologia histórico-cultural.

ABSTRACT

It is a qualitative and quantitative research aimed at investigating the occurrence of psychological violence in the intimate partner, in its bidirectional character, taking into account the influence of gender stereotypes, honor culture and emotional regulation in the experiences of abusive relationships; using as theoretical reference the assumptions of Cultural-historical Psychology developed by Vygotsky. The research methodology proposes the construction of data through instruments available in an online platform, containing closed questions about abusive relationship, honor culture and emotions control, socio-demographic questionnaire and an open question about love relationship, consisting of an experience report. Qualitative data from the open question were evaluated based on the Discourse Analysis. On the quantitative data, inferential analyzes of Correlation through Pearson r were performed to study the relationship between the various phenomena, in order to understand the interaction that they present. It was intended to identify which characteristics are related to the presence of abusive relationships and how these are constituted in the participants' discourse. In general, discourses revealed several forms of psychological violence in the couple, such as threatening, cursing, humiliation, being betrayed, being accused of treason, vigilance, indifference and criticism; and were permeated by sexist ideology. Quantitative analyzes did not find differences between the situation of suffering and practicing violence, according to gender and revealed that violence is bidirectional in 61% of the cases. Suffering psychological violence correlated with the practice of all other forms of abuse. Physical violence suffered was the highest indicator of psychological abuse. Worries about honor and emotional suppression moderated the relationship with psychological violence. Honor concerns had the opposite inverse effect, that is, the greater the level of adherence to norms typical of the culture of honor, the greater the likelihood that the subject would respond with psychological abuse to the experiences of psychological violence suffered. When considering emotional suppression, there was a reduction in individuals' propensity to counteract psychological abuse behavior.

Keywords: Psychological violence; Intimate partner violence; Gender; Honor culture; Emotional regulation, Cultural-historical psychology.

LISTA DE SIGLAS

AD	Análise de Discurso
ARI	Abuso no Relacionamento Íntimo
ARI-O	Abuso no Relacionamento Íntimo Sofrido
ARI-E	Abuso no Relacionamento Íntimo Praticado
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CEDAW	Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher
CEPAM	Coordenadoria Especial de Políticas para as Mulheres
CH	Cultura da Honra
CNDM	Conselho Nacional dos Direitos da Mulher
CNMP	Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres
CPB	Código Penal Brasileiro
DEAM	Delegacias Especializadas no Atendimento às Mulheres
ERQ	Questionário de Regulação Emocional
HS	Escala da Honra
PAISM	Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher
PEPM	Plano Estadual de Políticas para as Mulheres
PNPM	Plano Nacional de Políticas para as Mulheres
RE	Regulação Emocional
REDEFEM	Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas
SPM/PR	Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
VPI	Violência por Parceiro Íntimo

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Violência contra a mulher, dados de Manaus, no ano de 2018.....	21
Figura 02	Modelo bidirecional da violência no casal.....	101
Figura 03	Efeito de moderação da supressão emocional sobre a relação entre violência psicológica sofrida e praticada.....	103
Figura 04	Efeito de moderação da preocupação com a honra sobre a relação entre violência psicológica sofrida e praticada.....	104

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Revisão da literatura.....	49
Tabela 02	Quadro-síntese das aproximações e dos afastamentos entre Análise de Conteúdo e Análise do Discurso.....	64
Tabela 03	Conceitos-análises extraídos dos discursos.....	67
Tabela 04	Orientação sexual.....	70
Tabela 05	Ocupação.....	70
Tabela 06	Renda.....	71
Tabela 07	Comparação de médias em função do sexo dos participantes.....	95
Tabela 08	Teste t de Student para medidas repetidas.....	97
Tabela 09	Correlação entre abuso no relacionamento íntimo sofrido, regulação emocional e preocupações com a honra.....	99
Tabela 10	Correlação entre abuso no relacionamento íntimo praticado, regulação emocional e preocupações com a honra.....	100
Tabela 11	Estatística descritiva dos escores em abuso nos relacionamentos íntimos, regulação emocional e preocupações com a honra.....	105

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 OBJETIVOS.....	28
2.1 Objetivo Geral.....	28
2.2 Objetivos Específicos.....	28
3 MARCO TEÓRICO.....	29
3.1 A Psicologia Histórico-Cultural.....	29
3.2 Movimentos Feministas e Questões de Gênero.....	31
3.3 Cultura da Honra.....	41
3.4 Estratégias de Regulação Emocional.....	44
3.5 Revisão Sistemática de Literatura.....	46
4 MÉTODO.....	56
4.1 Tipo de Pesquisa.....	56
4.2 Participantes e Critérios de Inclusão e Exclusão.....	58
4.3 Instrumentos.....	58
4.4 Procedimentos.....	59
4.5 Cuidados Éticos.....	61
4.6 Análise dos Dados.....	62
4.6.1 Análise qualitativa.....	62
4.6.2 Análise quantitativa.....	69
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	70
5.1 Caracterização Sócio Econômica dos Participantes.....	70
5.2 Análises Qualitativas.....	71
5.3 Análises Quantitativas.....	94
5.3.1 Bidirecionalidade da violência: uma comparação entre masculino e feminino.	94
5.3.2 Bidirecionalidade da violência: uma comparação entre praticar e sofrer.....	96
5.3.3 Relação entre comportamento abusivo, regulação emocional e cultura da honra.....	98
5.3.4 Circunscritores da violência psicológica.....	101
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
REFERÊNCIAS.....	111

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO...	120
APÊNDICE B – CATEGORIAS DE SENTIDOS DE VPI A PARTIR DA AD.....	122
ANEXO A – PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA.....	146
ANEXO B – QUESTIONÁRIO SÓCIO ECONÔMICO E DEMOGRÁFICO.....	150
ANEXO C – QUESTIONÁRIO SOBRE ABUSO EM RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS.....	152
ANEXO D – ESCALA DA HONRA.....	154
ANEXO E - QUESTIONÁRIO DE REGULAÇÃO EMOCIONAL.....	155

1 INTRODUÇÃO

Pretendeu-se, nesta pesquisa de cunho qualitativo e quantitativo, investigar a ocorrência da violência psicológica no casal, em seu caráter bidirecional, com ênfase nas questões de gênero e da cultura da honra, bem como verificar a relação entre as estratégias de regulação emocional e a violência psicológica no relacionamento íntimo. A abordagem adotada é a histórico-cultural, que compreende o homem dentro do contexto social e histórico do qual não pode se desvincular, razão pela qual foram consideradas as relações de gênero culturalmente construídas para o entendimento da violência simbólica por parceiro íntimo.

Outro importante fator, não só relacionado ao fenômeno da violência, mas aos mais variados aspectos da vida humana, é a emoção, uma vez que é ela que dá cor e sentido às vivências individuais e sociais nas diversas civilizações e períodos históricos. É, portanto, uma experiência universal, mas a forma de interpretar, avaliar e responder às emoções é socialmente constituída, sofrendo modificações ao longo do tempo (LEAHY, 2016).

Neste sentido, considerando-se todos esses aspectos – sejam culturais, relacionais de gênero ou emocionais como uma rede –, buscou-se considerá-los no estudo da violência cujas nomenclaturas passaremos agora a delimitar.

Existem muitas formas de violência e diversos são os termos utilizados para nomear o fenômeno, sendo que as nomenclaturas usuais são: violência familiar ou intrafamiliar, doméstica, contra a mulher, de gênero, conjugal, no casal ou Violência por Parceiro Íntimo (VPI). Cada expressão transmite uma ideia sobre o espaço e contra quem é perpetrada, sendo mais empregada em determinada época, dependendo do contexto histórico e das reivindicações preponderantes.

Neste trabalho, optou-se pela denominação violência psicológica no casal a fim de não delimitar o estudo à unidade doméstica, ao âmbito familiar ou conjugal, pois pretendeu-se abranger não apenas os relacionamentos formalizados através do casamento, mas também o namoro, o ficar e o relacionamento desfeito, uma vez que parcela significativa de violência é cometida por ex-namorado(a) ou ex-cônjuge, principalmente quando a decisão do término do relacionamento partiu da mulher (SAFFIOTI, 2015). É importante, por isso, inicialmente, diferenciar as expressões.

A violência familiar ou intrafamiliar designa ação ou omissão que viole o bem-estar, a saúde física e psicológica ou a liberdade e o pleno desenvolvimento dos membros da família, podendo ser praticada por qualquer integrante do grupo, unido por laços de sangue ou de

afinidade – conceito de família extensa – em relação de poder com o membro agredido (DAY *et al.*, 2003). É um conceito importante, porém muito amplo para os objetivos desta pesquisa, pois abarca, por exemplo, a violência contra crianças e idosos praticada no âmbito da família, não dando o enfoque necessário para a violência no casal.

Os termos violência familiar e doméstica muitas vezes são tratados indistintamente; no entanto, o primeiro denota a violência ocorrida nas relações familiares, independentemente do espaço físico, podendo ocorrer dentro do lar (violência doméstica) ou fora dele. É o exemplo da violência psicológica por omissão ou negligência praticada pelo membro da família que não presta a assistência necessária ao filho que mora em outra casa, ao idoso abandonado no asilo ou ao parente internado no hospital – nesta hipótese, pode haver violência familiar fora do ambiente doméstico.

Alinhando-se com esse entendimento, Day *et al.* (2003) e Saffioti (2015) compreendem que a violência familiar pode ser cometida dentro ou fora de casa, diferentemente da violência doméstica, que é restrita ao âmbito do lar e abrange pessoas conviventes desse ambiente, como empregados, agregados e visitantes esporádicos.

A frequência para a utilização de um termo no lugar de outro varia de acordo com o período histórico. A violência contra a mulher, até os anos de 1950, era comumente referida como violência intrafamiliar (ATAÍDE, 2015), o que demonstra a falta de visibilidade da mulher, pois mesmo quando o objetivo era tratar da violência a ela dirigida, a mulher era igualada aos sujeitos vulneráveis do grupo familiar, tais como crianças e adolescentes, idosos e deficientes físicos, que são abarcados pela expressão.

Nos anos de 1970, passou-se a falar em violência contra a mulher (ATAÍDE, 2015), não havendo limitação do lugar onde é praticada, podendo se dar em qualquer relação, num espaço mais amplo que o doméstico, posição com a qual concordamos, visto que a expressão “violência contra a mulher” não se refere apenas àquela perpetrada dentro de casa, mas que envolve todas as relações da mulher na sociedade, inclusive, as de trabalho.

Assim, a expressão violência doméstica difundiu-se na década de 1980 (ATAÍDE, 2015), demonstrando mudança de entendimento social sobre a violência que, até então, estava protegida pelo manto das relações privadas. Antes deste período, como pode ser observado através do dito popular, entendia-se que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”. Contudo, como resultado das lutas protagonizadas pelos movimentos feministas, houve maior reconhecimento estatal acerca da problemática. Desta forma, foram criados diversos planos e órgãos especializados no atendimento à mulher, tendo como consequência a desmistificação

do lar como sinônimo de conforto e segurança (ALVIM; SOUZA, 2005; BANDEIRA; MELO, 2010; ATAÍDE, 2015).

Na década de 1990, desenvolveu-se a compreensão da violência contra a mulher enquanto exercício do poder para subjugar-la, passando-se a falar em violência de gênero, ou seja, aquela que propõe preservar a estrutura social hierarquizada produzida no bojo das relações de poder, legitimadas socialmente, dos homens sobre as mulheres, não restrita ao âmbito familiar (ATAÍDE, 2015; SAFFIOTI, 2015).

O termo violência de gênero é mais amplo que a violência conjugal ou familiar, uma vez que abrange a participação social (RITT, 2007) e as relações homem-homem e mulher-mulher (SAFFIOTI, 2015). Ainda que seja comumente praticada no âmbito doméstico, sua gênese remete a uma estrutura maior, imposta anteriormente ao estabelecimento da relação familiar, porque são práticas sociais e históricas aprendidas e repassadas a cada geração.

Remetendo à construção de gênero, Ritt (2007) compreende a violência contra a mulher como demonstração de poder, abuso da força e instrumento de dominação. Minayo (2010) *apud* Oliveira e Ferreira (2016, p. 10) refere ser “uma forma de comunicação, de relação, e um *‘habitus’* cultural”. Para Ataíde (2015), são agressões dirigidas às mulheres pelo fato de serem mulheres, enquanto que Cantera (2007) atribui à violência caráter coercivo de exercício de poder do homem sobre a mulher, que pode ocorrer por meio de violência física, psicológica ou simbólica, legitimada pela sociedade patriarcal e exercida historicamente.

O exercício do poder é característica bem ressaltada na literatura ao tratar da violência de gênero e, nessa perspectiva, a violência psicológica é o controle do homem sobre a mulher com o intuito de que esta corresponda às expectativas dos papéis sociais historicamente construídos sobre a feminilidade. Esta visão de violência contra a mulher, como abuso do poder e controle por parte do homem, corresponde ao modelo feminista tradicional, que explica a violência a partir de condicionantes culturais, enquadrando as mulheres como vítimas radicais e os homens como agressores absolutos. Para esta corrente, quando a mulher pratica abuso é em reação à violência cometida anteriormente pelo marido (SOARES, 1999).

Entretanto, conforme será demonstrado ao longo deste trabalho, é importante não generalizar, uma vez que também há controle e poder nas relações homem x homem, mulher x mulher e mulher x homem, embora esse aspecto ainda seja pouco abordado na literatura. Além disso, as mulheres estão cada vez mais emancipadas, o que gera dois efeitos: desestabiliza as relações, ao questionar os papéis de cada um no casal, podendo impulsionar ainda mais a violência por parte daquele que sente seu poder ameaçado. Ainda, as próprias

mulheres passaram a exigir do(a) parceiro(a) os mesmos deveres a ela cobrados, como o de fidelidade e assunção das atividades domésticas.

A Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU, 1993) conferiu à violência contra a mulher conotação de violência de gênero ao defini-la como “qualquer ato de violência de gênero que resulte ou possa resultar em dano físico, sexual ou psicológico ou sofrimento para as mulheres, incluindo ameaças de tais atos, coerção ou privação arbitrária de liberdade, quer ocorra em público ou na vida privada”. Neste sentido, a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, ocorrida no ano de 1994, em Belém do Pará (BRASIL, 1996), igualmente conceitua a violência contra a mulher como violência de gênero, definindo-a enquanto “qualquer ato ou conduta baseada no gênero que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública quanto privada”.

Reconhecendo as relações violentas baseadas no gênero e a necessidade de regulamentação da conduta, a Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006 (BRASIL, 2006), conhecida como Lei Maria da Penha, compreende que a violência doméstica e familiar contra a mulher é baseada no gênero, isto é, envolve a relação entre o masculino e o feminino, mais ampla do que a relação homem x mulher. Quanto ao espaço, pode ser cometida no âmbito doméstico, familiar ou em qualquer relação íntima de afeto:

Art. 5º Para os efeitos desta Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial:

I - no âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas;

II - no âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa;

III - em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação.

Deste modo, a violência contra a mulher, segundo a Lei Maria da Penha, abrange: o local de convívio de pessoas, independentemente da relação familiar entre elas; o âmbito familiar, compreendendo-se a família em seu conceito amplo; e, os relacionamentos íntimos atuais ou passados, independentemente do casal haver ou não dividido o mesmo lar.

Assim, a Lei n. 11.340/06 é marco regulatório da violência doméstica e familiar contra a mulher, embora a referida lei não tenha advindo da iniciativa legislativa brasileira, mas sim após punição do Brasil pelo Tribunal Internacional de Haya em virtude da omissão de nosso

país no enfrentamento da violência, especificamente no caso da Maria da Penha, que sofreu tentativas de homicídio, em 1983, por parte do ex-marido, que restaram impunes.

Com isso, em 1998, foi apresentada uma petição perante a Comissão Interamericana de Direitos Humanos – CIDH (caso 12.051) que, em 2001, emitiu relatório final reconhecendo a violação, por parte do Brasil, aos arts. 8º e 21 da Comissão Americana de Direitos Humanos (CADH) e art. 7º da Convenção de Belém do Pará, obrigando o Brasil a promulgar a Lei n. 11.340/06. No entanto, antes da sua promulgação, mudanças já tinham sido operadas no âmbito jurídico para regular a violência doméstica.

Até 2004, não havia tratamento específico para quem cometesse a violência no âmbito do lar ou da família, sendo o fato tipificado conforme crimes já previstos no Código Penal, praticados em qualquer ambiente (MACHADO; DEZANOSKI, 2014). Com a Lei n. 10.886, de 17 de junho de 2004 (BRASIL, 2004), foi acrescentado o § 9º ao art. 129 do Código Penal, criando uma qualificadora ao crime de lesão corporal, ou seja, aumentando-lhe o patamar da pena base:

Art. 129 – Ofender a integridade corporal ou a saúde de outrem:

Pena – detenção de 3 (três) meses a 1 (um) ano.

(...)

§ 9º - Se a lesão for praticada contra ascendente, descendente, irmão, cônjuge ou companheiro, ou com quem conviva ou tenha convivido, ou, ainda, prevalecendo-se o agente das relações domésticas, de coabitação ou de hospitalidade:

Pena – detenção de 6 (seis) meses a 1 (um) ano.

Observa-se que o dispositivo abrange a proteção de toda a família e daqueles que convivem ou tenham convivido no mesmo lar que o agressor ou a agressora, não havendo, contudo, tratamento específico à mulher agredida no âmbito das relações de coabitação, o que gerou críticas ao delito de violência doméstica (SABADELL, 1994 *apud* MACHADO; DEZANOSKI, 2014).

Além disso, mesmo com a qualificadora do § 9º, a lesão corporal leve permaneceu como infração penal de menor potencial ofensivo, nos termos do art. 61 da Lei n. 9.099/95 (BRASIL, 1995), segundo o qual se englobam, nesta categoria, as contravenções penais e os crimes cuja pena máxima não ultrapasse a dois anos, cumulada ou não com multa. Logo, a competência para processar e julgar a lesão corporal leve perpetrada no âmbito doméstico permaneceu sendo dos Juizados Especiais Criminais, conforme o artigo 60 da referida Lei – por isso, sujeita ao regramento e aos princípios dos Juizados Especiais, tais como necessidade de representação da vítima para o processamento da ação penal, nos crimes de lesão corporal dolosa leve e culposa (art. 88) e passível de transação penal (art. 72).

Com a promulgação da Lei Maria da Penha, a pena do delito de lesão corporal, nas hipóteses de violência doméstica, passou a ser de três meses a três anos, por determinação de seu art. 44; portanto, o crime deixou de ser classificado como de menor potencial ofensivo. Além do mais, seu art. 43 alterou a redação do art. 61, II, alínea *f*, do Código Penal Brasileiro – CPB (BRASIL, 1940), prevendo como circunstância que sempre agrava qualquer pena, quando não constitua ou qualifique o crime, ter o autor agido “com abuso de autoridade ou prevalecendo-se de relações domésticas, de coabitação ou de hospitalidade, ou com violência contra a mulher na forma da lei específica”.

Outra importante medida adveio em seu art. 41, que vedou a aplicação da Lei dos Juizados Especiais aos crimes praticados com violência doméstica e familiar contra a mulher. Retirando-se do âmbito dos Juizados Especiais comuns, o art. 14 da Lei n. 11.340/06 previu a possibilidade de criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, para processar, julgar e executar as ações decorrentes de violência doméstica contra a mulher.

A ação penal nas hipóteses de lesão corporal, independentemente da gravidade, perpetrada no âmbito doméstico, passou a ser pública incondicionada, quer dizer: o titular da ação penal passou a ser o Ministério Público, não se exigindo mais a representação da vítima para seu processamento e, por conseguinte, a esta não cabe desistência e não mais é aplicável a transação penal. Sendo assim, nas ações penais públicas condicionadas à representação da ofendida de que trata a Lei n. 11.340/06, a renúncia à representação somente será admitida antes do recebimento da denúncia ministerial pelo juiz, em audiência designada para este fim (art. 16).

A Lei n. 11.340/06 possui, ainda, dispositivos penais e extrapenais, o que se constituem em pontos positivos, ao entender que a criminalização não é o único dispositivo eficaz para refrear a violência, mas também a prevenção, a assistência, a expedição de medidas protetivas, a educação do agressor e a conscientização social. A norma legal, no entanto, não descreveu nenhum novo tipo penal, bem como não alterou a descrição do crime de lesão corporal (MACHADO; DEZANOSKI, 2014).

Consoante o art. 7º da Lei n. 11.340/06, a violência doméstica e familiar contra a mulher pode ser física, psicológica, sexual, patrimonial e moral:

Art. 7º São formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras:
I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;
II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da auto-estima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos,

crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

A identificação por terceiros e a denúncia da violência psicológica são dificultadas pela ausência de materialidade (ALVIM; SOUZA, 2005; RAMOS, 2017), ou seja, não havendo materialidade para a violência psicológica contra a mulher, ela costuma ser registrada na Delegacia Especializada de Atendimento às Mulheres (DEAM) de Manaus como um dos crimes contra a honra, previstos nos art. 138 a 145 do CPB, como crimes de calúnia, difamação ou injúria que, pela Lei Maria da Penha, são formas de violência moral e não psicológica. Dependendo da conduta, podem, ainda, serem registrados como ameaça (art. 147 do CPB), cárcere privado (art. 148, do CPB), perturbação do sossego (art. 42, da Lei de Contravenções Penais) (BRASIL, 1941), entre outros.

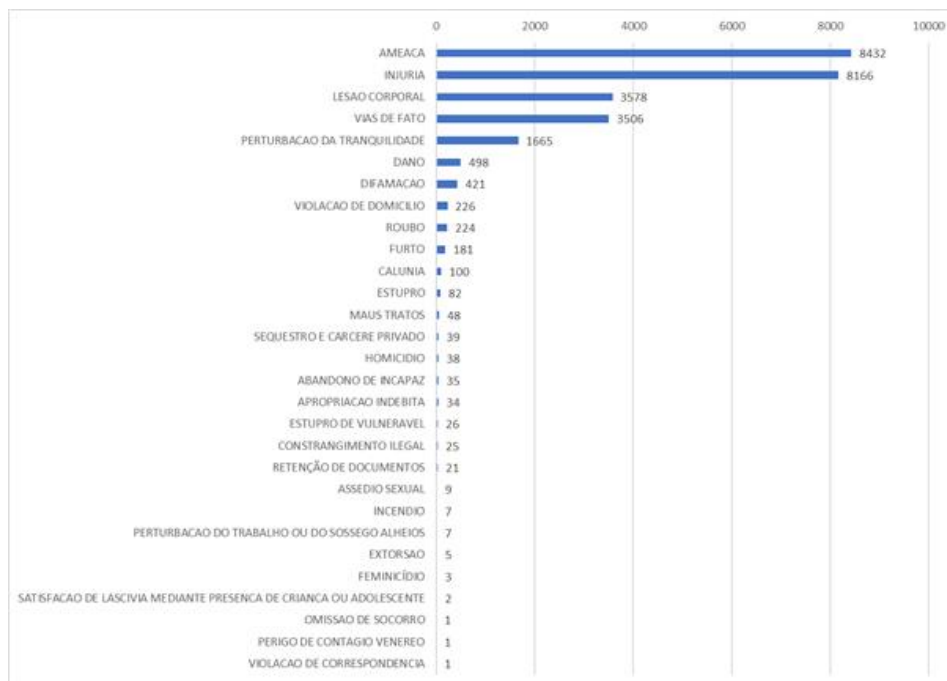
A despeito das violências psicológica e moral se inter-relacionarem, a classificação legal as distingue, e o seu enquadramento em uma forma diferente gera: inexatidão do registro da ocorrência, dados imprecisos e subnotificação da violência psicológica contra a mulher; há, então, discussões defendendo a criminalização da violência psicológica contra a mulher (RUIZ; COUTINHO; PINTO, 2012; HIRIGOYEN, 2014).

Não havendo no Código Penal Brasileiro a descrição de uma conduta específica para a violência psicológica, vemos esforços dos operadores do Direito para enquadrá-la em um dos tipos penais já previstos na legislação, levando à raridade de ações penais por violência psicológica. Um dos poucos casos encontrados na jurisprudência é a Ação n. 0038488-38.2011.8.26002, em trâmite na comarca de São Paulo/SP, na qual o réu, acusado de ofensa à saúde psíquica a sua ex-mulher, foi denunciado pelo crime de lesão corporal, uma vez que esta é qualquer lesão “à integridade corporal ou à saúde de outrem” (art. 129 do CPB) a englobar a saúde psíquica (TAMAMARU; AMARAL, 2008; CRISTO, 2012; RAMOS,

2017). Nestas hipóteses, a comprovação da materialidade se dá através da perícia psicológica (RAMOS, 2017).

Em Manaus, segundo dados da Delegacia Geral de Polícia Civil (FIGURA 01), o maior número de registro de violência doméstica, entre janeiro e dezembro de 2018, foi do crime de ameaça, com 8.432 ocorrências, e de injúria, com 8.166 ocorrências. Seguiram-se: vias de fato (3.506 ocorrências), lesão corporal (3.578 ocorrências), perturbação da tranquilidade (1.665 ocorrências), dano (498 ocorrências), difamação (421 ocorrências), violação de domicílio (226 ocorrências), roubo (224 ocorrências), furto (181 ocorrências), calúnia (100 ocorrências), estupro (82 ocorrências), maus tratos (48 ocorrências), sequestro e cárcere privado (39 ocorrências), homicídio (38 ocorrências), abandono de incapaz (35 ocorrências), apropriação indébita (34 ocorrências), estupro de vulnerável (26 ocorrências), constrangimento ilegal (25 ocorrências) e retenção de documentos (21 ocorrências), sendo que outros somam 36 ocorrências. Muitos desses registros, no entanto, constituem violência psicológica contra a mulher, que deixam de serem assim notificados por ausência de tipificação (AMAZONAS, 2018).

Figura 01 – Violência contra a mulher, dados de Manaus, no ano de 2018.



Fonte: Delegacia-Geral de Polícia Civil do Amazonas.

Apesar dos números alarmantes, eles não abrangem a totalidade dos casos de violência conjugal, uma vez que muitos episódios não são identificados ou denunciados por diversas razões, como medo de represálias, crenças de preservação da família como lugar de harmonia,

vergonha, desejo de manter a privacidade familiar (FALCKE *et al.*, 2009), manutenção da imagem de uma família feliz (ALVIM; SOUZA, 2005), esperança na mudança do parceiro, descrença na justiça, entre outros.

A denúncia é ainda mais rara quando o homem é agredido, considerando que sobre ele recai a exigência da força e da dominação, e, por isso, assumir ser vítima de violência doméstica e precisar de ajuda é considerado desonroso, impedindo-o de denunciar (FALCKE *et al.*, 2009). Não obstante a violência praticada por mulheres contra seus companheiros raramente seja denunciada, estudos indicam que ambos os sujeitos do par podem praticar ato violento (CANTERA, 2007; O'LEARY *et al.*, 2008; BARREIRA *et al.*, 2014), e mais, que as mulheres são as principais agentes da violência psicológica (MARTÍN, 1999).

Sujeitos da pesquisa realizada por Alvim e Souza (2005) avaliaram que foram vítimas de violência psicológica, direta ou indiretamente, identificando-as como: falar absurdos, mentir, xingar, fazer escândalo, expor publicamente, gritar e ameaçar. Focalizaram, também, comportamentos controladores do parceiro, sendo que as mulheres superaram os homens na utilização da violência não-física como estratégia de controle nos relacionamentos. Dessa forma, entendeu-se que há a possibilidade de a mulher ser agente de violência psicológica, o que justifica o estudo da violência em seu aspecto relacional e bidirecional.

No estudo realizado por Barreira *et al.* (2014), a violência entre jovens é bidirecional em 83,9% das formas estudadas, e as meninas relataram perpetrar mais violência física; na pesquisa de O'Leary *et al.* (2008) as mulheres relataram praticar mais violência física do que os homens. Esses resultados, no entanto, podem advir da tendenciosidade de respostas conforme a desejabilidade social no preenchimento de questionários de auto relato, uma vez que pode haver maior aceitabilidade para a violência praticada pelas mulheres (STRAUS; RAMIREZ, 2007), o que as levaria a admitir a violência mais facilmente, ao passo que os homens estariam mais propensos a esconder o cometimento.

A escolha por abordar a violência simbólica no casal, em seu aspecto relacional, advém, ainda, do menor número de material sobre o tema, no Brasil. A maior parte dos estudos é sobre a violência contra a mulher, onde os sujeitos estão em polos estáticos de agressor ou vítima, adotando, assim, a perspectiva unidirecional da violência, como é o caso dos estudos de Day *et al.* (2003), Ritt (2007), Ataíde (2015) e Oliveira e Ferreira (2016). Sendo assim, poucas pesquisas ouvem o homem envolvido em violência conjugal e, geralmente, os dados são levantados junto a DEAM, portanto, direcionados às mulheres vitimadas, evidenciando apenas uma face da problemática.

Desse modo, neste trabalho optou-se por levantar os dados através de questionários pela *internet* de forma a abranger um público misto de homens e mulheres, e que não estivessem, *a priori*, numa posição de vítima ou agressor, o que seria inevitável caso a pesquisa de campo ocorresse dentro da DEAM.

Fora isso, o abuso psíquico que implica na tentativa de controle do(a) parceiro(a) resulta em sofrimento tanto para quem a pratica, quanto para quem a recebe, pois os padrões rígidos de gênero aprisionam tanto homens quanto mulheres; muda-se, então, o foco de uma postura culpabilizante, que pouco ajuda a aprofundar o tema. Ademais, conforme destacado por Saffioti (2015), a fim de tornar mais igualitárias as relações violentas, faz-se necessário trabalhar com todos os envolvidos, não apenas com a vítima, pois ambos precisam de auxílio e devem ter o desejo de mudar para uma verdadeira transformação no relacionamento abusivo.

Dar atenção ao aspecto relacional, porém, não significa que a violência contra a mulher não seja problema relevante – ao contrário, tanto que este estudo também tratará do assunto. Entretanto, não se pretendeu parar a investigação nesse aspecto, mas ir além, com vistas a abranger, também, a violência psicológica praticada pela mulher, ampliando-se o conhecimento sobre o assunto.

O posicionamento aqui adotado ajuda, ainda, a reunir indicadores necessários para futuras pesquisas, bem como permite levantar, por exemplo, quais as semelhanças e diferenças entre os gêneros na prática da violência num relacionamento íntimo, partindo-se sempre do pressuposto de que as diferenças achadas não são biológicas ou naturais, mas socialmente construídas, o que permitirá a melhor compreensão das masculinidades e das feminilidades em suas dinâmicas relacionais.

Embora especificado o conceito de violência psicológica que embasou o desenvolvimento da pesquisa, ressalta-se que o entendimento epistemológico adotado pressupõe a implicação do pesquisador na construção do objeto de estudo. Assim, não há verdades absolutas a serem desveladas, pois se reconhece o aspecto mutável do fenômeno que, segundo a nova visão paradigmática de ciência, pode ser uma coisa e outra, portanto, passível de discussão (VASCONCELLOS, 2002).

Conforme visto, a violência psicológica é a limitação do modo de ser do outro, não o reconhecendo como sujeito, mas como objeto que deve amoldar-se às vontades de quem a pratica, sob pena de ser subjugado, sofrer humilhações, críticas e ameaças; é, assim, o exercício do poder de um sobre o outro, para diminuí-lo e evitar o seu livre arbítrio. Para Day

et al. (2003, p. 10), a violência psicológica é “toda ação ou omissão que causa ou visa a causar dano à auto-estima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa”.

Desta forma, o fenômeno do abuso psíquico possui muitas facetas, e a que mais interessa a esta pesquisa é a violência psicológica como exercício de controle sistemático das atitudes, comportamentos e papéis esperados do(a) parceiro(a), utilizando-se de subterfúgios reiterados como manipulações, ameaças, chantagens, isolamentos e demais ações ou omissões que visem a limitar a autodeterminação do outro.

Portanto, a violência psicológica é entendida como a imposição de limites e regras de convivência que não respeitam a opinião do outro, havendo um processo de transformação do sujeito em coisa e um padrão de relação que não reconhece a singularidade do ser. Destaca-se, também, o seu caráter de repetição que a torna “natural”, não se caracterizando como uma conduta isolada, mas costumeira que ocorre em pequenas doses ao longo do tempo (ALVIM; SOUZA, 2005; HIRIGOYEN, 2014). Este tipo de violência, então, “implica em lenta e contínua destruição da identidade e da capacidade de reação e resistência da vítima, sendo comum que progrida para prejuízo importante à sua saúde mental e física” (HERMANN, 2008 *apud* MACHADO; DEZANOSKI, 2014, p. 113).

Em resumo, são características da violência psicológica: seu caráter repetitivo, sistemático, dissimulado, com a finalidade de exercício de controle e dominação, como isolamento forçado em relação a amigos e família, vigilância constante e restrição de acesso a recursos (DAY *et al.*, 2003; HIRIGOYEN, 2014; MACHADO; DEZANOSKI, 2014). Neste sentido, há diversas teorias sobre quais circunscritores influenciam a ocorrência da violência no casal, dos quais destacam-se as perspectivas biológicas, psicológicas e sociais, bem como as que indicam a inter-relação dessas três dimensões, compreendendo a violência como multifatorial (OLIVEIRA; FERREIRA, 2017) e de interação de fatores pessoais, situacionais e socioculturais (DAY *et al.*, 2003).

Ressaltando características dos indivíduos, Ataíde (2015) sugere a existência dos seguintes facilitadores da violência: parceiro(a) controlador(a), possessivo(a) ou ciumento(a), dependência do outro, infidelidade, álcool, problemas familiares, consumo/abuso de substâncias e psicopatologias. Para Ritt (2007), contribuem para a violência: a não utilização da palavra, do diálogo e da argumentação, bem como a exclusão, o preconceito, a discriminação e o abuso de poder. Alvim e Souza (2005), que adotam uma perspectiva relacional, entendem que são facilitadores da violência no casal: a não-negociação das diferenças, a intolerância à alteridade, a impossibilidade de trocas, as concepções rígidas

sobre o que é ser homem ou mulher, as dificuldades financeiras, o estilo de criação dos filhos, o trabalho e desemprego, o sexo, o ciúme e a traição.

Day *et al.* (2003) classificam os fatores de risco para ocorrência da violência contra as mulheres em: a) *fatores pessoais do agressor* – ser homem, ter presenciado violência conjugal quando criança, ter sofrido abuso quando criança, pai ausente, consumo de bebidas alcoólicas e/ou drogas; b) *fatores de risco da relação* – conflito conjugal e controle masculino da riqueza e da tomada de decisões na família; c) *fatores da comunidade* – pobreza e desemprego, associação a amigos delinquentes e isolamento das mulheres e famílias; e, d) *fatores da sociedade* – normas socioculturais que concedem aos homens o controle sobre o comportamento feminino, a aceitação da violência como forma de resolução de conflitos, o conceito de masculinidade ligado à dominação, honra ou agressão e os papéis rígidos para ambos os sexos. Ainda, ter sofrido maus-tratos na infância ou ter presenciado relação conjugal conflituosa dos pais são importantes fatores de risco para a repetição da violência (MARTÍN, 1999; DE ANTONI; BARONE; KOLLER, 2007), bem como ciúme, baixa autoestima e insegurança (CORTEZ; PADOVANI; WILLIAMS, 2005).

Ravazzola (1997) *apud* Falcke *et al.* (2009) considera fatores de risco para a ocorrência da violência conjugal: pouca autonomia de membros da família, estereótipo do agressor como único responsável, figura de autoridade hierarquicamente superior à vítima e a atribuição de justificativas à atitude do agressor, legitimando-a. Falcke *et al.* (2009) ressaltam, também, a dependência cultural e financeira como um facilitador, ao citarem estudos de Garcia *et al.* (2008) e de Lamoglia e Minayo (2009) que revelaram a predominância de mulheres com profissão de empregada doméstica e donas de casa dentre as vítimas de violência doméstica.

Sobre as diferenças entre facilitadores masculinos e femininos, Correa (1983) *apud* Alvim e Souza (2005) cita como motivação para assassinato de homens pelas parceiras: rixas com inimigos, vingança e envolvimento com álcool e drogas. A justificativa masculina mais utilizada para a prática da violência é a defesa da honra, e as femininas são: defesa própria e proventos insuficientes disponibilizados pelo companheiro. A dependência emocional é citada por Day *et al.* (2003) como motivo para permanecer no relacionamento abusivo. Diversos estudos associam, ainda, VPI e dificuldades de regular as emoções (SHOREY *et al.*, 2011; WATKINS; DILILLO; MALDONADO, 2015a; BLITON *et al.*, 2016; CAIOZZO; HOUSTON; GRYCH, 2016; HESSER *et al.*, 2017;), especialmente, as emoções negativas e quando o(a) agressor(a) é confrontado(a) pelo(a) parceiro(a) que também comete violência (MCNULTY; HELLMUTH, 2008).

Estudo feito por Berke *et al.* (2016) sugeriu que os processos de socialização masculina contribuem para a violência no casal cometida pelos homens, tanto por aqueles que aderem a normas rígidas de gênero, quanto por aqueles que se avaliam negativamente por falharem em seguir essas normas. Segundo os autores, o risco desses homens cometerem ato violento é aumentado quando eles encontram problemas para regular as emoções.

Dado o discutido até aqui, não há uma causa para a violência psicológica no casal, havendo, sim, incontáveis fatores que podem contribuir para a sua ocorrência. Desta forma, a postura epistemológica adotada compreende a violência como fenômeno complexo e multifacetado, não passível de explicação linear de causa e efeito. Por isso, a pesquisa não investigará causas da violência, mas alguns de seus circunscritores dispostos em uma rede, conforme a acepção adotada pela RedeSig (ROSSETTI-FERREIRA *et al.*, 2004).

Nesta seara, destaca Vasconcellos (2002, p. 114) que “pensar o objeto em contexto significa pensar em sistemas complexos, cujas múltiplas interações não se inscrevem numa causalidade linear – tal causa produz tal efeito – e exigem que se pense em relações causais recursivas”. O tema da violência não pode ser compreendido de forma isolada do seu contexto, pois consistem em fenômenos que afetam e são afetados por múltiplos fatores.

É fundamental, então, entender o fenômeno da violência como um produto social de uma realidade exterior que se consolida por meio de informações, imagens, opiniões, valores e atitudes em relação a um determinado objeto; por outro lado, como um processo, uma atividade de apropriação da realidade e de elaboração psicológica e social dessa realidade.

A justificativa para a escolha do tema abuso psicológico consiste em se tratar de um tipo de violência mais difícil de ser reconhecido que a violência física, muitas vezes naturalizada e tão arraigada nos hábitos culturais de grande parte das sociedades ocidentais, que não é visto como violência, ou pior, muitas vezes é confundido com atos de carinho e cuidado. Não se nega, entretanto, que a sua caracterização é individual, pois implica em sofrimento para os sujeitos da relação; contudo, o sofrimento pode se dar ainda que o sujeito não reconheça estar diante de um ato de violência.

Na mesma linha, Saffioti (2015) alerta que um mesmo fato considerado agressivo por uma mulher pode ser considerado normal por outra, razão pela qual aquela autora evita adotar o conceito de violência enquanto ruptura de integridade (seja moral, sexual, física ou psicológica) e prefere usar o nome *direitos humanos* quando a modalidade de violência apresenta limite aproximado ao que chama de normalidade. O caráter sutil da violência psicológica e a linha tênue que a separa dos cuidados saudáveis e dos compromissos existentes em um relacionamento geram contornos mais polêmicos para o assunto.

Assim, apesar de ser uma violência nem sempre fácil de identificar, está presente em 23% dos casos de atendimentos de mulheres pelo SUS, tendo a residência como o local onde se pratica a maior parte da violência não letal contra ambos os sexos, sendo as mulheres as maiores vítimas (71,9%) em comparação aos homens (50,4%), segundo o Mapa da Violência (WAISELFISZ, 2015).

Dados da Delegacia Geral de Polícia Civil demonstram que, em 2018, em Manaus, a lesão corporal aparece apenas em terceiro lugar em número de registros, sendo que ameaça e injúria lideram as ocorrências, no mesmo período (AMAZONAS, 2018).

Por todo o exposto, e seguindo-se a tendência dos estudos sobre gênero, almejou-se compreender o aspecto relacional – portanto, dinâmico – envolvido nas vivências marcadas pela violência psicológica; logo, não se está interessado em compreender somente o resultado final, mas sim o processo pelo qual o fenômeno se desenvolve até a concretização do ato de violência. Assim, foram levadas em consideração a influência das relações de gênero, da cultura da honra e da regulação emocional nos relacionamentos abusivos.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar como os fenômenos relacionados à construção de papéis de gênero e regulação emocional, no contexto da cultura da honra, interagem e indicam caminhos para compreender a ocorrência da violência psicológica no casal, em seu aspecto bidirecional.

2.2 Objetivos Específicos

- Analisar como o gênero, o patriarcado e a cultura da honra corroboram com as práticas de violência psicológica bidirecional no casal;
- Investigar a influência da regulação emocional nos relacionamentos abusivos; e,
- Compreender como questões de gênero, patriarcado, notadamente a cultura da honra e regulação emocional, estão envolvidas na violência psicológica no contexto das relações íntimas de afeto.

3 MARCO TEÓRICO

3.1 A Psicologia Histórico-Cultural

A psicologia histórico-cultural foi um marco de mudança paradigmática na forma de construção e desenvolvimento da Psicologia, ao alterar a visão de homem – até então atrelada a uma concepção organicista, mecanicista, cartesiana e determinista – para compreendê-lo enquanto ser que se forma no mundo, não nasce pronto, mas se constrói conforme interage com o outro. O momento histórico pós-revolução russa formou um campo propício para esta nova percepção (REY, 2003) e, influenciados pela dialética marxista, autores como Vygotsky, Luria e Leontiev – apenas para citar alguns dos mais importantes – foram precursores desta abordagem.

Conceitos utilizados por Vygotsky, como filogênese, ontogênese, sociogênese e microgênese, são essenciais para o entendimento da proposta trazida pela psicologia histórico-cultural, por se tratar de uma linha de entendimento interacionista. O substrato do desenvolvimento humano filogenético lança luz sobre os limites e as possibilidades de um ser interligado a um corpo, com características próprias da espécie, assim como a ontogênese atrela os indivíduos de uma mesma espécie a fases típicas de desenvolvimento. Menos determinista, mas ainda com certos limites estruturais impostos, a sociogênese observa o sujeito inserido num determinado tempo histórico e cultural, ao passo que a microgênese, finalmente, lança sua atenção sobre microprocessos na história do indivíduo, sobre as experiências diversas por que passa uma pessoa nas mais variadas situações, que vão constituindo sua subjetividade e que permitem as idiossincrasias (OLIVEIRA, 1997).

Com isso, observa-se uma gradação no nível de determinação desses planos no desenvolvimento humano, indo de um sistema predeterminado para um sistema mais aberto. Denota-se, assim, que a filogenia e a ontogenia limitam o homem ao seu sistema biológico, ao seu corpo, enquanto que a sociogênese é menos fechada que os dois primeiros substratos ao permitir certa mobilidade dentro das arestas de uma estrutura social. Desta maneira, se por um lado a cultura influencia fortemente o modo de ser do homem no mundo, ela lhe permite, por outro lado, libertar-se de ser apenas um sistema biológico, de modo que, se biologicamente ao homem não é permitido voar, em compensação a tecnologia o possibilitou inventar o avião. Logo, a microgênese é de grande relevância nos estudos de Vygotsky para ultrapassar a visão determinista, uma vez que é este o substrato de estudo do ser humano que irá se voltar à constituição das singularidades, tratando-se da menor unidade de análise do desenvolvimento.

Uma importante característica que distingue o homem dos outros animais, segundo a teoria de Vygotsky, é a sua capacidade de pensar em objetos ausentes, imaginar histórias e eventos nunca vividos, sua aptidão de operar mentalmente sobre o mundo ao fazer comparações, planejar, bem como, especialmente, a capacidade de formar representações que substituem o próprio real, ao que denominou de funções psicológicas de tipo superior (BAQUERO, 2014).

Neste sentido, utilizando as funções psicológicas superiores, o homem dá sentido ao mundo ao seu redor. Considerando que o sentido é dinâmico, complexo e individual, ressalta-se que os processos de produção de sentido revelam a habilidade do sujeito de atribuir expressões diferentes em situações aparentemente iguais (REY, 2003).

Um dos principais conceitos de Vygotsky sobre o funcionamento psicológico é a mediação, que significa um elemento intermediário entre o indivíduo e o mundo que o circunda. “Vygotsky trabalha, então, com a noção de que a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas, fundamentalmente, uma relação mediada” (OLIVEIRA, 1997, p. 27), e esses mediadores são os instrumentos e os signos. Os instrumentos são objetos utilizados para facilitar o trabalho e transformar a natureza, sendo deliberadamente desenvolvidos pelo homem com um fim específico. Por sua vez, os signos são ferramentas que representam outros objetos: “signos podem ser definidos como elementos que representam ou expressam outros objetos, eventos, situações” (OLIVEIRA, 1997, p. 30).

Através do processo de internalização, marcas externas se transformam em processos internos e os signos internos substituem os objetos do mundo real, portanto, a partir de sua interação com o meio, cada um formará seu próprio sistema interno de interpretação da realidade, que é subjetivo e está em constante movimento, sofrendo influências variadas, tanto biológicas quanto culturais. Em uma perspectiva dialética, a atribuição de sentido é multideterminada, em que participam as percepções, as emoções e a história do sujeito, transformando-se constantemente a si e o contexto em que se encontra.

A teoria da Psicologia Histórico-Cultural é importante no desenvolvimento da pesquisa proposta porque o fenômeno da VPI abrange sentidos atribuídos pelos sujeitos a fenômenos externos, sociais e históricos, como é o caso da cultura patriarcal, caracterizada por códigos de conduta baseados no gênero. Tais sujeitos também operam sobre o mundo, agindo no contexto violento de acordo com a significação atribuída e com as emoções que lhes são despertadas.

A análise do fenômeno em unidades é indicada por Vygotsky (1998) porque possibilita a compreensão dinâmica do objeto de estudo sem separar seus componentes

intelectuais e afetivos. Por isso, a seguir, pretendemos contextualizar as seguintes unidades que integram o fenômeno da VPI: questões de gênero, cultura da honra e regulação emocional.

3.2 Movimentos Feministas e Questões de Gênero

A emergência das discussões de gênero foi fomentada pelo movimento feminista e, em virtude disso, sua acepção está diretamente ligada à história dessa luta. Sendo assim, para se compreender o conceito de gênero faz-se necessária uma recuperação histórica (LOURO, 2003).

Uma das citações mais antigas da literatura feminista data do século XVIII: trata-se da “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã”, de Olympe de Gouges, baseada na Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789. No Reino Unido, em 1792, Mary Wollstonecraft publicou “A reivindicação dos direitos das mulheres”. Em 8 março de 1857, mulheres que trabalhavam na Fábrica de Tecidos Cotton, de Nova York, promoveram uma greve para reivindicar melhores salários e redução da jornada de trabalho, e foram queimadas em um incêndio no galpão da fábrica, levando à morte 129 operárias – a data foi, posteriormente, reconhecida como Dia Internacional da Mulher (GALINKIN; ISMAEL, 2013).

Entretanto, foram nas últimas décadas do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos da América, e no século XX, no Brasil, que a luta por igualdade de direitos entre homens e mulheres surgiu como movimento. A primeira fase, chamada primeira onda, caracterizou-se pelo combate ao quadro de submissão da mulher, tecendo-se críticas à ciência hegemônica e à dominância hierárquica masculina. Promoveu-se, desta forma, a luta por igualdade de direitos entre homens e mulheres, especialmente pelo direito ao voto, iniciada pelas mulheres inglesas – o direito ao voto foi conquistado, no Reino Unido, em 1918 (PINTO, 2010).

No Brasil, a primeira onda feminista foi marcada, na década de 1910, além da reivindicação sufragista, pelo movimento operário liderado pela Fundação da União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas. Em 1917, ocorreu a Passeata de Mulheres, no Rio de Janeiro, pleiteando o direito ao voto feminino, tendo sido organizada pelo Partido Republicano Feminino; no mesmo ano, o Estado brasileiro admitiu o ingresso de mulheres no serviço público. Em 1932, foi promulgado o Novo Código Eleitoral brasileiro, conferindo às mulheres o direito ao voto. Ainda, a Assembleia Nacional Constituinte, de 1934, assegurou o

princípio da igualdade entre os sexos, o direito ao voto feminino, a regulamentação do trabalho das mulheres e a igualdade salarial (BANDEIRA; MELO, 2010).

No entanto, a luta feminista enfraqueceu-se após a conquista do voto. Conforme ressaltado por Louro (1987), as reivindicações mais imediatas da primeira onda estavam ligadas aos interesses das mulheres brancas de classe média e, após o alcance de seus objetivos, o movimento passou a ter pouca expressividade entre as décadas de 1930 e 1950, tanto no Brasil quanto na Europa e nos Estados Unidos. Nesse período, um dos eventos mais importantes foi o lançamento, em 1949, do livro de Simone de Beauvoir, “O segundo sexo”, que questionou o caráter biológico e naturalizante conferido às diferenças entre homens e mulheres (PINTO, 2010).

Na década de 1960, o movimento feminista ressurgiu na Europa e nos Estados Unidos. A segunda onda trouxe para a pauta de discussões as relações de poder entre homens e mulheres e o inconformismo quanto aos tradicionais arranjos sociais e políticos, bem como voltou-se para as construções teóricas, quando foi problematizado o conceito de gênero (LOURO, 2003). O cenário é marcado, então, pela criação da pílula anticoncepcional, nos Estados Unidos e, em 1963, Betty Friedan lança o livro “A mística feminina”, que exerceu grande influência no movimento feminista (PINTO, 2010).

Nesse contexto, surgem os estudos da mulher, nas universidades e escolas, liderados por estudiosas, docentes e pesquisadoras que visavam ampliar o espaço de atuação das mulheres – até então restrito ao âmbito privado – e reverter o quadro de invisibilidade feminino, especialmente na ciência; os estudos não eram neutros, mas assumidamente interessados, com forte cunho político e intenções de realizar transformações. Embora tenham sofrido críticas em razão do caráter apaixonado com que eram conduzidos, esses estudos trouxeram grande contribuição para o levantamento de informações e estatísticas, denunciando as lacunas e os vieses nos materiais escolares, fomentando a discussão de temas como família, sexualidade e opressão, e ajudando a promover a integração feminina ao espaço público (LOURO, 2003).

No Brasil, a década de 1960 foi marcada pelo golpe militar e um momento de total repressão política. Ainda assim, a luta feminista foi expressiva na década de 1970. O assassinato de Ângela Diniz por Doca Street, no Rio de Janeiro, em 1976, mobilizou inúmeras entidades de mulheres na luta contra a violência. Em 1979, a ONU aprovou a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW) (BANDEIRA; MELO, 2010).

Com a redemocratização política no Brasil, nos anos de 1980, o movimento feminista voltou a ganhar força e reivindicou uma variada pauta de direitos das mulheres, tais como: violência, direito ao trabalho, sexualidade, isonomia nas relações conjugais, acesso aos programas de saúde voltados ao atendimento materno-infantil, luta contra o racismo, entre outros (PINTO, 2010). Em 1981, o governo brasileiro ratificou a CEDAW (BANDEIRA; MELO, 2010).

Naquela década, muitos planos e órgãos de políticas para as mulheres foram criados: em 1983, foi criado o Plano Estadual de Políticas para as Mulheres (PEPM), no Estado de Minas Gerais; em 1984, criou-se o Conselho Nacional da Condição da Mulher, cujos esforços resultaram na inclusão de direitos significativos das mulheres na Constituição de 1988 (ALVIM; SOUZA, 2005); ainda em 1984, foram criados os Conselhos Estaduais de Defesa da Mulher em Minas Gerais e em São Paulo, e o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher, do Ministério da Saúde (PAISM); em 1985, foi criado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) e a primeira Delegacia Especializada de Atendimento às Mulheres Vítimas de Violência, em São Paulo (BANDEIRA; MELO, 2010).

Em 1994, destacaram-se: a realização da Conferência Mundial dos Direitos Humanos, em Viena, Áustria; a organização da Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas (REDEFEM), formada por pesquisadoras/es independentes de todo o Brasil, que se dedicam aos estudos feministas e às relações de gênero; e, a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra as Mulheres, realizada em Belém do Pará/PA (BANDEIRA; MELO, 2010).

No início deste século, a violência doméstica recebeu destaque: em 2003, com a criação da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM/PR), com *status* de Ministério; em 2004, ocorreu a I Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres (CNPM), realizado pela SPM e CNDM, que deu origem ao I Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (PNPM), lançado no ano subsequente; em 2006, foi promulgada a Lei Maria da Penha (Lei n. 11 340, de 7 de agosto de 2006); no ano seguinte, ocorreu a II CNPM, foi criada a Coordenadoria Especial de Políticas para as Mulheres (CEPAM), no Estado de Minas Gerais e foi lançado o Pacto Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, como parte da Agenda Social do Governo Federal; e, em 2008, foi criado o II PNPM (ALVIM; SOUZA, 2005).

Voltando ao cenário internacional, nas décadas de 1980 e posteriores, desenvolveram-se as primeiras categorias taxonômicas sobre gênero, fruto de estudos sobre as condições da mulher (GALINKIN; ISMAEL, 2013). Contudo, foi a partir de 1990 que se difundiu a

compreensão da violência contra a mulher enquanto exercício do poder para subjugar-la, passando-se a falar em violência de gênero, ou seja, aquela que propõe preservar a estrutura social hierarquizada, produzida no bojo das relações de poder, legitimadas socialmente, dos homens sobre as mulheres, não restrita ao âmbito familiar (ATAÍDE, 2015).

A palavra “gênero” passou a ser utilizada pelas feministas para se referirem à relação entre os sexos e rejeitar o determinismo biológico, admitindo-se que as diferenças são construções culturais. Sendo assim, “trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. ‘Gênero’ é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (SCOTT, 1995, p. 75).

Em sua utilização mais simplificada, “gênero” designa “mulheres”, visando obter reconhecimento político do campo de estudos sobre as mulheres e legitimidade para os estudos feministas. Isto porque o termo “gênero” remete às mulheres sem lhes nomear, constituindo-se, então, menor ameaça da suposta ruidosa política feminista, além de sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é, também, informação sobre os homens, dado seu aspecto relacional (SCOTT, 1995).

Para a autora, “gênero” pode ser usado de duas maneiras: em seu aspecto descritivo e de maneira analítica. A primeira forma é útil para sublinhar as relações sociais entre os sexos, porém, não explica como tais relações funcionam, tampouco questiona os paradigmas históricos existentes, função esta cumprida pela segunda maneira de usar a expressão “gênero”, isto é, como categoria de análise histórica.

Saffioti (2015, p. 47), embora ressalte que gênero não se limita a uma categoria de análise, o reconhece como categoria histórica que consiste na “construção social do masculino e do feminino”. Para ela, enquanto categoria histórica, o gênero pode ser compreendido como símbolos culturais a evocar representações, identidade subjetiva, divisão de atribuições assimétricas e aparelho semiótico. Não necessariamente significa desigualdade ou diferença hierárquica entre homens e mulheres, embora algumas feministas entendam que a hierarquia está sempre presente – independente do momento histórico –, o que consiste em um problema teórico, uma vez que impede uma correta interlocução entre gênero e patriarcado, este último, sistematizado da seguinte forma:

1 – não se trata de uma relação privada, mas civil;

2 – dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres, praticamente sem restrição.
(...);

3 – configura um tipo hierárquico de relação, que invade todos os espaços da sociedade;

- 4 – tem uma base material;
- 5 – corporifica-se;
- 6 – representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência (SAFFIOTI, 2015, p. 60).

Nas culturas fortemente influenciadas pelo machismo, as relações de poder são demarcadas pela tentativa de dominação do homem sobre a mulher, desrespeitando-se a autodeterminação feminina e tratando-a como objeto e propriedade (RITT, 2007). A violência, neste contexto, é impressa como forma de castigo (quando a mulher diverge das expectativas a ela impostas), como educação (para que se amolde aos papéis tradicionais) ou como defesa da honra (quando se entende que há uma reputação que, para ser mantida, necessita da demonstração de força, virilidade e poder perante a comunidade, então ameaçada por algum comportamento feminino dito “desonroso”) (MOSQUERA; MANSTEAD; FISCHER, 2002; VANDELLO; COHEN, 2003).

Papeis de gênero ditam, antes do nascimento do bebê, o que a sociedade espera do ser masculino e do ser feminino, como este indivíduo vai desenvolver sua subjetividade a partir da interação com o meio social e como exercerá influência na formação desse mundo através das suas relações e de seus instrumentos de mediação. Nesse contexto, as relações se regem por códigos de conduta que determinam o que é normal, apropriado e esperado para cada um, de acordo com o sexo, como, por exemplo, “meninos vestem azul e meninas vestem rosa”. A frase dita pela Ministra da Família, Damare Alves, e viralizada nas redes sociais, preocupa não apenas pelo seu sentido literal, visto que, conforme explicado por ela própria, tratou-se de termo figurado, mas especialmente por representar demais limitações ao que meninos e meninas podem fazer, baseadas em regras sexistas.

Assim, ainda hoje, a mulher, muitas vezes, é retratada como mãe, rainha do lar, esposa fiel e dedicada ao marido e aos filhos, sendo que a conquista do mercado de trabalho e de todos os outros setores na vida social e política não desincumbiu a mulher dos estereótipos de genitora e dona de casa. Entende-se, neste sentido, que ela pode estudar desde que não deixe de se casar e criar os filhos, bem como pode trabalhar, contanto que não descuide dos afazeres domésticos. Logo, nas culturas patriarcais, às mulheres são apropriados os espaços privados, nos quais devem exercer atividades prescritas como idôneas, segundo o estereótipo de gênero feminino, cuja transgressão permite ao homem aplicar-lhe um castigo socialmente legitimado como coibição moral às condutas e ao corpo da mulher (CANTERA, 2007).

Segundo Lamoglia e Minayo (2009), os homens agridem como forma de coerção pela desobediência da mulher, e relatam que, geralmente, a avisam sobre a inadequação dos

comportamentos e, quando não obedecidos, batem, responsabilizando-a pelo descontrole masculino. Do ponto de vista social, Oliveira e Ferreira (2016) compreendem a violência como uma herança de um passado distante, uma cultura secular que utiliza a violência como estratégia pedagógica. De acordo com Ritt (2007), a violência advém de uma sociedade patriarcal e de uma cultura machista, e, conforme Saffioti (2015), a característica central do patriarcado é o controle da sexualidade feminina, tendo por valor maior a fidelidade das esposas a seus maridos.

Deste modo, é importante frisar que essa herança cultural já está em processo de desconstrução; no entanto, muito ainda precisa ser feito para alcançar relações mais igualitárias. Para isso, é importante adotarmos uma postura crítica com o intuito de não ratificarmos e perpetuarmos a ideia de papéis rígidos de gênero, visto que as possibilidades do ser são muito mais amplas do que ditam as classificações binárias tradicionais. Não se deve mais admitir, atualmente, que as pessoas se enquadrem nos estereótipos masculinos e femininos; ao contrário, merece ser fomentada e reconhecida a diversidade nas relações e a complexidade do ser humano de se desenvolver, se realizar, se perceber e atuar no mundo.

Está na hora de rever essa visão sobre o feminino, pois, do contrário, o desvio desse padrão legitimará o homem, e mesmo outras mulheres, a reprimir e julgar as esposas e filhas que descumpram seus “deveres” e, com isso, a violência se tornará invisível, uma vez que será aceita socialmente e interpretada como ato educativo, plenamente justificado e necessário para trazer à normalidade ou castigar aquela que teve uma “conduta moralmente condenável”.

O gênero não limita as masculinidades e as feminilidades a traços psicológicos derivados do sexo biológico, universal, da constituição anatômica e fisiológica, mas as amplia para uma construção sociocultural ligada a estruturas de dominação, discriminação e desigualdade (CANTERA, 2007). Corroboramos com a autora na compreensão do gênero enquanto construção social e, nesse sentido, ressalta-se uma característica fundamental do gênero: libertar o ser para todas as suas possibilidades no exercício de atividades sociais, comportamentos, pensamentos e opiniões que não estão vinculados ao sexo biológico, embora encontrem estereótipos bem demarcados devido a uma construção histórica e cultural, porém que não é natural e, por isso, pode ser modificada.

Cantera (2007) defende, ainda, que o gênero é a consciência de pertencer a uma classe sexual específica, definida em termos binários e culturalmente construída. Assim como o sexo constitui uma estrutura biológica, natural, o gênero é a constituição psicossocial do ser, a referência do eu para assunção e internalização de papéis sociais correspondentes; para a autora, “o gênero equivale à correspondência cultural do sexo” (CANTERA, 2007, p. 38).

Embora interessante a analogia feita, uma vez que é útil para compreender grande parte da ideia sobre o gênero, neste ponto, a comparação pode ser limitante, pois, na contemporaneidade, sexo e gênero vão além de uma concepção binária. Além disso, o conceito de gênero é mais flexível que o de sexo biológico e não implica, necessariamente, na consciência de pertencimento a uma classe sexual específica, mas a qualquer uma, ou melhor, na consciência de não se determinar em função de qualquer classe sexual e, inclusive, reconhecer que há masculinidades e feminilidades, diversas formas de ser, muito mais variadas que uma classificação binária e estática ao longo da vida.

A noção da categoria gênero vem muitas vezes sendo confundida com a ideia de sexo feminino, quando em realidade surgiu exatamente para destacar essa distinção, pois sexo indica uma diferença anatômica inscrita no corpo, gênero significa uma construção social, material e simbólica, a partir dessa diferença, que transforma bebês em homens e mulheres, em cada época e lugar de diferentes maneiras (SCHRAIBER; D'OLIVEIRA, 1999, p. 14).

Nesta linha, Butler (2015) vai além ao inscrever o próprio sexo biológico na ordem da construção histórico-cultural; para ela, portanto, o sexo é tão culturalmente construído quanto o gênero. A autora tece, assim, uma crítica à concepção do sexo como pré-discursivo, natural ou anterior à cultura e entende que esta visão assegura sua estrutura binária, o que ela busca desconstruir afirmando que o gênero não é mera inscrição cultural do sexo previamente dado, e que “o corpo é uma situação” (BUTLER, 2015, p. 29). O corpo é interpretado por significados culturais; é, em si, uma construção sem sentido prévio à inscrição de seu gênero. Além disso, ela reflete os mecanismos da construção cultural do gênero, apontando para o problema do entendimento determinista dos corpos como meros recipientes de uma lei cultural inexorável. Percebe, desta maneira, que o discurso limita as configurações imaginárias do gênero – baseado em estruturas binárias – e ressalta que o gênero só existe em relação ao outro, logo, não é um atributo individual.

Como se vê, gênero não é um conceito unívoco. Bento (2006) *apud* Galinkin e Ismael (2013) aponta três linhas de estudos de gênero: 1) caráter universal das postulações sobre gênero, cujo marco inicial é a obra de Simone de Beauvoir; 2) tendência relacional, que buscou desconstruir a ideia de mulher universal e englobou discussões sobre classe social, etnia, raça, etc., sendo que exemplo de representante desta visão é Joan Scott, que compreende o gênero como categoria de análise que desnaturaliza as relações binárias entre os sexos, uma forma de significar as relações de poder e identificar políticas e discursos para compreender como o gênero constrói as relações sociais; e, 3) tendência plural, cuja principal

representante é Judith Butler, que trabalha com o conceito *queer*, novo modelo de análise das identidades compreendidas como performáticas.

Sendo assim, como não são homogêneos os movimentos feministas, Galinkin e Ismael (2013) organizam didaticamente os feminismos em cinco correntes: **1) corrente igualitária** – na origem do movimento feminista, reivindicava a igualdade entre os sexos, sendo exemplos os textos de Simone de Beauvoir e de Betty Friedan, em que as análises focavam nos mecanismos de dominação da mulher; **2) corrente marxista** – estuda a condição da mulher com base nas teorias das relações de classes e o exercício de poder pelo patriarcado, usando a teoria feminista que compreende a opressão e a subordinação da mulher; **3) corrente psicológica/psicanalítica** – pretende inverter os pressupostos psicanalíticos falocêntricos, tendo como representantes Carol Gilligan e Luce Irigaray; **4) corrente *queer*** – ganhou forma a partir da segunda metade da década de 1980, ao criticar padrões normativos heterossexuais e os estudos feministas circunscritos a visões dualistas de sexo/gênero e da universalidade da imagem da mulher; representada por autoras pós-modernistas, defende que as mulheres nunca constituíram uma categoria homogênea e tem sua maior expoente em Judith Butler, que compreende o sujeito como “performático” e “engendrado”, cuja identidade não é estática, mas fluida, contraditória e em constante construção; e, **5) corrente femilidade/identidade** – interpreta os mitos femininos presentes na linguagem e nos discursos científicos, buscando reascender a maternidade como centro do poder, e tem suas principais teóricas Joan Scott e Nancy Chodorow.

As duas últimas visões criticam a corrente marxista ou do patriarcado, a ideia de sujeito universal, atemporal e androcêntrico, sendo englobadas dentro das teorias feministas pós-estruturalistas por basearem-se em nomes como Michel Foucault e Jacques Derrida; postulam a substituição da igualdade pela diversidade. A corrente *queer*, por exemplo, aponta a construção social não apenas dos papéis, mas também dos próprios corpos na heterossexualidade normativa (GALINKIN; ISMAEL, 2013).

Portanto, o recorte de gênero, desenvolvido pelas teorias feministas, é uma importante dimensão para compreender os papéis exercidos no casal e a distribuição hierárquica do poder, sendo assim, de substancial relevância para o desenvolvimento da pesquisa no tema da violência psicológica.

Entretanto, as questões de gênero não são suficientes para encerrar os debates acerca da VPI. Neste sentido, é importante apresentarmos, também, um panorama geral referente às discussões teóricas sobre a violência no relacionamento íntimo e esclarecermos que há vários modelos explicativos adotados ao longo da história, a fim de situarmos o presente trabalho

dentre as várias correntes existentes. Conforme observado até aqui, enfatizamos questões de gênero como cruciais para a compreensão da VPI, contudo, não nos restringimos a uma única explicação, filiando-nos a um recorte multifacetado da violência.

Assim, elucidamos que, segundo Soares (1999), numa classificação mais ampla há duas grandes correntes explicativas para o fenômeno da VPI: uma é a perspectiva feminista tradicional, que adota o modelo de “violência contra a mulher” ou modelo do “controle e poder”, e a outra que se filia ao modelo do “conflito”.

A primeira perspectiva defende que a VPI se resume à questão de gênero e encara a violência como mecanismo de poder e controle a partir de condicionantes culturais compostos por vítimas radicais (mulheres) e agressores absolutos (homens). Segundo essa visão, as demais formas de violência na família decorrem da violência sofrida pela mulher e, quando a mulher também pratica violência, ela está reproduzindo o comportamento masculino e tem a intenção de se defender. Já para o modelo do conflito há um conjunto de ações violentas no mundo privado e o comportamento ocorre em meio a situações de conflito entre os membros da família – que pode ser cometido por todos os membros e é multideterminada – sendo que a cultura patriarcal para este modelo é apenas um dos fatores, mas não determinante. Alguns autores definem o debate classificando entre perspectiva feminista e sociológica (SOARES, 1999).

Soares (1999) esclarece, no entanto, que esses paradigmas se confundem e se articulam, na prática, com posições que se entrelaçam, havendo várias conexões entre as abordagens. A polarização ocorre nas contendas entre teorias mais acirradas e acaba por reconhecer que ambas as teorias têm sua importância e limitações. Sobre o tema, Oliveira (2004) explica que o primeiro modelo está centrado na argumentação da opressão das mulheres pelos homens, ou seja, é a violência como instrumento de dominação do homem sobre a mulher; por outro lado, o modelo baseado na ideia de conflito critica e elabora novas interpretações. Segundo ela, o julgamento ao modelo anterior ocorre a partir de dois eixos de discussão: distribuição da violência (tema polemizado nos EUA) e nova forma de olhar a problemática (mais adotado no Brasil).

Quanto a distribuição e forma da violência entre homens e mulheres, o modelo baseado no conflito apresenta dados estatísticos que demonstram a bidirecionalidade da VPI e conclui que a aprendizagem na infância não passa só pelo recorte de gênero, havendo maior foco em como o fenômeno acontece, no processo e na sua dinâmica. Quanto ao foco de análise, o modelo do conflito critica os textos feministas da década de 1980, uma vez que deixariam de olhar paradoxos, ambiguidades e tensões nas relações de gênero. Assim, o

problema do modelo feminista tradicional estaria no fato de que a mulher, ao mesmo tempo em que mostra incômodo com o comportamento masculino, sustenta seus argumentos nos mesmos valores, apropriando-se, contraditoriamente, a diferentes padrões culturais. Por isso, o modelo do conflito defende que as contradições são, também, a causa da violência, e surgiriam no bojo do processo de confusão e tentativas de negociação de padrões culturais (OLIVEIRA, 2004).

Esquemmatizando as correntes acima, Oliveira (2015) passa, então, a representá-las em dois polos e adota, por sua vez, uma terceira via, que chama de posicionamento mediador. No primeiro polo, utilizam-se os termos “violência contra a mulher” e, mais recentemente, “violência de gênero”, que já compreende agressão também contra homens, tratando-se de uma corrente mais coesa que valida contribuições feministas e utiliza a análise sobre a “dominação masculina”. O primeiro polo se subdivide numa corrente teórica característica do início do feminismo, à qual a autora atribui uma visão ingênua e maniqueísta da violência, bem como numa corrente mais recente do feminismo, que utiliza a visão relacional de gênero (característica adotada por esta pesquisa).

O segundo polo adota mais os termos “violência familiar” e, mais recentemente, “violência no casal”, expressão que usamos nesta pesquisa e é abraçada com o objetivo de não rotular nenhum dos componentes do relacionamento íntimo como vítima ou algoz. A autora classifica, ainda, o segundo polo como aquele que permite a avaliação de atos agressivos para além da discussão de gênero, consistindo em um polo que abriga uma diversidade maior de perspectivas teóricas, filosóficas e políticas. Este se subdivide em uma corrente severamente crítica às teorias feministas iniciais e outra que soma diferentes perspectivas ao feminismo, buscando compreender diversos fatores para a compreensão da VPI, os quais considera tão importantes quanto os de gênero (OLIVEIRA, 2015).

Como se percebe, não há unicidade nem mesmo dentro do feminismo, embora no início do movimento tenha se buscado identidade e discurso comuns. Entretanto, a unidade não é necessária, pois o sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes, e a incompletude permite espaço para significados contestados. A autora destaca que a categoria “mulheres” não abarca uma identidade comum, e o esforço do feminismo para localizar tal unicidade dificulta a investigação sobre as construções identitárias (BUTLER, 2015).

Portanto, se não há que se falar em homogeneidade do movimento feminista, quanto mais entre teorias explicativas para a VPI, há uma diversidade delas. Assim como Oliveira (2015), posicionamo-nos na terceira via, que valida ambos os polos anteriores e reconhece a

importância e os limites de cada um, assim como as condições históricas em que foram produzidos. Com isso, não negamos as reivindicações e as explicações feministas do início do movimento e adotamos as questões de gênero como importantes para elucidar uma grande parte das violências ocorridas entre o casal; por outro lado, entendemos que a questão pode ser ampliada, na medida em que não há uma categoria única de mulheres, nem de homens, mas diversas feminilidades e masculinidades.

3.3 Cultura da Honra

O fenômeno da honra está presente em quase todas as nações, contudo, o seu significado varia: nas culturas individualistas, depende mais da valoração que o próprio sujeito faz de si, do que do julgamento dos demais, já em sociedades coletivistas, a honra está no centro das relações, sendo de extrema importância para a formação do autoconceito e da autoestima. Nestas culturas, a afirmação do valor de uma pessoa depende da imagem que ela e seus familiares possuem perante a comunidade, traduzindo-se como o conjunto de hábitos, de regras de conduta e de crenças adotado pelo sujeito com o intuito de manter a reputação pessoal e familiar perante o grupo.

Honra enquanto integridade, altruísmo e caráter moral bom é valorizada por quase todas as culturas; entretanto, naquelas predominantemente coletivistas a imagem do sujeito na comunidade é o que mais importa, enquanto nas sociedades individualistas depende mais do julgamento pessoal, sendo percebida como um problema privado e um valor inalienável, uma vez que as ações dos outros não podem diminuir algo inerente (MOSQUERA; MANSTEAD; FISCHER, 2002; USKUL *et al.*, 2014).

Diferentes civilizações desenvolveram códigos comportamentais para a manutenção da honra, seja em nível individual ou grupal, compostos por valores normativos que classificam os diversos comportamentos em honrável ou desonrosos (MOSQUERA; MANSTEAD; FISCHER, 2000). Desta forma, o estudo da honra é importante para a compreensão de diversos comportamentos sociais, inclusive da violência (MANSTEAD; FISCHER, 2000; IJZERMAN; VAN DIJK; GALLUCCI, 2007; MOSQUERA *et al.*, 2008).

Para fins didáticos, culturas da honra (CH) e culturas não baseadas na honra são descritas aqui como dicotômicas. No entanto, as diferenças nos valores sociais e nas normas entre tais grupos consistem, sobretudo, em um *continuum* (VANDELLO; COHEN, 2003). Em países com cultura patriarcal arraigada, a honra está interligada a papéis de gênero desiguais: o homem entende que para ser visto com respeito diante do grupo precisa adotar postura ativa,

demonstrar força, virilidade e exercer a função de provedor, enquanto, para a mulher, são apreciados comportamentos mais passivos e valores como castidade, lealdade ao parceiro, ternura e dedicação à família e ao lar.

Em tais sociedades, a conduta feminina interfere na honra masculina e familiar, podendo valorizar ou manchar o nome do companheiro e da família. Por isso, julga-se a mulher segundo a sua capacidade de aceitar ou superar dificuldades na relação, exigindo-lhe mais sacrifícios em culturas da honra. “A importância da coesão familiar e regras de gênero tradicionais podem pressionar a mulher a permanecer no relacionamento, apesar do perigo de sofrer violência” (VANDELLO; COHEN, 2003, p. 998, tradução nossa).

O exercício de papéis de gênero tradicionais pode promover e perpetuar a violência doméstica, porque requer supervigilância dos homens a insultos e ameaças. O adultério feminino, ou a simples suspeita, diminui a reputação pública do homem, reforçando a ideia de que a mulher deve ser protegida de um rival masculino, levando o homem a exercer a função de defensor da honra própria, feminina e familiar; assim, caso falhe nessa tarefa, pode ser visto como fraco e vulnerável, alguém suscetível de ser enganado em outras situações. No Brasil colonial, por exemplo, era comum que o homem protegesse as mulheres de sua própria família de agressões sexuais, ao mesmo tempo em que buscava seduzir as mulheres de outras famílias, ou seja, seu *status* e sua reputação dentro da cultura masculina aumentavam em função de quantas mulheres fosse capaz de conquistar (NAZZARI, 1998).

A necessidade de deferência e fidelidade feminina para preservação da integridade do seu par romântico gera tensão no relacionamento íntimo, podendo ensejar violência doméstica, pois se a honra, de acordo com essa concepção, é suscetível de ser enaltecida ou manchada por terceiros, também pode ser defendida e “lavada”, nem que para isso se use a violência, socialmente justificada (implícita ou explicitamente) para esse fim. Desta forma, não responder com violência pode ser visto como vergonhoso (VANDELLO; COHEN, 2003).

Estudos de Vandello e Cohen (2003) envolvendo brasileiros e norte-americanos exploraram como a violência doméstica é sancionada e reforçada em culturas da honra. Segundo os autores, o sentimento de ciúme e as preocupações com a fidelidade influenciam o cometimento de violência de homens contra mulheres (a pesquisa não abrangeu a violência feminina contra o homem). Os estudos concluíram que, na maioria dos casos, o principal motivo é a suspeita do homem de ser traído ou abandonado, concluindo-se que a violência prevalece nas CH em comparação com culturas cujo tema principal não é a honra.

Diversas pesquisas transculturais e etnográficas (MOSQUERA; MANSTEAD; FISCHER, 2000; VANDELLO; COHEN, 2003) observaram que a região mediterrânea, englobando Grécia, Itália e Espanha, os países da América Latina, inclusive o Brasil, e os países árabes, bem como o Sul e o Oeste dos Estados Unidos possuem a honra como valor central, contrastando com a cultura europeia e do Norte dos EUA, consideradas individualistas. Não obstante o Brasil constitua-se em um país que valoriza a honra, há uma lacuna quanto a estudos na área da psicologia sobre o tema no país (GOUVEIA *et al.*, 2013).

Na América do Norte, as diferenças culturais remontam ao período da colonização, cujas principais atividades econômicas eram a mercancia e a agricultura desenvolvidas no Norte do país, bem como a pecuária, predominante no Sul dos EUA. Referidas atividades econômicas interligam-se a características culturais dessas regiões e, portanto, teóricos sugerem que, nos locais onde predominava o plantio, havia menos preocupação em defender a terra e maior independência para o desenvolvimento da lavoura. Em contrapartida, o pastoreio e a pecuária exigiam maior defesa perante roubos e furtos, levando o pecuarista a exercer mais o uso da força do que o agricultor (SOUZA; ROAZZI, 2010; GOUVEIA *et al.*, 2013; BROWN; BAUGHMAN; CARVALLO, 2017). No Brasil, as raízes da honra são profundas e remetem à herança ibérica (NAZZARI, 1998; JOHNSON, 2006).

Trabalhos com essa temática cresceram e ganharam importância no meio acadêmico e científico, assim como nos debates sociais. Considerando o interesse deste trabalho em investigar CH, emoções e violência entre parceiros, faz-se relevante destacar a pesquisa realizada por Uskul *et al.* (2014) que examinou as respostas emocionais de turcos (considerados membros de uma CH) e de norte-americanos (cultura individualista) a situações vistas como formas de atacar ou engrandecer a honra pessoal.

Os participantes avaliaram o grau (mais centrais ou periféricos) em que uma variedade de eventos se encaixa a situações potencialmente ofensivas ou engrandecedoras da honra. Tanto turcos quanto norte-americanos classificaram as situações geradas pelos seus compatriotas como mais centrais para seus conceitos de honra, demonstrando a variação do conceito de uma cultura para outra. Situações altamente centrais e situações geradas pelos turcos provocaram emoções mais fortes do que situações menos centrais e geradas pelos norte-americanos, ou seja, houve relação positiva entre centralidade das situações de honra e a força das respostas emocionais. Além disso, situações relevantes para a honra turca foram avaliadas como mais carregadas de emoção do que as situações relevantes para a honra norte-americana.

Os norte-americanos relataram, ainda, níveis mais elevados de emoções positivas em resposta a situações de engrandecimento da honra do que os participantes turcos, uma vez que, conforme a hipótese dos autores, norte-americanos tendem a ter motivações para o desenvolvimento individual mais fortes e experimentar níveis mais altos de afetos positivos comparados a membros de outras culturas. Além disso, na Turquia, assim como em outras culturas consideradas coletivistas, a expressão de emoções positivas em face de situações de engrandecimento da honra pode ser percebida como inapropriada – com isso, notório é o componente cultural na formação do conceito de honra e na expressão das emoções.

Mosquera, Manstead e Fischer (2002) também realizaram pesquisa relacionando cultura da honra, emoções e violência, e encontraram que os participantes espanhóis (considerados integrantes de uma CH) reagiram mais intensamente a insultos acerca da honra familiar do que holandeses (para os quais a honra não possui uma significância central). Ou seja, em situações em que falta respeito social, a reputação do sujeito é enfraquecida, causando intensas respostas emocionais, especialmente em CH.

3.4 Estratégias de Regulação Emocional

É inegável que emoções fazem parte das experiências diárias e, em algumas situações, os indivíduos sentem a necessidade de regulá-las (GROSS, 2014), favorecendo ou não sua adaptação aos diferentes contextos. Sendo assim, a regulação emocional (RE) é um dos diversos fenômenos relacionados aos processos afetivos, e compreende as estratégias para modificar a influência das emoções sobre os comportamentos dos indivíduos, tendo um valor adaptativo com impacto sobre cognições, qualidade de vida e eventuais psicopatologias (SUCHY, 2011).

Os modelos teóricos sobre RE disponíveis nesse momento, segundo Gross (2013), estabelecem a presença de pelo menos cinco estratégias de regulação, a saber: seleção das situações, modificação das situações, mudança atencional, mudança cognitiva e modulação das respostas emocionais. Dentre as estratégias para avaliação da RE encontram-se diversos instrumentos, tanto de desempenho (*performance*) quanto de autorrelato, destacando-se o *Emotional Regulation Questionary* (ERQ) elaborado por Gross e John (2003a); trata-se de uma escala avaliativa de duas dimensões das estratégias de mudança cognitiva (reavaliação cognitiva) e de modulação das respostas emocionais (supressão).

A reavaliação cognitiva visa modificar a forma como a pessoa percebe a situação, geralmente com o objetivo de diminuir emoções negativas (GROSS; JOHN, 2003b). Um

exemplo seria quando a pessoa se encontra em situação de qualificação para o Mestrado, que lhe causa ansiedade, e ela decide pensar: “essa é uma oportunidade de aprender mais e saber onde devo melhorar”, o que acarreta em diminuição da ansiedade. Já a supressão tem por objetivo suprimir uma experiência emocional já em curso, e pode ter ampla variedade de estratégias, como praticar exercício físico, comer, entre outros (GROSS; JOHN, 2003b). A ERQ tem demonstrado positivas e importantes evidências de validade e fidedignidade em diversos contextos culturais (JOHN; ENG, 2014), sendo traduzida para o português brasileiro por Boian, Soares e Lima (2009), porém sem apresentação dos procedimentos de adaptação cultural.

No Brasil, Batistoni *et al.* (2013) realizaram estudo acerca das propriedades psicométricas da ERQ com 153 idosos. Nesse trabalho, a escala apresentou estrutura fatorial idêntica a proposta pelos autores originais (Reavaliação Cognitiva e Supressão) que, juntas, explicaram 50,1% da variância encontrada nos resultados. A consistência interna foi satisfatória (Escore Total: $\alpha = 0,73$; Reavaliação Cognitiva: $\alpha = 0,74$; Supressão: $\alpha = 0,69$) e, além disso, demonstrou estabilidade temporal no teste-reteste ($r = 0,70$), indicando boas propriedades psicométricas para uso no contexto nacional.

Dentre tantos fenômenos interligados à VPI, encolhemos tratar, além das questões culturais e de gênero, da regulação emocional, pois, assim como Vygotsky (1998), entendemos que o afeto confere significado à vida das pessoas, e dissociá-lo deste estudo traria prejuízo no entendimento da conduta violenta.

Referimo-nos à relação entre intelecto e afeto. A sua separação enquanto objetos de estudo é uma das principais deficiências da psicologia tradicional, uma vez que esta apresenta o processo de pensamento como um fluxo autônomo de ‘pensamentos que pensam a si próprios’, dissociado da plenitude da vida, das necessidades e dos interesses pessoais, das inclinações e dos impulsos daquele que pensa. Esse pensamento dissociado deve ser considerado tanto um epifenômeno sem significado, incapaz de modificar qualquer coisa na vida ou na conduta de uma pessoa, como alguma espécie de força primeva a exercer influência sobre a vida pessoal, de um modo misterioso e inexplicável (VYGOTSKY, 1998, p. 9).

Assim, interessam-nos as emoções e, especialmente, a forma de regulá-las, seja através da supressão ou da reavaliação, e como esses modos de lidar com as emoções estão implicados com relacionamentos abusivos.

3.5 Revisão Sistemática de Literatura

Para o desenvolvimento dessa dissertação, entendemos ser importante conhecer o cenário sobre as produções de pesquisa a respeito da VPI envolvendo questões de gênero, cultura da honra e regulação das emoções na literatura científica nacional e internacional. Por isso, fizemos uma revisão sistemática da literatura que seguiu as etapas recomendadas por Costa e Zoltowski (2014): 1) delimitação da questão a ser pesquisada; 2) escolha da fonte de dados; 3) eleição das palavras-chave para a busca; 4) busca e armazenamento de dados; 5) seleção de artigos pelo resumo, de acordo com critérios de inclusão e exclusão; 6) extração dos dados dos artigos selecionados; 7) avaliação dos artigos; e, 8) síntese e interpretação dos dados.

A questão de pesquisa definida para a revisão foi: *os estudos sobre a violência por parceiro(a) íntimo(a) consideram questões relativas a gênero, cultura da honra e regulação emocional?* A população de interesse foi composta por homens e mulheres, sem limites de idade, em um relacionamento amoroso (atual ou passado). A pesquisa foi feita nas bases de dados: Periódicos CAPES, BVS/BIREME, PubMed/MedLine, LILACS e Scielo, entre julho e setembro de 2018.

As palavras-chave foram: *intimate partner violence*, *emotion regulation* e *honour culture*. Chegou-se aos referidos termos após consulta de descritores, através da ferramenta *MeSH on Demand*, em que foi possível conhecer termos relacionados com seus respectivos conceitos; em português, foram utilizadas as palavras-chave: violência por parceiro íntimo, regulação emocional e cultura da honra.

Ao buscar artigos que contivessem todas as palavras-chave, interligadas pelo operador booleano “AND”, a pesquisa não encontrou resultados, indicando a escassez ou a inexistência na literatura científica de trabalhos sobre o tema. O fato de não ter sido encontrado, nos bancos pesquisados, estudos correlacionando as variáveis de interesse, apresenta-se como justificativa para desenvolvermos o tema desta dissertação diante da lacuna na literatura.

Sendo assim, em face da ausência de resultados, desmembrou-se a busca, utilizando-se separadamente os termos “*intimate partner violence*” AND “*emotion regulation*” e, posteriormente, “*intimate partner violence*” AND “*honor culture*”.

No Periódicos Capes, a busca por “*intimate partner violence*” AND “*emotion regulation*” encontrou 38 artigos, dos quais, após leitura do resumo e, em alguns casos, do próprio texto, foram selecionados 15 artigos. Na mesma base de dados, a busca por “*intimate partner violence*” AND “*honor culture*” retornou 4 artigos, dos quais apenas 1 foi selecionado.

Na Biblioteca Virtual em Saúde BVS/BIREME e na base de dados LILACS, a busca de “violência por parceiro íntimo” E “regulação emocional” não obteve retorno. Encontrou-se, então, apenas 1 artigo com a busca de “violência” E “regulação emocional”, o mesmo encontrado na base Scielo.

Nas bases BIREME e PUBMED, a busca por “*intimate partner violence*” AND “*emotion regulation*” teve o mesmo resultado: 36 artigos, dos quais, após a leitura, restaram 19, isso porque a maioria dos artigos já havia sido encontrada no banco de dados da CAPES. A busca por “*intimate partner violence*” AND “*honor culture*” não encontrou resultados na base de dados BIREME; refez-se a busca sem as aspas, quando se encontraram 2 artigos, dos quais nenhum foi selecionado, pois um tratava-se de revisão de literatura e o outro não possuía texto completo.

Não houve, neste sentido, diferença ao limitar a pesquisa para os últimos 10 anos e, com isso, deixou-se de adotar o limite de busca temporal.

Após a busca, foram lidos os resumos dos artigos e excluídos aqueles que não tratavam do tema de interesse e as revisões de literatura; ao final, 24 artigos foram selecionados. Feita a leitura dos artigos, foram extraídos os seguintes dados: título, autores, ano da publicação, país de realização da pesquisa, tipo de pesquisa e referencial teórico (quando mencionado), objetivos, amostra, tipo de violência, instrumentos utilizados, variáveis/constructos envolvidos e o resumo dos achados, que foram armazenados com o auxílio do *Microsoft Excel*.

Na análise da produção nacional e internacional sobre a VPI, regulação emocional e cultura da honra, dos 24 artigos científicos selecionados, a abordagem quantitativa foi predominante (n = 20), sendo 4 estudos de abordagem qualitativa e quantitativa (2, 14, 18 e 23) e nenhum utilizou apenas a abordagem qualitativa.

No que concerne ao país de produção, há uma predominância de estudos norte-americanos, com os Estados Unidos da América representando 79% (n = 19), sendo Austrália, Suécia, Portugal, Brasil e Afeganistão os países de origem dos demais estudos.

Em relação ao período de publicação, o primeiro artigo é de 2006 e o último de 2018, tendo 2016 (n = 6) como ano de predominância das publicações – quando foi publicado o único estudo brasileiro. Este dado confirma o quanto é recente e escassa a abordagem da VPI nesse cenário.

Ao analisar os artigos na íntegra, percebeu-se que 16 deles (1, 2, 4, 5, 6, 8, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 19, 20, 22 e 23) consideraram o aspecto bidirecional, ou seja, não estabeleceram previamente polos estáticos entre agressores e vítimas, mas analisaram tanto homens quanto

mulheres como passíveis de sofrer ou praticar VPI. Um dos artigos cuidou, especificamente, da violência perpetrada pelas mulheres (21).

No que tange a teoria que embasa os estudos, sendo a maioria deles quantitativa, não houve uma abordagem teórica específica. O gênero, enquanto categoria de análise, foi considerado apenas em três estudos (9, 23 e 24). Ressalta-se que, embora o artigo de Bliton *et al.* (2016) tivesse por objetivo investigar a associação entre VPI, gênero e desregulação emocional, ele não analisou a influência de questões de gênero, apenas comparou os resultados entre os homens e entre as mulheres.

Acerca do tipo de violência enfatizada, a maioria dos artigos (n = 17) tratou, isoladamente ou em conjunto com outras formas, da violência física (1, 3, 4, 5, 7, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 19, 20, 21, 22 e 24). A violência psicológica, sozinha ou associada, foi o segundo tipo de VPI mais tratado (n = 10) (3, 4, 7, 11, 13, 17, 19, 20, 21 e 22). Sete artigos (2, 6, 8, 10, 16, 18 e 23) abordaram a VPI de modo geral, sem fazer distinções entre os tipos de abuso. Cinco trabalhos trataram da violência sexual, isoladamente ou em conjunto (4, 5, 9, 21 e 22), três da violência verbal (5, 14 e 15), e um artigo teve por objeto ameaça e controle (11). Isso mostra uma tendência dos estudos em abordarem não apenas a violência com consequências físicas, mas também psíquicas.

Alguns artigos utilizaram instrumentos próprios desenvolvidos para o estudo ou adaptações de outros instrumentos para a produção dos dados. Entre as escalas mais utilizadas, sozinhas ou em conjunto com outros questionários, o *Conflict Tatic Scale* – CTS e o *Revised Conflict Tatic Scale* – CTS2 foram mais comuns, aparecendo em 14 artigos, seguidas de: *Difficulties in Emotion Regulation Scale* – DERS (n = 11); *Positive and Negative Affect Schedule* – PANAS (n = 4); *Articulated Thoughts in Simulated Situations* – ATSS (n = 3); *Post-traumatic Stress Disorder Scale* – CAPS (n = 3); e, *Multidimensional Measure of Emotional Abuse* – MMEA (n = 2). O Questionário de Regulação Emocional – ERQ, também adotado nesta dissertação, foi utilizado em dois artigos, sendo que outros instrumentos e técnicas apareceram uma vez.

Tabela 01 – Revisão da literatura.

Nº	Título	Autores	Ano e país	Amostra	Tipo de violência
1	The Interactive Effects of Emotion Regulation and Alcohol Intoxication on Lab-Based Intimate Partner Aggression	Watkins <i>et al.</i>	2015 EUA	68 casais com mais de 21 anos (N=138)	VPI com foco na violência física Bidirecional
2	Expressive inhibition following interpersonal trauma: An analysis of reported function	Clapp <i>et al.</i>	2014 EUA	Mulheres sobreviventes de VPI (N=74)	VPI contra as mulheres
3	Emotion Dysregulation, Gender, and Intimate Partner Violence Perpetration: An Exploratory Study in College Students	Bliton <i>et al.</i>	2016 EUA	Estudantes universitários (N=598)	VPI Bidirecional
4	Romantic relationships and nonsuicidal self-injury among college students: The mediating role of emotion regulation	Silva <i>et al.</i>	2017 Portugal	Estudantes universitários entre 18 e 35 anos de idade (N=566)	VPI física, sexual e psicológica Bidirecional
5	Predicting aggression in late adolescent romantic relationships: A short-term longitudinal study	Caiozzo <i>et al.</i>	2016 EUA	Estudantes universitários (N=1180)	VPI verbal, física e sexual Bidirecional
6	Emotion Regulation and Intimate Partner Violence in Newlyweds	McNulty <i>et al.</i>	2008 EUA	72 casais recém-casados (N=144)	VPI Bidirecional
7	Emotion Regulation Moderates the Association Between Proximal Negative Affect and Intimate Partner Violence Perpetration	Shorey <i>et al.</i>	2015 EUA	Estudantes universitários do sexo masculino (N=67)	VPI física e psicológica praticada por homens
8	Relationship Quality and Cognitive Reappraisal Moderate the Effects of Negative Urgency on Behavioral Inclinations Toward Aggression and Intimate Partner Violence	Blake <i>et al.</i>	2018 Austrália	Estudantes em relacionamentos românticos (N=135)	VPI Bidirecional
9	Masculine Discrepancy Stress, Emotion-Regulation Difficulties, and Intimate Partner Violence	Berke <i>et al.</i>	2016 EUA	Homens (N=357)	VPI física e sexual perpetrada por homens

10	Evidence for a curvilinear dose-response relationship between avoidance coping and drug use problems among women who experience intimate partner violence	Weiss <i>et al.</i>	2014 EUA	Mulheres que experienciaram VPI (N=147)	VPI contra as mulheres
11	Longitudinal Relations between Beliefs Supporting Aggression, Anger Regulation, and Dating Aggression among Early Adolescents	Sullivan <i>et al.</i>	2017 EUA	Estudantes do ensino médio (N=176)	VPI física, psicológica, ameaça e controle do comportamento Bidirecional
12	Can College Students Use Emotion Regulation Strategies to Alter Intimate Partner Aggression-Risk Behaviors? An Examination Using I 3 Theory	Maldonado <i>et al.</i>	2015 EUA	Estudantes de graduação (N=236)	VPI Bidirecional
13	Preventing intimate partner violence via the Internet: A randomized controlled trial of emotion-regulation and conflict-management training for individuals with aggression problems	Hesser <i>et al.</i>	2017 Suécia	Pessoas com problemas de VPI do tipo leve (N=65)	VPI física e psicológica Bidirecional
14	Integrating intimate partner violence and parenting intervention into residential substance use disorder treatment for fathers	Stover <i>et al.</i>	2017 EUA	Pais com histórico de VPI em um programa de tratamento para uso de substâncias (N=44)	VPI física e verbal perpetrada pelo homem
15	A Preliminary Investigation of the Relationship between Emotion Dysregulation and Partner Violence Perpetration Among Individuals with PTSD and Alcohol Dependence	Watkins <i>et al.</i>	2016 EUA	Indivíduos com TEPT e dependência de álcool (N=77)	VPI física e verbal Bidirecional
16	The Relationship Between Emotion Dysregulation and Impulsive Aggression in Veterans With Posttraumatic Stress Disorder Symptoms	Miles <i>et al.</i>	2016 EUA	Veteranos com TEPT (N=479)	Agressão (não exclusiva entre parceiros) Bidirecional

17	A randomized controlled trial of acceptance and commitment therapy for aggressive behavior	Iverson <i>et al.</i>	2014 EUA	Pessoas que se envolveram recentemente em pelo menos 2 atos de agressão de parceiro (N=101)	VPI psicológica e física Bidirecional
18	Parenting of men with co-occurring intimate partner violence and substance abuse	Stover <i>et al.</i>	2013 EUA	Pais de crianças de 2 a 6 anos de idade (N=86)	VPI por pais contra as mães de seus filhos biológicos
19	Cognitive and emotional contributors to intimate partner violence perpetration following trauma	Marshall <i>et al.</i>	2011 EUA	Estudantes universitários com mais de 18 anos de idade (N=185)	VPI física e psicológica Bidirecional
20	Men's Avoidance Coping and Female Partner's Drinking Behavior: A High-Risk Context for Partner Violence?	Cohn <i>et al.</i>	2010 EUA	Mulheres com transtorno de uso de álcool e seus parceiros masculinos (N=109)	VPI física e psicológica Bidirecional
21	Reasons for intimate partner violence perpetration among arrested women	Sullivan <i>et al.</i>	2006 EUA	Mulheres em programas de intervenção de violência (N=87)	VPI perpetrada por mulheres
22	Anger-related dysregulation as a factor linking childhood physical abuse and interparental violence to intimate partner violence experiences	Iverson <i>et al.</i>	2014 EUA	Jovens adultos universitários (N=670)	VPI física, sexual e psicológica Bidirecional
23	Efeitos de um Programa de Prevenção à Violência no Namoro	Murta <i>et al.</i>	2016 Brasil	45 adolescentes, divididos em um grupo experimental (N=21) e um grupo controle (N=24)	VPI Bidirecional
24	The rule of law at time of masculine honor: Afghan police attitudes and intimate partner violence	Baldry <i>et al.</i>	Afeganistão 2013	Policiais (N=108)	VPI contra mulheres

A partir da análise dos textos na íntegra, constatou-se que a violência no casal faz parte da realidade de jovens e adultos de ambos os sexos, nos diversos países nos quais foram realizados os estudos. Trata-se de um fenômeno de grande relevância, caracterizado pela perpetração e vivência de diversos tipos de violência (psicológica, ameaça, verbal, controle, física e sexual), tanto por parte dos homens quanto de mulheres, embora haja diferenças de gênero quanto aos tipos de violência vivenciados e perpetrados.

Partindo do referencial teórico que compreende criticamente os dados a partir da categoria do gênero, conclui-se que a VPI é um fenômeno social e histórico, assim determinado, também, por questões de gênero. Apesar de se tratar de um ponto importante

para a discussão da violência no casal, essa categoria não compõe uma preocupação central de análise na maioria dos estudos encontrada nesta revisão. Com exceção dos artigos 9, 23 e 24, os demais estudos, no máximo, diferenciaram algumas questões entre homens e mulheres.

Alguns resultados indicam a diferença entre os sexos na ocorrência de tipos de violência no casal (3, 5, 15 e 16). Bliton *et al.* (2016), em seu estudo já citado, observaram que as mulheres relataram perpetrar agressão psicológica significativamente maior do que os homens; entre os homens, a violência psicológica foi positivamente correlacionada com dificuldade de controle dos impulsos e falta de clareza emocional. Entre as mulheres, a violência física foi positivamente correlacionada com as subescalas de dificuldade de controle dos impulsos, falta de consciência, dificuldades de encontrar estratégias de regulação emocional e falta de clareza emocional; e a agressão psicológica foi positivamente correlacionada com dificuldade de controle dos impulsos, de estratégias de RE, falta de clareza e dificuldade de manter comportamentos voltados para metas.

Na pesquisa nº 5, realizada por Caiozzo, Houston e Grych (2016), 51,6% (363) dos participantes cometeram um ou mais incidentes de agressão contra seu parceiro (54% das mulheres, 44% dos homens). As mulheres relataram taxas mais altas de perpetração do que os homens, mas a associação entre gênero e perpetração foi bastante fraca: o gênero não foi significativamente correlacionado com perpetração de agressão física ($r = 0,04$, $p = 0,38$) e teve uma associação significativa, mas muito pequena, com agressão verbal ($r = 0,09$, $p = 0,02$). A maioria dos incidentes agressivos relatados envolvia agressão verbal, sendo que apenas 7,4% dos participantes relataram ser fisicamente agressivos e 0,9% relataram perpetração de violência sexual; a perpetração verbal e física foi significativamente correlacionada ($r = 0,41$, $p < 0,001$). A agressão verbal foi predita unicamente por atitudes agressivas, regulação de emoções (relação inversa) e, para as mulheres, narcisismo. Maior agressividade verbal foi praticada por homens e por mulheres que acreditavam que a agressão era justificável e normativa, e que exibiram níveis mais baixos de regulação emocional, bem como por mulheres que relataram maior narcisismo; maior agressão física foi cometida por homens e mulheres expressando níveis mais elevados de crenças agressivas e maiores características de insensibilidade. A regulação emocional também amorteceu o efeito de crenças agressivas sobre a agressão física, e os homens com baixos níveis de características de insensibilidade estavam menos propensos a perpetrar agressão física quando relataram maior regulação emocional. Portanto, a perpetração de agressões físicas foi prevista por comportamento agressivo, mas apenas com baixos níveis de regulação emocional e interação de traços insensíveis e não emotivos, regulação emocional e gênero.

No estudo nº 15, de Watkins, Schumacher e Coffey (2016), as mulheres apresentaram níveis mais altos de agressão física. Contudo, conforme já discutido na fundamentação teórica desta Dissertação, tais resultados podem advir do fato de as mulheres relatarem mais esse comportamento do que os homens. Ainda, esta pesquisa também encontrou relação entre dificuldades de regular emoções e agressão verbal e física.

Contrariamente ao artigo acima, Miles *et al.* (2016) – estudo nº 16 – encontraram que homens relataram mais agressão do que as mulheres. A desregulação da emoção, a agressão e as medidas de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) foram significativamente correlacionadas. Assim, concluíram que a capacidade de regular as emoções pode ser essencial para inibir a agressão em pessoas com TEPT.

No artigo que tratou especificamente da VPI praticada por mulheres em situação de cárcere (estudo nº 6), as razões mais comuns para perpetrar VPI foram: auto-defesa (38,7%), para mostrar raiva (39,4%), para mostrar sentimentos que não poderiam ser explicados em palavras (38,0%), para voltar ao seu parceiro ou para retaliar um dano emocional (35,3%), por causa do estresse (36,5%), por não saber mais o que fazer com os sentimentos (35,2%), sentir-se mais poderosa (26,1%) e porque o parceiro provocou violência (38,9%). As mulheres vítimas de VPI grave relataram mais violência em autodefesa (45,9%) do que as mulheres vítimas de VPI menor (27,1%); duas mulheres negaram ter sido vítimas de VPI no ano anterior (SULLIVAN *et al.*, 2017).

Com relação aos dois estudos que utilizaram a ERQ (1 e 4), a primeira pesquisa (nº 1) teve por objetivo examinar os efeitos interativos de duas estratégias de regulação de emoções (ruminação da raiva e reavaliação) e intoxicação alcoólica na perpetração de agressão por parceiro íntimo. Os achados mostram, em resumo, que os participantes na condição de álcool apresentaram maior VPI do que os participantes na condição de placebo para agressão provocada (reativa), mas não para agressão não provocada (ativa). Para o grupo de álcool e ruminação, a maior reavaliação cognitiva foi relacionada à menor agressão não provocada. Para a agressão provocada, uma maior ruminação foi relacionada com maior VPI entre aqueles na condição de álcool e ruminação e aqueles no placebo e na condição não instruída. Em geral, os resultados sugerem que o álcool desinibe, a ruminação impulsiona e a reavaliação inibe a agressão no casal. Neste estudo, levantou-se que 7,2% dos homens e 16,2% das mulheres perpetraram um ato de agressão física contra o(a) parceiro(a) durante os últimos 6 meses (WATKINS; DILILLO; MALDONADO, 2015b).

A outra pesquisa (nº 4) objetivou testar se a regulação emocional media a conexão entre relacionamentos românticos e auto-lesões não suicidas (NSSI). Os resultados apontaram

que a regulação de emoções mediou completamente as associações entre o NSSI e quatro importantes subdomínios dos relacionamentos amorosos, a saber: a prevenção da intimidade, a ansiedade pelo abandono, a vitimização da violência e a perpetração da violência. Foi especificado, ainda, um modelo que evidencia o papel mediador da regulação da emoção entre relacionamentos românticos (apego romântico e violência por parceiro íntimo) e NSSI. Autoagressores sofreram 80,5% ($p = 0,051$) e perpetraram mais 69,4% ($p = 0,098$) violência, revelaram maiores escores na desregulação da emoção (diferença média de pontuação = 0,304, $p < 0,001$), maior evitação da intimidade (0,255, $p < 0,05$) e maior ansiedade em relação ao abandono (0,248, $p < 0,05$). A perpetração de violência e a vitimização da violência foram altamente correlacionadas, uma vez que 84,8% dos participantes deste estudo responderam a todas as questões referentes aos dois tipos de violência, dos quais: 86,4% estão no mesmo status (presença/ausência) para perpetração e vitimização; 10,9% admitiram a presença de perpetração e ausência de vitimização; e, 2,7% mostraram presença de vitimização e ausência de perpetração. A agressão psicológica foi a forma mais frequente de violência neste levantamento (SILVA *et al.*, 2017).

No Brasil, o único estudo que apareceu, segundo os critérios de busca da revisão sistemática de literatura, teve como objetivo avaliar os efeitos de uma intervenção para prevenção à violência no namoro entre adolescentes, e investigar intenções de enfrentamento a esse tipo de violência, dificuldades em regulação das emoções e endosso a normas tradicionais de papéis de gênero masculino. Assim, análises intra e entre grupos revelaram redução significativa em crenças que apoiam a restrição emocional como característica masculina no grupo experimental, ao passo que intenções de enfrentamento à violência no namoro e regulação emocional não sofreram mudanças significativas em nenhum dos grupos. Contudo, avaliações qualitativas evidenciaram a prática extrassessão de habilidades de autocontrole e expressão emocional, assertividade e empatia nos adolescentes (MURTA *et al.*, 2016).

Por fim, destacamos o único artigo selecionado na busca que combinou os termos “*intimate partner violence*” e “*honor culture*” (nº 24). Trata-se da pesquisa que examinou como a honra masculina afeta atitudes em relação à violência por parceiro íntimo (VPI) entre policiais afegãos. Os resultados mostraram que admitir uma infidelidade feminina produzia atitudes mais brandas dos policiais em relação ao agressor da mulher, que, por sua vez, reduziu a intenção dos policiais de intervir ao prender o homem e dar apoio à vítima, demonstrando, assim, como valores relacionados à cultura da honra podem servir como

medida de justificativa da violência contra a mulher (BALDRY; PAGLIARO; PORCARO, 2013).

Portanto, esta revisão buscou conhecer o cenário das pesquisas relacionadas à violência no casal que abrangessem aspectos de gênero, cultura da honra e regulação emocional, objetivando analisar se os estudos adotam a perspectiva bidirecional da VPI, se eles apontam alguma diferença em função do gênero e que espécies de violência são mais abordadas e prevalentes.

Concluiu-se que a maior parte dos estudos foi produzido nos Estados Unidos, sob a ótica dos estudos quantitativos, com pouca ênfase no contexto social e no papel da cultura na formação e na manutenção de valores que permeiam os relacionamentos íntimos. Apesar dos estudos demonstrarem que as emoções interferem nos padrões de relacionamentos amorosos, apenas uma pesquisa considerando VPI e regulação emocional foi realizada no Brasil. Nenhuma pesquisa, entretanto, retornou da busca considerando todos os fatores abordados nesta Dissertação (cultura da honra, regulação emocional e VPI), justificando-se a importância e a urgência de pesquisas com essa temática.

4 MÉTODO

4.1 Tipo de Pesquisa

A obtenção do conhecimento científico ocorre por meio da integração entre teoria e fato empírico: partindo-se de um questionamento, utiliza-se um método para abordar a realidade e reunir informações que, depois de interpretadas, devem responder à situação problema (MINAYO, 2014). Assim, o método viabiliza a aproximação com a realidade do modo mais adequado ao interesse da pesquisa.

A metodologia, então, é o caminho a ser percorrido para a obtenção deste conhecimento, a abranger os métodos, as técnicas e a teoria, devendo-se tratar, de maneira integrada, a operacionalização e o campo epistemológico (MINAYO, 2014). Ressalta-se, portanto, que o percurso de todo esse caminho não deve estar dissociado da teoria ou de um paradigma de ciência.

Por isso, mais importante do que indagar qual o tipo de amostra ou a natureza dos dados, é fundamental, primeiramente, refletir acerca dos objetivos da pesquisa, de modo que o método não poderá ser o da preferência do pesquisador, mas aquele que melhor articule a teoria e a realidade empírica, que permita uma maior aproximação com esta realidade e, conseqüentemente, que seja o mais apto a responder às questões-problemas, possibilitando a construção do conhecimento de modo coerente e ético.

Ao se desenvolver uma proposta de investigação e no desenrolar das etapas de uma pesquisa, o investigador trabalha com o reconhecimento, a conveniência e a utilidade dos métodos disponíveis, em face dos tipos de informações necessárias para se cumprirem os objetivos do trabalho (MINAYO, 2014, p. 55).

Considerando-se essas premissas, destaca-se que o objetivo do trabalho foi investigar a violência psicológica no casal, com ênfase em alguns circunscritores, tais como: as questões relacionadas ao gênero e à cultura patriarcal – entendida como manifestação da cultura da honra –, bem como os fenômenos relacionados à regulação emocional. Sendo assim, por se tratar de um fenômeno complexo, como é a maioria em Ciências Sociais, uma única teoria, muito menos um único método, não são capazes de explicá-lo.

Deste modo, a teoria basilar da pesquisa é a da Psicologia Histórico-Cultural, a qual concebe o sujeito como resultado e produtor de um dado tempo histórico, inserido em uma realidade que o constitui e é por ele constituída, em uma relação dialética e recursiva. Diz-se

basilar, pois ela lançará luz a todas as teorias utilizadas no estudo: movimentos feministas e suas contribuições às discussões de gênero, os sentidos atribuídos às performances das feminilidades e masculinidades, a construção histórica da sociedade patriarcal e a cultura da honra; mas não só: é a partir desta concepção de sujeito que se compreenderá o seu processo de regulação emocional, ou seja, não apenas como um processo biológico e psicológico, mas também uma construção histórica e social.

Ainda, para dar uma resposta satisfatória às questões de pesquisa propostas e integrar, de forma coesa, informações multifacetadas, foi utilizada a combinação de métodos qualitativos e quantitativos com vistas a se obter e relacionar os diversos circunscritores, levando-se em consideração o ambiente em que são produzidos, o contexto histórico e cultural, as relações e a subjetividade dos indivíduos.

A pesquisa qualitativa surge diante da impossibilidade de investigar e compreender, por meio de dados estatísticos, alguns fenômenos voltados para a percepção, a intuição e a subjetividade. Por sua vez, a pesquisa quantitativa visa obter indicadores e tendências observáveis com maior nível de abstração (MINAYO, 2014).

Há, como se observa, funções diferentes, porém complementares, e, seguindo uma perspectiva integradora, é possível romper a dicotomia simplista da classificação metodológica e propor uma abordagem mais complexa à medida que se entende a obtenção do conhecimento em níveis. Desta forma, a articulação de estratégias de pesquisa que captem as dimensões quantitativas e qualitativas do objeto viabiliza, por um lado, a obtenção da representatividade, regularidade e diferença dos componentes da amostra e, por outro, o aprofundamento nas questões subjetivas da realidade social.

Mais que pares de oposição, os métodos quantitativos e qualitativos, traduzem cada qual à sua maneira, as articulações entre o singular, o individual e o coletivo presentes no processo de saúde-doença. A interação dialógica entre ambos os aportes (e não por justaposição ou subordinação de um desses campos) constitui avanço inegável para a compreensão dos problemas de saúde (MINAYO, 2014, p. 75).

Contudo, a prática científica contemporânea costuma encarar como antagônicos os métodos quantitativo e qualitativo, geralmente ao adotar o modelo explicativo puramente organicista ou social da relação entre epidemiologia e ciências sociais. Por conseguinte, o modelo ecossistêmico, impulsionado pelos movimentos feministas, combina epidemiologia com condições sociais e variáveis ambientais, tendo por princípio o pensamento sistêmico, a consideração das questões de gênero, a equidade e a participação social (MINAYO, 2014).

Sendo assim, foi justamente este modelo que permitiu a integração dos métodos qualitativos e quantitativos ao conceber o sujeito enquanto ser biopsicossocial – perspectiva adotada no presente trabalho por ser a mais apta a compreender os processos históricos e culturais envolvendo o patriarcado e a honra, e a influenciar, também, os níveis biológicos e psíquicos do ser, coadunando-se com a perspectiva Histórico-Cultural. Dentre os princípios do modelo ecossistêmico citados, destaca-se, neste trabalho, a consideração pelas questões de gênero, fundamentais para entender o fenômeno da violência no casal, e a adoção do pensamento sistêmico enquanto novo paradigma de ciência.

A visão sistêmica, conforme Vasconcellos (2002), correspondeu a avanços em três dimensões até então utilizadas pelo paradigma de ciência tradicional: do pressuposto da simplicidade, da estabilidade e da objetividade passou-se às noções de complexidade, instabilidade e intersubjetividade ao se perceber dificuldades em explicar os fenômenos através da análise de relações causais lineares, bem como diante da impossibilidade de se fazer previsões acerca dos mesmos, controlá-los ou revertê-los e, finalmente, de se adotar a objetividade. Assim sendo, a postura epistemológica adotada corresponde ao paradigma da ciência contemporânea ou da ciência novo-paradigmática, que considera o contexto no qual o fenômeno ocorre, dentro de uma lógica não disjuntiva.

4.2 Participantes e Critérios de Inclusão e Exclusão

O campo de estudo foi formado por homens e mulheres que se declararam acima de 18 anos de idade, viveram um relacionamento amoroso e aceitaram, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), responder aos instrumentos disponibilizados em plataforma *online*.

Os critérios de exclusão abrangeram aspectos autônomos e legais, sendo o não interesse em participar da pesquisa um critério de exclusão autônomo e possuir menos de 18 anos um critério de exclusão legal. Além disso, foram excluídos aqueles que declararam não ter vivido um relacionamento amoroso.

4.3 Instrumentos

Os instrumentos são mediadores entre a teoria e a realidade empírica, e têm por finalidade expressar tal realidade da maneira mais fidedigna possível (MINAYO, 2014).

Dessa forma, a metodologia de pesquisa propôs a construção de dados através dos seguintes instrumentos disponibilizados em plataforma *online*:

- a) Questionário econômico e sócio demográfico;
- b) Escala da Honra de Mosquera *et al.* (2008), versão traduzida e reduzida (HS-16 de GUERRA *et al.*, 2013): composta por 16 itens em escala tipo *likert*, na qual o respondente avalia como se sentiria quanto aos comportamentos e situações descritas, em uma gradação de (1) “não me sentiria mal” a (9) “me sentiria muito mal”. Assim como na versão original, a versão reduzida da escala abrange itens sobre a honra familiar, social, feminina e masculina. Estudos de Guerra *et al.* (2013) apresentaram evidências de validade fatorial e convergente, bem como índices de consistência interna e precisão de acordo com a literatura sobre medidas utilizadas para fins de pesquisa;
- c) Questionário de Regulação Emocional – ERQ (GROSS; JOHN, 2003b): instrumento composto por 10 itens em escala tipo *likert*, apto a avaliar duas estratégias de regulação emocional: repressão e reavaliação cognitiva. As opções de respostas variam de “discordância total” (1) a “concordância total” (7), sendo calculados escores específicos para cada uma das estratégias de regulação emocional e para o total da escala. O ERQ possui evidências de validade e fidedignidade em diversos contextos culturais (JOHN; ENG, 2014), sendo traduzido para o português por Boian, Soares e Lima (2009) (ARI); e,
- d) Questionário com questões fechadas sobre abuso em relacionamento íntimo (ARI): embasou-se em uma versão retirada de uma página eletrônica norte-americana (<http://www.loveisrespect.org>). Inicialmente, o questionário foi utilizado no trabalho de Tosta e Cassepp-Borges (2018), que fizeram a tradução para o português; posteriormente, algumas adaptações na tradução e nos itens foram feitas pela pesquisadora desta dissertação. O questionário possui duas versões: (1) abusos sofridos (ARI-O) e (2) perpetrados (ARI-E) pelos respondentes em relação aos seus parceiros, compostas de 25 itens cada que avaliam abuso em relações íntimas, com respostas do tipo *likert* que variam de (1) “nunca” a (5) “sempre”.

4.4 Procedimentos

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, os sujeitos foram convidados a participar do estudo por meio de divulgação *online* através de e-mail, mídias

sociais e aplicativos de mensagens. A divulgação foi feita, ainda, mediante afixação de cartazes em locais de grande circulação de pessoas, contendo o *link* da pesquisa, nas diversas faculdades da Universidade Federal do Amazonas.

Tratou-se, portanto, de uma amostra não probabilística, por conveniência, ou seja, cuja chance de seleção de um elemento da população é desconhecida, sendo realizada entre os indivíduos que estão mais disponíveis para participar do estudo e que são capazes de fornecer as informações requeridas.

Durante a divulgação, solicitou-se aos participantes que compartilhassem a pesquisa em seu círculo de amizades, formando uma amostragem por cadeias de referência, ou seja, utilizando-se, para o recrutamento dos sujeitos da pesquisa, a técnica metodológica *snowball sampling*, conhecida no Brasil como “amostragem em Bola de Neve” ou “cadeia de informantes” (ALBUQUERQUE, 2009). Esta técnica permite maior heterogeneidade à amostra ao chegar em pessoas de diversos grupos, que vivem em regiões diferentes da cidade, e que não estabeleçam contatos de amizade ou parentesco com o pesquisador.

Considerando tratar-se de um estudo quali-quantitativo, o tamanho da amostra foi determinado pela técnica da saturação aliada a um número que viabilizasse, também, um tratamento estatístico dos dados, levando-se em consideração os critérios identificados na literatura como importantes, a saber: 1) o nível de poder esperado; 2) o tamanho do efeito esperado; e, 3) um critério de significância (DANCEY; REIDY, 2013). O nível de poder e o tamanho do efeito esperado foram estimados com base em pesquisas anteriores, cujos resultados costumam reportar valores médios (MCNULTY; HELLMUTH, 2008; WATKINS; DILILLO; MALDONADO, 2015b). Foi adotado, então, um nível de significância de $p < 0,05$ de acordo com o que tem sido preconizado como adequado em Ciências Sociais; portanto, com o auxílio do software GPOWER, estimou-se que 210 participantes seriam necessários para a análise quantitativa.

No que tange a análise qualitativa, a captação de novos participantes cessou quando as respostas à pergunta aberta começaram a se repetir, passando a pouco acrescentarem ao material já obtido em termos de novas categorias de análise (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008). Sendo assim, uma vez que os relatos de experiência passaram a apresentar certa redundância, e considerando que já havia mais de 210 questionários, cessou-se a coleta de dados, garantindo-se, assim, número suficiente de respostas para as análises qualitativa e quantitativa.

Ao acessarem a pesquisa, os sujeitos obtiveram orientações e esclarecimentos sobre a mesma, bem como para o preenchimento e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido (TCLE), respeitando-se, desta forma, as especificações da ética em pesquisa, como determinam as Resoluções do CNS n. 466/12 e 510/16.

Os participantes declararam sua concordância em participar da pesquisa mediante marcação de uma caixa de diálogo abaixo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Os instrumentos foram disponibilizados em plataforma *online*, do *Googleforms*, sendo que os participantes não tiveram acesso às respostas uns dos outros, garantindo-se a segurança e o sigilo das identidades e informações.

Foram expostos os objetivos da pesquisa, fornecidas as informações sobre as pesquisadoras e a instituição envolvida e, após o aceite através do TCLE, os participantes foram orientados a responder o questionário sócio demográfico, as perguntas fechadas sobre abuso em relacionamento íntimo, a versão reduzida da Escala da Honra (HE-16) e o Questionário de Regulação Emocional (ERQ). Após isso, responderam, optativamente, a seguinte pergunta aberta: *you would like to tell about the relationship with the person you are thinking of? In case affirmative, discuss about this relationship with the most detail possible, highlighting any aspect that you consider important.*

4.5 Cuidados Éticos

A construção de dados se respaldou nos procedimentos éticos e nas recomendações do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas, bem como nas Resoluções n. 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que orientam pesquisas realizadas com seres humanos e a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, respectivamente.

Segundo a Resolução n. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, neste caso, vinculados ao incômodo que os questionários e a pergunta aberta pudessem causar, trazendo prejuízos de dimensão psíquica, moral, intelectual, social e cultural aos sujeitos, durante a pesquisa e até depois desta.

Assim, caso ocorresse constrangimento ou desconforto durante ou após o desenvolvimento da pesquisa, os riscos poderiam ser minimizados com o encaminhamento dos participantes ao Centro de Serviço de Psicologia Aplicada (CSPA) da Faculdade de Psicologia da UFAM, conforme Termo de Anuência do CSPA para o suporte psicológico necessário, visando o bem-estar dos sujeitos envolvidos.

A pesquisa, através da instituição que a acolhe, previu, ainda, a reparação a dano imediato ou tardio, ao indivíduo ou à coletividade, de dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano e jamais foi e será exigida ao

participante, sob qualquer argumento, renúncia ao direito à indenização por dano, que caso ocorresse, seriam valorados em conjunto com a instituição proponente, haja vista que não há valores preestabelecidos nas resoluções em tela, e uma vez que não há definição da gradação do risco (mínimo, baixo, moderado ou elevado).

Embora toda pesquisa com seres humanos apresente riscos, esperou-se que os benefícios superassem os riscos. Assim, apontou-se como benefícios diretos aos participantes: a reflexão sobre seus padrões de relacionamento, a oportunidade de relatar um possível relacionamento abusivo e a obtenção de acompanhamento psicológico (caso necessário), bem como a contribuição para a geração de conhecimento acerca da violência psicológica por parceiro íntimo. E como benefício à comunidade: a obtenção de conhecimento sobre características relacionadas à presença de relacionamentos abusivos, a fim de diminuir a sua incidência, e, conseqüentemente, proporcionar mais saúde e bem-estar à população.

Enfatiza-se que a pesquisa só foi iniciada após o término do trâmite na Plataforma Brasil/Comitê de Ética em Pesquisa e que se resguardou o sigilo das identidades dos participantes.

4.6 Análise dos Dados

4.6.1 Análise qualitativa

A multiplicidade de abordagens em Ciências Sociais (AZAMBUJA; NOGUEIRA, 2009) levou-nos a uma prévia reflexão sobre a escolha do método qualitativo de análise dos dados provenientes dos relatos de experiência. A princípio, cogitou-se a Análise de Conteúdo de Bardin (2016), que consiste em um conjunto de técnicas de análise de dados quantitativos e qualitativos (BARDIN, 2016; CAREGNATO; MUTTI, 2006; RAMOS; SALVI, 2009). No entanto, concluiu-se que a Análise de Conteúdo não é a mais adequada para esta pesquisa, uma vez que o referido método acredita em uma verdade *a priori* a ser descoberta por um investigador supostamente neutro, o que não se coaduna com a postura epistemológica aqui assumida.

Assim, foi mais coerente a utilização da Análise do Discurso (AD), que permite reconhecermos o lugar da fala e a implicância do discurso, não como um mero produto da realidade que expressa características do sujeito, mas também como construtor da realidade, especialmente nas relações de gênero e seu papel na naturalização das diferenças e na reprodução de padrões que implicam na violência.

A AD surgiu no final da década de 1960 com raízes em diversos domínios, como a Teoria dos Atos de Fala, a Etnometodologia, a Análise Conversacional e a Semiologia. Inserida no campo do pós-estruturalismo, pressupõe que a realidade social é construída e mantida através do uso da linguagem, sendo que o significado não é estático e fixo, mas fluido, provisório e dependente do contexto (COYLES, 2010; SOUZA, 2014).

Desta forma, existem diversas linhas, estilos e enfoques de AD provenientes de tradições teóricas variadas, resultantes da intersecção de epistemologias da linguística, do materialismo histórico e da psicanálise, com uma característica em comum: rejeitam a noção de neutralidade do discurso e de sua interpretação. “O tronco comum às diferentes abordagens da análise do discurso é a sua partilha da ideia de linguagem/discurso como um meio não transparente e não neutral para descrever e analisar o mundo social” (AZEVEDO, 1998, p. 107).

Michel Pêcheux foi um dos fundadores dos estudos sobre o discurso, articulando língua, sujeito, história e ideologia. A AD trabalha, portanto, com um sentido produzido e não meramente traduzido, compreendendo-se a ideologia como a filiação do sujeito a um determinado discurso (CAREGNATO; MUTTI, 2006). Esse campo de investigação lança, então, um novo olhar sobre o objeto de pesquisa, representando uma alternativa que reconhece a articulação entre linguagem e sociedade, entremeada por ideologias. Embasada em nova concepção de mundo, entende que a atividade do pesquisador interfere na realidade, diferentemente das estratégias de objetividade e neutralidade perseguidas pela ciência de tradição iluminista (PÁDUA, 2002; ROCHA; DEUSDARÁ, 2005; CAREGNATO; MUTTI, 2006).

A AD é adequada para resolver questões de pesquisa sobre: como as ações e práticas linguísticas são efetuadas em ambientes particulares, como os relatos particulares são construídos de tal modo que pareçam factuais, como os discursos produzem categorias, como injustiças e preconceitos são justificados e tornados invisíveis. Quer dizer, esse enfoque pode ser adotado por aqueles que reconheçam o cunho político da produção científica e que as pesquisas impactam o modo como as pessoas experimentam e se comportam no mundo; pode ser usada, ainda, para indicar discursos alternativos aos discursos dominantes (COYLES, 2010).

Por outro lado, a Análise de Conteúdo, segundo Bardin (2016), é um conjunto de técnicas sistemáticas e objetivas que visam extrair das comunicações indicadores que permitam a inferência de conhecimentos sobre a produção e a recepção dessas comunicações. Neste sentido, esse conjunto de técnicas tem por objetivo estabelecer “uma correspondência

entre as estruturas semânticas ou linguísticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas [...] dos enunciados” (BARDIN, 2016, p. 47), ou seja, parte do pressuposto de que há estruturas psicológicas ou sociológicas passíveis de serem conhecidas através do desvelamento de estruturas linguísticas diretamente relacionadas àquelas.

Segundo as palavras de Bardin (2016, p. 35), “o rigor e a necessidade de descobrir, de adivinhar, de ir além das aparências, expressam as linhas de força do desenvolvimento da Análise do Conteúdo”. Sobre a tarefa do pesquisador, ela compara com a do arqueólogo: “trabalha com *vestígios*: os ‘documentos’ que (o analista) pode descobrir ou suscitar. Mas os vestígios são a manifestação de estados, de dados e de fenômenos. Há qualquer coisa para descobrir por e graças a eles” (BARDIN, 2016, p. 45). Portanto, segundo essa concepção, o objeto de pesquisa poderia ser apreendido através de procedimentos sistemáticos, havendo uma verdade oculta a ser desvendada. Neste ponto, vale a pena apresentar um quadro sintético comparativo entre a Análise de Conteúdo e a Análise do Discurso.

Tabela 02 – Quadro-síntese das aproximações e dos afastamentos entre Análise de Conteúdo e Análise do Discurso.

	Análise de Conteúdo	Análise do Discurso
Objetivos de pesquisa	Captar um saber que está por trás da superfície textual	Analisar em que perspectivas a relação social de poder no plano discursivo se constrói
Eu pesquisador	Espião da ordem que se propõe a desvendar a subversão escondida; leitor privilegiado por dispor de “técnicas” seguras de trabalho	Agente participante de uma determinada ordem, contribuindo para a construção de uma articulação entre linguagem e sociedade
Concepção de texto	Véu que esconde o significado, a intenção do autor	Materialidade do discurso
Concepção de linguagem	Reprodução e disseminação de uma realidade <i>a priori</i>	Ação no mundo
Concepção de ciência	Instrumento neutro de verificação de uma determinada realidade	Espaço de construção de olhares diversos sobre o real

Fonte: Rocha e Deusdará (2005, p. 321).

Feitos os esclarecimentos, observa-se que, embora a Análise do Conteúdo reúna importantes ferramentas de apreciação dos dados, a Análise do Discurso foi o método mais coerente com a concepção de homem e de sociedade aqui adotada, com a base teórica da Psicologia Histórico-Cultural e com o objetivo deste trabalho, permitindo o reconhecimento crítico da implicância do investigador e do participante na produção do conhecimento; foi, portanto, o método mais útil para dar conta da complexidade do fenômeno investigado ao

possibilitar a análise das relações de poder inerentes à violência de gênero (AZAMBUJA; NOGUEIRA, 2009).

Descreve-se, a partir desse momento, o processo de tratamento dos dados construídos durante a pesquisa. Em suma, para a análise dos dados, foi feita a primeira leitura flutuante e, posteriormente, a segunda leitura, na qual destacaram-se palavras e termos que chamavam atenção, passando-se a classificar os textos entre aqueles com presença ou não de relatos de abuso, pois, como a pergunta foi aberta, os(as) participantes poderiam descrever qualquer aspecto do seu relacionamento e não necessariamente um abuso ou violência. Isto permitiu maior liberdade, aos sujeitos, de trazerem à tona sua perspectiva de namoro ou conjugalidade, sem que fossem induzidos a determinada resposta.

Durante a terceira leitura dos relatos, escreveram-se apontamentos e resumos dos principais temas abordados com vistas a se obter uma ideia do que era dito pelos sujeitos; então, construíram-se categorias onde se agruparam os relatos de acordo com o tema principal que emergia do discurso. Sendo assim, aproximando-se mais de uma abordagem indutiva, as primeiras categorias foram de natureza descritiva, similares à linguagem usada pelo participante e, conforme a análise avançou, foi possível formular categorias mais conceituais ou interpretativas (FONTE, 2001).

Os dados transcritos apresentaram o discurso dos participantes sem correções; tendo em vista, que a pesquisa foi feita pela internet, com respostas via computador, *notebook* ou, até mesmo, aparelhos celulares, há muitos erros de digitação que foram, entretanto, integralmente mantidos. As aspas colocadas pelos respondentes também foram mantidas, e geralmente eram utilizadas para reproduzir a fala do(a) companheiro(a). As respostas aparecem neste texto em itálico e, quando houve a necessidade de transcrever apenas parte dela, o trecho omitido foi substituído por três pontos entre parênteses. Para preservar o sigilo quanto a identidade dos/as participantes, atribuiu-se a cada um/a deles/as um número.

O negrito, no entanto, foi um recurso utilizado pela pesquisadora para destacar entradas discursivas (palavras, expressões ou frases) que chamaram a atenção e foram importantes para desenvolver a análise. Neste trabalho, foi mais utilizada a metodologia da AD de linha francesa, com respaldo teórico principalmente em Orlandi (1999), observando-se as três etapas indicadas pela autora, ou seja, análise da superfície linguística, análise do objeto discursivo e análise do processo discursivo.

A primeira etapa consiste na análise da superfície linguística, em que se observou o material bruto coletado, no caso, o texto resultante da pergunta aberta. Considera-se, nesta fase, como se diz, quem diz e em que contexto, atentando-se para as formações imaginárias,

como o esquecimento do domínio da enunciação, e desfazendo os efeitos da ilusão de que o dito só o poderia daquela maneira. Neste momento, trabalha-se com paráfrase, sinonímia, relação do dizer e não dizer; o não dito é o implícito, o pressuposto, subentendido, derivando propriamente da linguagem e dependente do contexto. Quando se diz ‘x’, não se diz ‘y’, e o não dito permanece como uma relação de sentido. O interdiscurso, a ideologia e a formação discursiva adotam o não-dizer, por exemplo: “‘com coragem’, significa pela sua relação com ‘sem medo’” (ORLANDI, 1999, p. 82). Outra forma de analisar o não-dito na AD é através do silêncio local, que é a censura (o que é proibido dizer), fazendo com que o sujeito não diga o que poderia dizer. A censura é produzida, desta maneira, pelas relações de poder; entre o dizer e o não dizer desenrola-se a interpretação.

Na segunda etapa, o *corpus* já recebeu uma análise preliminar e passa-se, então, à análise do objeto discursivo. “Analisamos o que é dito nesse discurso e o que é dito em outros (...). Com isso detectamos a relação do discurso com as formações discursivas” (ORLANDI, 1999, p. 65-66). Assim, a análise é aprofundada no segundo momento, quando se passa da superfície (*corpus* bruto, texto) e se atinge o objeto discursivo.

Na terceira etapa, a análise do processo discursivo (formação ideológica), o texto é apenas uma peça de linguagem dentro de um processo discursivo maior, ou seja, os textos desaparecem como referências específicas para dar lugar à compreensão do processo discursivo. Nesta fase, relacionam-se as formações discursivas distintas com a formação ideológica, cabendo ao analista analisar os efeitos metafóricos que são a substituição contextual, a transferência, o “deslizamento de sentido entre x e y” (PÊCHEUX, 1969 *apud* ORLANDI, 1999, p. 78), e que são afetados pela historicidade.

A íntegra das categorias criadas, com as respectivas falas dos(as) participantes, a ilustrar cada uma delas, está anexada a este trabalho e corresponde à primeira etapa da análise, na qual buscou-se extrair o máximo de categorias possível, que ficou organizada consoante Tabela 03.

Tabela 03 – Conceitos-análises extraídos dos discursos.

i. SENTIDOS DE AGRESSÃO	i.1 Física	
	i.2 Sexual	
	i.3 Patrimonial	
	i.4 Psicológica	a) Ameaça/chantagem (inclusive, emocional)
		b) Xingamento
		c) Humilhações/rebaixamento
		d) Ser traído(a)/enganado(a)
		e) Ser acusado(a) de traição
		f) Vigilância/controle/manipulação/desrespeito à autonomia e à liberdade
g) Indiferença		
h) Criticismo		
ii. ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO	ii.1 Diálogo	
	ii.2 Tentativa de mudar o(a) parceiro(a)/crença na mudança	
	ii.3 Reproduzir o comportamento do par	
	ii.4 Fuga	
	ii.5 Delegacia	
	ii.6 Rede de apoio (família, amigos, terapia, comunidade)	
	ii.7 Aguentar/acostumar-se	
	ii.8 Perdoar	
	ii.9 Ameaça de término	
	ii.10 Término do relacionamento	
iii. SENTIMENTOS/EMOÇÃO ASSOCIADOS POR QUEM SOFRE ABUSO	iii.1 Medo	
	iii.2 Culpa	
	iii.3 Tristeza/falta de felicidade	
	iii.4 Sofrimento	
	iii.5 Vergonha	
	iii.6 Amor	
	iii.7 Deixar de gostar/amar	
	iii.8 Ambiguidade	
	iii.9 Inferioridade/baixa autoestima	
	iii.10 Insegurança	
	iii.11 Desregulação/Supressão emocional	
	iii.12 Variação emocional	
	iii.13 Angústia	
	iii.14 Ruminação	
	iii.15 Falta de disposição/paciência/cansaço	
	iii.16 Decepção/frustração	

	iii.17 Mágoa
	iii.18 Raiva
	iii.19 Esperança
iv. SENTIMENTOS/HUMOR/PERSONALIDADE ASSOCIADOS A QUEM PRATICA ATOS ABUSIVOS	iv.1 Ciúme
	iv.2 Amor
	iv.3 Labilidade de humor
	iv.4 Dependência emocional
	iv.5 Falta de controle emocional
v. CAUSA/JUSTIFICATIVA PARA PRÁTICAS AGRESSIVAS	v.1 Histórico da família de origem
	v.2 Problemas pessoais
	v.3 Problemas financeiros
	v.4 Transtornos mentais
	v.5 Abuso de álcool/substâncias químicas
	v.6 Papeis de gênero/machismo
	v.7 Divergências/diferenças
	v.8 Interferências externas
vi. SENTIDOS ATRIBUÍDOS POR TER SE MANTIDO NA RELAÇÃO	vi.1 Dependência/falta de maturidade
	vi.2 Acreditar que o par é uma boa pessoa
	vi.3 Não ter outra pessoa
	vi.4 Falta de percepção sobre a relação
	vi.5 Não consegue atribuir sentido
	vi.6 Filhos
vii. CONSEQUÊNCIAS	vii.1 Isolamento
	vii.2 Trauma/interferência em novos relacionamentos
	vii.3 Diminuição da autoestima/insegurança
	vii.4 Desregulação emocional
	vii.5 Adoecimento
	vii.6 Aprendizado/superação

Porém, para sermos fiéis ao escopo do trabalho, a segunda e a terceira etapas da análise, que consideram, respectivamente, o objeto e o processo discursivo (ORLANDI, 1999), ativeram-se às categorias (conceito-análise) mais interligadas ao interesse da pesquisa, ou seja, a VPI do tipo psicológico e em seu aspecto relacional considerando o gênero, a cultura da honra e a regulação emocional, que foram, portanto, vistos de maneira mais aprofundada.

4.6.2 Análise quantitativa

Os dados quantitativos provenientes dos questionários e dos instrumentos com questões fechadas, por sua vez, foram organizados em um banco de dados com o auxílio do *Microsoft Excel*. Em seguida, foram realizadas as análises descritivas para caracterização dos participantes da pesquisa e, posteriormente, foram realizadas análises inferenciais de correlação através do *r de Pearson* para estudar a relação entre os diversos fenômenos com o intuito de compreender a interação que os mesmos apresentam. O programa utilizado para fazer as análises quantitativas foi o *IBM SPSS Statistics*, versão 23, para Windows. Por fim, buscou-se a integração dos dados qualitativos e quantitativos para, dessa forma, compreender, de maneira mais aprofundada, o fenômeno da violência psicológica.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Caracterização Sócio Econômica dos Participantes

O estudo contou com 328 protocolos válidos, dos quais 272 (82,9%) foram respondidos por pessoas do sexo feminino, 246 (75%) participantes declararam-se heterossexuais, 46 (14% bissexuais) e 30 (9,1%) homossexuais, além de outras formas de sexualidade, conforme se observa na Tabela 04.

Tabela 04 – Orientação sexual.

Orientação sexual	Frequência	Percentual
Heterossexual	246	75.0
Bissexual	46	14.0
Homossexual	30	9.2
Pansexual	4	1.2
Assexual	1	0.3
Não respondeu	1	0.3
Total	328	100

A maioria dos sujeitos da pesquisa (223) pertence à região Norte do país, 58 do Sudeste, 18 do Nordeste, 14 do Sul e seis do Centro-Oeste. Quanto à escolaridade, 154 (47%) participantes disseram possuir o ensino superior completo, seguidos de 147 (44,8%) com ensino superior incompleto, 24 (7,3%) com ensino médio completo e 3 (0,9%) com ensino médio incompleto. Dentre os respondentes, 121 (36,9%) são estudantes e 118 (36%) exercem atividade remunerada, com independência financeira.

Tabela 05 – Ocupação.

Ocupação	Frequência	Percentual
Estudante	121	36.9
Atividade remunerada com independência financeira	118	36.0
Atividade remunerada, mas dependente financeiramente de outra pessoa	47	14.3
Desempregado(a)	20	6.1
Dona(o) de casa	8	2.4
Aposentado(a)	4	1.2

Autônomo(a)	4	1.2
Não respondeu	4	1.2
Auxílio doença	1	0.3
Dependente financeira de outra pessoa	1	0.3
Total	328	100.0

Quanto à renda, 109 (33%) possuem renda de até dois salários mínimos, seguidos de 92 (28%) que não possuem renda.

Tabela 06 – Renda.

Renda	Frequência	Percentual
Até 2 salários mínimos (até R\$ 1.874,00)	109	33.2
Não possui	92	28.0
De 4 a 10 salários mínimos (R\$ 3.748,01 a R\$ 9.370,00)	59	18.0
De 2 a 4 salários mínimos (R\$ 1.874,01 a R\$ 3.748,00)	46	14.0
De 10 a 20 salários mínimos (R\$ 9.370,01 a R\$ 18.740,00)	18	5.5
Acima de 20 salários mínimos (R\$ 18.740,01 ou mais)	3	0.9
Não respondeu	1	0.3
Total	328	100.0

Relativamente à religião, 115 (35,1%) participantes se disseram espiritualizados, porém, sem religião, seguidos de 82 (25%) católicos, 38 (11,6%) evangélicos, 30 (9,1%) espíritas e 23 (7%) ateus, além de outras orientações religiosas. Referente ao tipo de relacionamento, 155 (47%) dos sujeitos da pesquisa namoram ou já namoraram e 126 (38,4%) são casados ou vivem em união estável.

5.2 Análises Qualitativas

O *corpus* objeto desta análise foi composto por 121 relatos de experiência, obtidos durante a fase de construção de dados da pesquisa, na qual os participantes responderam, por meio da *internet*, a uma pergunta aberta que lhes pedia que ressaltassem qualquer aspecto importante de seu relacionamento íntimo.

Após os procedimentos metodológicos descritos anteriormente, foi possível identificar as categorias de representação da VPI (conceitos-análises) constantes do quadro (APÊNDICE

B). A seguir, analisamos, de maneira mais aprofundada, com base na AD, o sentido da violência psicológica, o aspecto bidirecional da violência, as estratégias de regulação emocional, as questões de gênero e a cultura da honra que apareceram nas respostas dos participantes, quer dizer, na superfície linguística do discurso dos enunciadoreis.

- Dentre os (i) sentidos de violência, apareceram as violências (i.1) física, (i.2) sexual, (i.3) patrimonial e (i.4) psicológica – daremos destaque a esta última, considerando-se o enfoque desta pesquisa. A violência psicológica englobou: (a) ameaça/chantagem, (b) xingamento, (c) humilhação/rebaixamento, (d) ser traído(a)/enganado(a), (e) ser acusado(a) de traição, (f) vigilância/controle/manipulação/desrespeito à autonomia e à liberdade, (g) indiferença, e h) criticismo.

Neste contexto, os achados assemelham-se aos da pesquisa feita por Alvim e Souza (2005), cujos sujeitos identificaram a violência psicológica com falar absurdos, mentir, xingar, fazer escândalo, expor publicamente, gritar e ameaçar. Passaremos, então, a analisar cada um dos subtipos de violência psicológica encontrados nos relatos. Para consultar os relatos com os demais tipos de agressão (física, sexual e patrimonial) remete-se à tabela completa (APÊNDICE B).

a) Ameaça/chantagem (inclusive, emocional)

Extraímos, dos relatos, a utilização de um subterfúgio por parte daquele(a) que quer impor sua vontade ao outro, uma vez que, diferentemente da violência física, a ameaça coage o destinatário a fazer algo que, a princípio, ele não o faria, por medo de perder um bem importante, de se expor ou de causar algum mal.

A ameaça foi a espécie de violência doméstica mais praticada contra as mulheres na cidade de Manaus, no ano de 2018, com 8.432 registros nas Delegacias da capital, conforme informado pelo setor de estatística da Delegacia Geral de Polícia Civil do Amazonas (AMAZONAS, 2018). Ela está capitulada no art. 147 do Código Penal Brasileiro: “ameaçar alguém, por palavra, escrito ou gesto, ou qualquer outro meio simbólico, de causar-lhe mal injusto e grave” (BRASIL, 1940).

Quem ameaça, portanto, tem a intenção de atemorizar a vítima. Neste sentido, observou-se que o medo esteve muito presente nos relatos de experiência dos participantes desta pesquisa, sendo que a sua consequência é o estado de alerta, pois não se sabe se e quando a ameaça se concretizará. A ameaça pode ser dirigida para si, para um ente querido, para bens materiais, projetos e valores imateriais da vítima, podendo paralisá-la e torná-la ainda mais submissa e dependente do agressor, com medo das consequências. As marcas

textuais são identificadas pela presença de um “se... então”, quer dizer, se a vítima fizer algo que o outro não queira, então haverá uma consequência indesejada.

Destacam-se, por exemplo, nos relatos 14, 23 e 52 que o(a) abusador(a) ameaça retirar a própria vida com o intuito de responsabilizar a vítima caso um mal maior ocorra:

*“No começo, ele chorava, fazia muito drama, chegando a **dizer que ia se matar**, ter ataque cardíaco e outras coisas ridículas (...) Sempre me dizia que se eu terminasse com Ele, e se arrumasse outro homem, **ele me deixaria paraplégica e mataria o cara só pra eu me lembrar dele o resto da vida**. Passados 3 anos, ele finalmente saiu de casa, fazendo **chantagem emocional** e achando que eu ia pedir pra que ele ficasse (...) Passaram 4 meses e ele numa madrugada começou a enviar mensagens agressivas **me ameaçando**... umas 5h da manhã ele invadiu o condomínio e agrediu o meu porteiro”* (14 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“Por muitas vezes tentei me separar e **sofri ameaças, contra a vida dele, contra a minha vida, ameaças de escândalo em meu emprego e eu sempre para evitar essas coisas me mantive na relação**”* (23 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“Toda vez que terminava era uma situação de estresse, **dizia que ninguém a amava, que ia se matar**, enfim... tentou tomar comprimidos 4 vezes na minha frente, lutamos, literalmente (praticamos jiu-jitsu) eu na tentativa de não deixá-la engolir os comprimidos. O dia mais marcante foi quando ela trancou a porta de casa e escondeu a chave, e tinha colocado vários comprimidos na boca gritei desesperadamente por socorro, os vizinhos apareceram, quando ela se deu conta da minha reação me entregou os comprimidos que estavam na boca e pediu para eu contar, pois ela não tinha tomado, porém eu não sabia que estava em estado de choque e conseguia contar, e a cada tentativa em contar e me desesperava ainda mais (...) Finalizando, ela precisou viajar e antes de ir eu disse que seria impossível continuarmos vivendo sob o mesmo teto, quando retornou de viagem não encontrou algumas coisas minhas, pois tinha saído de casa, **novamente o drama começou, ia se matar**, avisou seus amigos e foi aquele desespero...”* (52 – relato feminino sobre parceira feminina).

Nas falas 68 e 70 o filho é utilizado como instrumento de ameaça. Infelizmente, nas varas de família também são recorrentes as disputas de guarda em que os filhos são utilizados como manobra para atingir o outro genitor:

*“Morei de favor com a família do meu pai por muito tempo, me opere pra retirar a vesícula e um cisto de 2 kilos q me levou um ovário, nesse meio tempo ele **nao parava de me ameaçar**, queria que eu passasse a guarda do nosso filho pq **se nao ele ia tirar a força**, eu sozinha, doente e desesperada aceitei. Ate no dia de assinar os papeis ele me dizia **"mas vc sabe ne, se eu quiser vc nunca mais ve ele"**”* (68 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“Decide me separar, mas ele nunca aceitou o divórcio, **tentou usar nosso filho para fazer chantagem emocional**, se afastou dele (apesar de que nunca foi muito presente, não assumia responsabilidades no cuidado dele)”* (70 – relato feminino sobre parceiro masculino).

Já nas respostas 81 e 88 são as imagens pessoal e familiar que foram colocadas em perigo, seja pela exposição de fotos íntimas na internet ou pela exposição dos pais e familiares

na internet. Infelizmente, esta é uma situação que está se tornando comum nos dias atuais, uma vez que, cada vez mais, observamos na mídia e no dia a dia policial e do Judiciário casos de crimes cibernéticos em que a rede de computadores é utilizada para expor a vítima como forma de vingança por ela não ter agido em conformidade com a vontade do coator.

“Ele começou a me fazer ameaças. E ameaçou de colocar fotos minhas na Internet. Fotos íntimas que eu nem sabia da existência” (81 – relato feminino sobre parceiro masculino).

“Pegou meu ponto fraco e lançava ameaças dizendo que faria os meus pais ou familiares passarem vergonha” (88 – relato feminino sobre parceiro masculino).

Todas essas formas agredem a saúde mental do sujeito, não física, mas psicologicamente, gerando consequências tais como medo, trauma, tristeza, insegurança, baixa autoestima, entre outros, conforme se demonstrará mais abaixo. A naturalização desses modos de relacionamento pode gerar efeitos nefastos na reprodução de comportamentos pouco saudáveis.

Ressalta-se, ainda, que todos os trechos reproduzidos neste tópico são de autoria feminina. Trata-se, neste caso, portanto, de relato de violência específica contra a mulher, entretanto, em um deles (relato 52) o par também é feminino. Assim considerando, a explicação feminista tradicional daria conta deste aspecto da violência psicológica se não houvesse um abuso perpetrado, também, por uma mulher em face de sua companheira. Desde os manuais americanos da década de 1990, já se alertava as mulheres sobre os riscos do rompimento, tais como a ameaça contra a sua vida e de seus filhos, o que poderia se intensificar principalmente no período da separação (HART, 1990 *apud* SOARES, 1999). Aqui, contudo, a explicação não se satisfaz pelo modelo da “violência contra a mulher” ou pelo modelo do “poder e controle”, visto que, segundo este modelo, o autor da violência é sempre o homem, deixando-se de pensar nos relacionamentos femininos homossexuais.

b) Xingamento

Em diversos relatos reunidos nesta pesquisa, os(as) participantes trouxeram à tona o xingamento sofrido como forma de VPI. De acordo com Nunes-Scardueli (2015, p. 32), “xingar é insultar com palavras, com o propósito de machucar e degradar moralmente outra pessoa, o que se considera uma violência moral e psicológica. Na ofensa praticada via xingamento, os significantes empregados pouco importam, mas sim seus significados”.

Destaca-se, assim, que o xingamento veicula com ele uma série de valores morais típicos de uma sociedade e carrega ideologias independentemente da consciência do emissor, especialmente valores de gêneros (formações ideológicas). Foi o que observamos em nossa pesquisa, uma vez que há nos xingamentos a conotação de desmerecimento e de rebaixamento da pessoa ofendida, contendo simbolismo relacionado à sexualidade feminina tão em voga em sociedades machistas e que ressaltam a cultura da honra.

Xingamentos como “puta”, “vagabunda” e “piranha” estão impregnados de representações de gênero e deslizam para significados atinentes à traição, com apelo sexual, dando a entender que as mulheres se envolvem com outros homens (NUNES-SCARDUELI, 2015). Há, desta forma, uma formação discursiva (FD) machista que deriva de uma formação ideológica (FI) patriarcal, conforme os relatos que seguem:

“*Chegou a me chamar de **puta** e etc...*” (14 – relato feminino sobre parceiro masculino).

“*Ele me chama de **escrota**, mesmo quando o culpado é ele*” (61 – relato feminino sobre parceiro masculino).

“*Mas frequentemente após o sexo anal (eu que iniciava) no primeiro desentendimento, ele sempre me **mandava tomar no cú** já que eu curtia (...)*” (73 – relato feminino sobre parceiro masculino).

“***Put**a era a palavra mais bonita q ele me chamava. Sou enfermeira, e ele sempre dizia que todas as enfermeiras são piranhas, que **só vão para o hospital para “dar” para os médicos***” (81 – relato feminino sobre parceiro masculino).

Além disso, foram frequentes os relatos de xingamentos que tentavam incutir à mulher a ideia de loucura, falta de sanidade mental e questionamento de sua inteligência:

“*Você é **burra***” (40 – relato feminino sobre parceiro masculino).

“*Pq eu era **louca, mal criada e feia***” (43 – relato feminino sobre parceiro masculino).

“*Ele não te bate, mas te deixa insegura e ainda diz que você é que é **maluca e neurótica***” (47 – relato feminino sobre parceiro masculino).

“*Me chamava de **louca** frequentemente, assim também dizia que me **vestia mal** ou insinuava **burrice**, me chamava de **inútil** ou de **peso***” (86 – relato feminino sobre parceiro masculino).

“*Não gostava quando era chamada de **burra***” (92 – relato feminino sobre parceiro masculino).

“*Ele dizia que era **louca, paranoica e ciumenta***” (109 – relato feminino sobre parceiro masculino).

Como bem ressaltado pela AD, aquele que diz apropria-se, de forma inconsciente, de discursos passados, embora tenha a ilusão de ser originário em suas palavras (esquecimento número 2, no nível da formulação), seu discurso é a repetição de ideologias há muito existentes (esquecimento número 1, o sujeito esquece que é sujeito do processo ideológico de produção de sentido) (SOUZA, 2014). Há um apagamento da memória que, no entanto, está latente no discurso: mesmo que o autor do abuso não esteja ciente de sua intencionalidade, ela se manifesta como eco de discursos passados e presentes, ditos em outros lugares.

Trata-se do interdiscurso, ou seja, é o já-dito, a memória, aquilo que fala antes, em outro lugar, abrange tudo o que já se disse, todos os sentidos já ditos por alguém em outros momentos e lugares; atinge os sujeitos apesar de suas vontades, significam pela história e pela língua. O sujeito pensa que é original na sua fala e que sabe o que diz, porém, na realidade, não possui controle sobre a constituição dos sentidos nele, uma vez que este é inconsciente. “Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos” (ORLANDI, 1999, p. 33).

Ao serem analisadas as condições de produção do discurso ao abranger os sujeitos, a situação e a memória que, em sentido estrito, é o contexto imediato e, em sentido amplo, inclui o contexto sócio histórico e ideológico (ORLANDI, 1999), conclui-se que é histórica a atribuição de características como loucura, histeria, paranoia e inferioridade intelectual às mulheres, confirmando-se, mais uma vez, a influência histórico-cultural no pensamento e na ação cotidiana.

Assim sendo, neste caso específico de VPI, o modelo feminista tradicional explica a violência sofrida pelas mulheres e está de acordo com a ótica do homem como perpetrador e a mulher como vítima. Apesar disso, veremos mais à frente que os dados quantitativos apontaram para a VPI bidirecional em suas diversas formas. Portanto, os relatos devem ser interpretados criticamente, considerando possíveis vieses causados pela própria cultura patriarcal que, na maioria das vezes, constrange os homens, levando-os a não relatarem possível abuso sofrido. Fora isso, não podemos esquecer o viés amostral, tendo em vista que a amostra foi composta de 82,9% de mulheres, sendo que 75% dos participantes se declararam heterossexuais e, por consequência, a probabilidade de mulheres relatarem abuso sofrido de seu par masculino é maior que o inverso.

c) Humilhação/rebaixamento

Os trechos apontam casos em que os agressores (todos homens) colocam o outro componente do casal (no caso, todas mulheres) em situação de submissão e de vulnerabilidade, momento em que imperam discursos de desrespeito e de desamor que diminuem a autoestima, ridicularizam e desqualificam a mulher.

Ressalta-se, entretanto, que nenhum homem relatou ter sido humilhado ou rebaixado, demonstrando-se, portanto, a questão de gênero. Desta forma, todas as marcas textuais a seguir são de mulheres:

*“Meu ex marido tinha uma estima muito elevada e **não permitia que eu estivesse a altura dele**”* (1 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“Em muitos momentos me vi **humilhada**, desvalorizada e enfraquecida”* (8 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“As vezes **diminui as coisas que faço**, afirmando que tudo **o que ele faz é mais difícil** do que as que eu faço (principalmente em relação a faculdade), esse é o principal fator que me deixa bem estressada com meu relacionamento”* (61 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“Ele me convenceu de termos um filho. Mas, ele queria menina, eu me apavorava pois ele dizia que se fosse menino, ele não ia me dividir com outro homem.. Tentei engravidar por 3 anos, não consegui. Certa vez, ele **conversando com a cadela q tínhamos**, comentei: **Vc trata a cachorra melhor q a mim**, conversa com ela, mas me ignora e maltrata o tempo todo... E ele respondeu: **Ela pelo menos engravida, ao contrário de vc!**”* (81 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“Familiares costumavam a dizer que ele **me tratava com certa inferioridade**, ele costumava a gritar muito alto, falar próximo ao meu rosto, na medida que eu conquistava alguma coisa ou acontecia algo que me beneficiava inicialmente ele apoiava, mas depois passava a criticar ou a **reduzir**. (...) ele permaneceu com as ofensas e **humilhações** dizia que eu **nao2 consegueria ficar com a nossa filha (sempre cuidei dela sozinha) entre outras coisas (...)**”* (86 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“Essa pessoa me colocava **pra baixo**, dizia que não sentia mais vontade de me ver porque eu **não me vestia bem**. Então eu me forcei a me vestir de acordo com o que que ele gostava e isso já me deixou abalada...puxa! “Alguém que amo começou a me **desmerecer**”, era isso que vinha na minha cabeça”* (99 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“Ele sempre utilizou da questao financeira para me **humilhar**. Ate agora ainda esta fazendo isso”* (102 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“Mas tempos depois vieram brigas e discussões que não acabavam mais, ele na maioria das vezes me tratava muito mal, me **rebaixava**”* (103 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“Durante muitos anos, ele **me julgava inferior** por ter sido forçada a perder a virgindade com outra pessoa, o tempo todo ele jogava isso na minha cara”* (109 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“Gritou comigo sem motivo na frente de várias pessoas. Disse que eu não tinha valor nenhum pra ficar com ele e que **eu era um nada**”* (116 – relato feminino sobre parceiro masculino).

Aqui, foi comum, ainda, a tentativa de incutir a ideia de que ninguém mais valorizará a parceira e que somente o agressor poderia ser capaz de amá-la, inferiorizando suas ideias, conquistas, trabalhos e atitudes, diminuindo-lhe, por conseguinte, a autoestima e a capacidade de reação.

*“(...) ele sempre falava que **ninguém mais ia me querer, porque ninguém ia me aguentar como ele me aguentava, que eu nunca ia encontrar um homem que me amasse como ele** (...)”* (14 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“**Fazia eu me sentir uma pessoa que nunca iria conseguir nada e nem ninguém melhor, terminava comigo sempre que queria e quando questionado, falava que não queria nada com uma pessoa igual a mim**”* (30 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“**Quem tá contigo, só tá contigo pq quer te comer**”, “**Se não for eu, ninguém mais te atura pq tu é muito difícil**”, “**Eu sou a única pessoa que vai te amar nessa vida pq ninguém mais te aguenta**” entre outras coisas”* (40 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“Ele foi agradável por duas semanas, e qd o relacionamento firmou, começou a ficar agressivo, ciumento, me rebaixando e humilhando na frente de quem quer que fosse, e onde quer q fosse (...) Ele dava em cima de outras mulheres na minha frente e dizia q era loucura minha. Aliás, td era loucura minha. Ofendia à mim, minha família e meus amigos, q ngm prestava p ele. **Ninguém ia me querer se eu o largasse, pq eu era louca, mal criada e feia**”* (43 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“Ele conseguia fazer com que eu me sentisse inútil, nada que eu fazia estava bom, sempre faltava algo, não levava em consideração o que eu dizia e quando vinha alguém e falava a mesma coisa que eu, ele concordava (...) No final do relacionamento ele dizia que me amava e quando via que eu não queria mais mesmo, começava a me xingar e ainda **dizia que eu nunca encontraria alguém igual a ele**”* (45 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“**Também falava que era muito difícil namorar comigo e que não era qualquer um que teria a paciência que ele tinha**”* (50 – relato feminino sobre parceiro masculino).

Pergunta-se: a que discurso pertence o conceito-análise construído? A resposta vem de Soares (2016, p. 23), para quem “a maneira como o gênero feminino é construído discursivamente na sociedade faz parte das relações estabelecidas entre os sujeitos, bem como suas diversificadas formas de manutenção do poder, colocadas pelo discurso”. Quer dizer, a humilhação e o rebaixamento observados nas falas das participantes foram direcionados a elas como forma de perpetuação do poder pelo agressor, ainda que de modo inconsciente. Para

tanto, observa-se como o modelo feminista tradicional, neste caso, se aplica bem, pois explica a VPI através de relações de poder do homem sobre a mulher.

Evidencia-se, com isso, o poder simbólico presente na humilhação, correspondente a uma estrutura social que, hierarquicamente, tenta colocar a mulher em um patamar inferior. O gênero se mostra, aqui, como formação discursiva que revela ideias sexistas e machistas inculcadas nas masculinidades. Saffioti (2015), neste sentido, também constatou a forte presença de atos de humilhações ao pesquisar violência doméstica; a escritora referiu que as mulheres de sua pesquisa declararam mais facilidade em superar a violência física do que as humilhações sofridas, devido a profunda dor causada por estas.

Conforme entendido por Butler (2015), gênero é performático e sua compreensão é socialmente construída através do discurso, do que se compreende que toda construção social em torno dos significados do que é ser masculino e feminino está inculcada nos discursos do dia a dia e são reproduzidos nas diversas falas, em lugares diferentes e, dessa maneira, os gêneros se relacionam de acordo com essa ideia, que aprisiona os sujeitos e gera sofrimento especialmente para as feminilidades.

d) Ser traído(a)/enganado(a)

A fidelidade é um valor construído historicamente e adotado, especialmente, pelas sociedades ocidentais. Embora outras formas de relacionamento amoroso sempre estivessem presentes na história da humanidade, e novas formas surjam a todo instante, a ideia do amor romântico, com parceiros que se complementam, ainda permeia o imaginário na contemporaneidade, advindo, portanto, de uma formação ideológica (FI) romântica.

Assim, ser alvo de traição ou “ser enganado” foi uma das formas de violência que apareceram nos relatos de experiência dos participantes. Como não é um modo de violência direta, que cause consequências físicas imediatas, classificamo-lo como uma forma de violência psicológica em razão do sofrimento gerado.

“*Acredito que ele **mint**a*” (13 – relato masculino sobre parceiro masculino).

“*Nesse relacionamento fui **traída**, por meses com a ex que ele havia deixado*” (14 – relato feminino sobre parceiro masculino).

“*Meu relacionamento passado foi bem perturbado.. ele me **traiu** muitas vezes*” (30 – relato feminino sobre parceiro masculino).

“*Descobri algumas **traições***” (44 – relato masculino sobre parceiro masculino).

*“Me separei por que ele **arrumou uma amante** e a engravidou e foi morar com ela, porém continuo me relacionando com ele” (59 – relato feminino sobre parceiro masculino).*

*“Não concenter em ser **enganada** durante os 9 anos que vivemos juntos” (65 – relato feminino sobre parceiro masculino).*

*“Sim. Senti me **traída**, desconsiderada, e **antes de saber a verdade**, fui muito maltratada psicologicamente” (97 – relato feminino sobre parceiro masculino).*

*“Namorei um garoto por 7 anos e durante todo esse tempo ele me manipulou, **traiu**, **mentiu** e me uso. Ele falava mal de mim (sua própria namorada) para os amigos e para a ex namorada com quem ele me **traiu** também. (...) Proximo ao fim do namoro descobri que ele marcava encontro com meninas menores de idade, de preferência virgens, assim como tinha fotos nuas de menores tambémno celular” (109 – relato feminino sobre parceiro masculino).*

*“Meu relacionamento é péssimo no momento, estou com uma pessoa que não tem valores, ela me **traí**, vive saindo pra festas e bares, não me respeita, e o pior, mesmo com todas as comprovações de que a pessoa estava em determinado local, ela **mente**, faz com que eu me **engane** sobre determinadas coisas” (117 – relato feminino sobre parceiro masculino).*

*“Ele me **traiu** várias vezes, digo várias porque ele **manteve um outro relacionamento** fora do nosso durante 4 meses, e com outros garotos, descobri tudo pelo celular, no modo como ele conversava com esses garotos etc.” (118 – relato masculino sobre parceiro masculino).*

A maioria dos relatos acima partiu de mulheres acerca de relacionamentos heterossexuais, com exceção dos discursos 13, 44 e 118 que pertencem às masculinidades em relacionamento homossexual; logo, os ideais românticos não pertencem apenas às feminilidades. Pode-se interpretar, ainda, que relacionamentos homossexuais são envolvidos, também, em valores tradicionais de gênero e regidos por padrões próximos aos dos casais heterossexuais.

Observa-se que para a análise dos relatos acima, a teoria feminista mais tradicional, ou seja, aquela que explica as relações violentas através de jogos de poder, sempre partindo de uma estrutura hierárquica com os homens no topo e as mulheres na base, não seria capaz de compreender os discursos dos homens que revelam a traição por parte de outros homens. Aqui, os estudos sobre as masculinidades explicam melhor a questão.

Interessante notar que, embora a fidelidade feminina seja um importante valor nas culturas da honra, como é o caso do Brasil, nenhum homem queixou-se de ser traído por sua mulher, o que pode estar relacionado a um forte constrangimento social de o homem revelar sofrer traição de sua parceira, o que causaria, dentro do pensamento machista, uma mancha em sua reputação.

Na AD tal se explica pelo silêncio local, que é a censura (ORLANDI, 1999), isto é, nem tudo pode ser revelado, se diz aquilo que é permitido, em determinadas condições de

produção do discurso e, em nossa sociedade, muitos homens ainda se preocupam em “preservar sua imagem” perante a comunidade e sofrer traição tem, para muitas masculinidades, o efeito de “manchar a honra”, logo, revelar ter sido traído poderia ferir sua reputação, razão pela qual muitos preferem não dizer. A censura é produzida, então, pelas relações de poder, e aqui o conteúdo pode ter sido omitido para que as masculinidades preservem sua relação de poder, tanto frente às mulheres quanto para não se revelar fragilizado diante de outros homens. Porém, o não dito permanece como uma relação de sentido, uma vez que o interdiscurso, a ideologia e a formação discursiva adotam o não-dizer – entre o dizer e o não dizer desenvolve-se a interpretação (ORLANDI, 1999).

A falta de relatos masculinos revelando traição de sua parceira pode, também, ser compreendido pelo mecanismo da antecipação, segundo o qual, ao dizer algo, o locutor pensa sobre o efeito que suas palavras causarão no ouvinte e regula seus argumentos escolhendo uma forma de dizer menos constrangedora, mais eloquente ou que mais agrade; enfim, que produza determinado efeito desejado no destinatário (ORLANDI, 1999).

Estas são apenas algumas das interpretações possíveis. Contudo, não podemos esquecer a composição amostral, ou seja, diante da menor participação masculina na pesquisa tem-se, por consequência, menos probabilidade de aparecerem relatos masculinos de traição em relacionamento heterossexual.

e) Ser acusado de traição

Conforme visto na fundamentação teórica deste trabalho, em culturas da honra, a fidelidade feminina é valorizada e almejada (formação ideológica patriarcal). Sendo assim, para preservação da integridade do seu par romântico, aumenta-se a vigilância sobre o comportamento sexual, geralmente da mulher, o que pode ensejar violência doméstica.

Não responder com violência pode ser visto como vergonhoso, uma vez que preocupações com a fidelidade influenciam o cometimento de violência de homens contra as mulheres. Os estudos concluíram que, na maioria dos casos, o principal motivo é a suspeita do homem de ser traído ou abandonado. Concluiu-se, desta maneira, que a violência prevalece nas CH em comparação com culturas cujo tema principal não é a honra (VANDELLO; COHEN, 2003).

É, portanto, o que exurge dos relatos a seguir: uma preocupação do par, geralmente masculino, com a fidelidade feminina. Mas há, também, casos como o relato 71, cuja preocupação advém de um dos pares femininos, em um casal de mulheres de orientação homossexual:

“*Você não me ama, não me dá carinho, não me dá afeto, **deve estar transando com outros caras***” (14 – relato feminino sobre parceiro masculino).

“*No final das contas ele acabou que **me acusou de trair** ele indevidamente*” (30 – relato feminino sobre parceiro masculino).

“*Há 1 mês, ele invadiu minha casa de madrugada, **achando que eu estava traindo ele***” (41 – relato feminino sobre parceiro masculino).

“*Ele **me acusava de trai-lo***” (45 – relato feminino sobre parceiro masculino).

“*Na época eu já estava namorando meu marido e quando falei pra ele que tinha alguém, ele me xingou, gritou, **disse que eu já estava com meu marido antes de terminarmos, tentando reverter a história***” (50 – relato feminino sobre parceiro masculino).

“*Houve situações em que ela **dizia que eu flertava com outros homens** e até puxou o meu cabelo várias vezes e eu dizia que isso era agressão e ela dizia que agressão para ela era espancar, e na época eram flertes que não aconteciam, mas que para ela era por conta de eu conversar com essas pessoas*” (71 – relato feminino sobre parceira feminina).

“*Ele me acordava às 3h da manhã dizendo coisas sem sentido, **me acusando de ter olhado alguém na rua no mês passado, por exemplo...** (...) Ele queria fazer sexo e eu não... aí ele saía disse quarto, voltava e dizia “**Vou bater uma punheta, vc não vai dar pra mim msm? Vc não serve pra nada! Deve estar dando pra outro na rua!**”*” (81 – relato feminino sobre parceiro masculino).

Esclarecemos que a violência aqui está na acusação, não havendo certeza se a traição, de fato, ocorreu ou irá acontecer, portanto, independe dela, mas um dos pares desconfia do outro e antecipa-se em julgá-lo, apontar-lhe defeitos morais e passa a questionar a sua dignidade e o seu caráter. Sendo assim, o destinatário das acusações pode sofrer ao pensar não ser digno de confiança e, ainda, com o sentimento de injustiça. Este padrão relacional dificulta a comunicação entre o casal e diminui a qualidade do relacionamento, na medida em que é baseado na desconfiança e na insegurança, gerando, cada vez mais, vigilância e controle sobre o outro – o que é o próximo tópico.

f) Vigilância/controle/manipulação/desrespeito à autonomia e à liberdade

O controle e a restrição à liberdade do(a) parceiro(a) é uma das formas de VPI bastante citada na literatura (DAY *et al.*, 2003; ALVIM; SOUZA, 2005; HIRIGOYEN, 2014; MACHADO; DEZANOSKI, 2014; ATAÍDE, 2015). Neste tópico, diversos conceitos aparecem aglutinados devido as suas interligações, tais como vigilância, controle, manipulação e desrespeito à autonomia e à liberdade, os quais estão fortemente relacionados.

O controle, neste sentido, é uma tentativa de manter o outro sobre seu domínio, enquanto que a vigilância e a manipulação são instrumentos de controle, meios de atingir o objetivo (HIRIGOYEN, 2014), isto é, certificar-se de que o outro está agindo de acordo com a

vontade e o desejo do controlador, implicando na restrição à sua liberdade e transformando-o em coisa e objeto.

A vigilância ocorre de diversas formas e pode beirar a perseguição. Já a manipulação é uma forma muito sutil de cercear a liberdade da pessoa visada, uma vez que esta não percebe estar no alvo, acredita agir conforme sua própria vontade e consentimento; no entanto, está sendo influenciada, geralmente, com base em uma mentira ou ardil. Para manipular alguém, o agente se utiliza da sedução e da confiança dispensada pela vítima, tornando-a mais suscetível ao reduzir suas resistências. Ele busca, então, identificar a vulnerabilidade do alvo e, a partir disso, modificar o comportamento e as ideias da vítima que não se dá conta das manobras do instigador; acontecem, com frequência, em relações passionais e de dependência. A pessoa não percebe ou demora a perceber que está sendo manipulada (HIRIGOYEN, 2014), como foi observado nos relatos abaixo:

“Ele me fazia crê que era um presente do céu para mim, ao mesmo tempo q me podava e tentava me controlar” (26 – relato feminino sobre parceiro masculino).

“Só fui perceber, quando começamos a namorar de fato e ele começou a ser muito controlador e agressivo (verbalmente) (...) não podia ver meus amigos” (9 – relato feminino sobre parceiro masculino).

“Ele me oprime silenciosamente. estamos juntos a 7 anos e so agora percebi que me afastei de todos, familia e amigos. e qnd estou conversando com alguem morro de medo dele ver” (51 – relato feminino sobre parceiro masculino).

Atitudes controladoras podem ocorrer por insegurança, medo de perder e uma necessidade constante de se certificar sobre a fidelidade do(a) parceiro(a) e que, então, não há risco de perder a pessoa desejada para um(a) rival. Fala-se em dependência emocional, como notamos nessas entradas discursivas:

“N permitia q ele me controlasse, mas ele tentava e muito, acabava cedendo em algumas coisas, e é tinha de fato dependência emocional nele” (26 – relato feminino sobre parceiro masculino).

“Minhas roupas eram ofensivas para ela, o fato de eu não sentir ciúmes também foi, fato que culminou em um comportamento inseguro e imaturo por parte dela puxando uma moça para beijar durante uma festa em que fomos, ela deixava eu sair com os meus amigos sozinha, mas no outro dia era uma situação pesada entre nós duas” (71 – relato feminino sobre parceira feminina).

Uma forma de restrição à liberdade muito presente nos discursos é a tentativa de impedir que o(a) parceiro(a) conviva com os amigos, o que pode levar ao isolamento da vítima – uma das consequências da violência citadas pelos(as) participantes. Além de

consequência, o isolamento é um meio para conseguir a manipulação, separando-se o alvo do convívio social para melhor controlá-lo (HIRIGOYEN, 2014). Nota-se, ainda, a repressão aos interesses e aos programas individuais ou com amigos, como pode ser vislumbrado nas entradas discursivas que seguem:

*“Durante o início do relacionamento ele **me afastou dos meus amigos** e fez com que eu parece de fazer tudo que eu fazia”* (24 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“**Me afastou dos amigos**, porque eu tinha que ficar com ele pra apoiá-lo”* (25 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“**Não gostava q eu me arrumasse, que eu falasse com qlqr pessoa**, principalmente homens (...) Ele inventou de abrir um bar, e queria q eu trabalhasse p ele nos fins de semana. Dizia q eu tinha obrigações com ele, q era mulher dele”* (43 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“Foi um relacionamento de 5 anos no começo era tudo lindo até ele **me proibir de falar ou sair com minhas amigas**, se alguém falasse comigo na rua ele perguntava se eu já tinha ficado com essa pessoa”* (77 – relato feminino sobre parceiro masculino).

Além disso, hodiernamente, é fundamental ressaltar o exercício de controle por intermédio das redes sociais, vigilância sobre o que o(a) companheiro(a) conversa, através de celulares e computadores.

*“Lembro de um episódio em que saí com duas amigas e ele simplesmente surtou, ele **ligou tanto** que acabou com a bateria do celular de nós três; quando cheguei em casa 5h da manhã, ele estava me esperando na portaria e dando showzinho (...) Durante o primeiro ano de relacionamento, ele nunca me agrediu, mas seu jeito sempre foi um pouco agressivo, com ciúmes e **controle excessivos**; ele **acompanhava cada passo** que eu dava, com quem eu falava; ele realmente **me sufocava**. Eu não falava mais com meus antigos amigos, meus amigos se tornaram os amigos que ele me apresentou, os programas eram ele quem decidia e tudo o que era meu, fosse mesmo um compromisso, era como se não tivesse importância”* (14 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“Eu me envolvi com um cara que **controlava** tudo que eu estava fazendo e fazia eu me sentir culpada por tudo. Ele **via até que horas eu ficava acordada pelo "visto pela última vez" do WhatsApp** e gritou comigo quando tirei essa opção. Se eu saísse com meus amigos, ele perguntava pra eles pra confirmar se era verdade mesmo”* (22 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“Me sinto incomodada dele querer **mexer no meu celular**, dele querer que a todo momento eu avise ele de onde eu vou, me sinto **presa**”* (23 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“Ele não te bate, mas te manipula (...) Ele não te bate, mas não deixa você usar decotes ou mini saias. Ele não te bate, mas **exige a senha das suas redes sociais e espiona seu celular** frequentemente (...) Ele não te bate, mas não deixa você cortar o cabelo porque não gosta de mulheres com o cabelo curto”* (47 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“Resumindo, ela **descobriu minha senha**, viu minhas conversar, surtou, jogou com toda força meu celular na parede” (52 – relato feminino sobre parceira feminina).*

Ao analisar os relatos de experiência desta pesquisa, no quesito controle, notou-se ausência de falas masculinas. Esta foi uma surpresa para a pesquisadora, na medida em que estudo anterior apontava que os homens percebiam sofrer mais atitudes controladoras que as mulheres (TOSTA; CASSEPP-BORGES, 2018).

Sendo assim, embora todas as vítimas de vigilância e controle fossem mulheres, as atitudes controladoras não partiram apenas de homens, uma vez que os relatos 52 e 71 são femininos e denunciam controle por sua parceira. Ainda, a ausência de relatos masculinos no sentido de sofrer controle pode ocorrer em razão da pouca aderência dos homens à pesquisa, mesmo porque, como será discutido, a análise quantitativa não encontrou diferenças entre gêneros quanto às espécies de violência praticada e sofrida.

g) Indiferença

Nos relatos a seguir, o abuso se manifesta através da omissão, ou seja, o conceito-análise é construído através de uma pressão psicológica que se manifesta pela falta (de reconhecimento, de incentivo, de empatia, etc.), pelo silêncio, com a intenção de desprezo e de abandono. A indiferença, portanto, é um processo de distanciamento e de menosprezo pelos interesses e pelos desejos do(a) parceiro(a). Quem pratica essa espécie de violência não se identifica ou não expressa preocupação com o outro e não tem consciência ou compreensão das consequências de seus atos na vida do(a) companheiro(a). Ou seja, não apresenta remorso ou arrependimento pelo mal infligido, faltando-lhe empatia, o colocar-se no lugar do outro.

A tentativa de aproximação e diálogo por quem se sente menosprezado pode gerar brigas e discussões, uma vez que o outro está indisponível cognitivamente e afetivamente para tentar resolver ou melhorar a qualidade da comunicação e da relação. Desta maneira, a vítima sente-se incompreendida, sozinha, inútil.

*“Ele nos últimos 2 anos tem agido com muita **indiferença**, me deixa **falando sozinha**, dorme no sofá, **não me toca, não gosta de conversar, se fecha**” (41 – relato feminino sobre parceiro masculino).*

*“O sexo era morno, e **cada vez mais frio**. Até q reduziu p zero. Ele não parava em ksa nos fins de semana, q era qd poderíamos ficar juntos. Eu **implorava pela atenção dele**” (43 – relato feminino sobre parceiro masculino).*

*“Ele nao me bate mas ele **me ignora fica dias sem falar comigo e isso me tortura muito**” (51 – relato feminino sobre parceiro masculino).*

*“Ele voltou a **me ignorar dentro de casa**, ele fazia isso sempre que me via ficando feliz com alguma coisa, porém nessa última eu já havia chegado ao meu limite, **me sentia morta por dentro**, o questioneei por **me ignorar durante 1 mês dentro de casa (não falava, evitava contato)**” (86 – relato feminino sobre parceiro masculino).*

“Além do desgaste emocional, da pressão psicológica e da **falta de empatia** por parte dele” (108 – relato feminino sobre parceiro masculino).

Outra entrada discursiva observada neste conceito-análise é a falta de incentivo e de apoio aos projetos do outro. A relação é pautada, portanto, pela falta de parceria, pelo individualismo, onde apenas o “eu” tem importância e o outro é um nada ou um acessório sem maior valor:

*“**Nunca me incentivava a nada**” (14 – relato feminino sobre parceiro masculino).*

*“**Sempre se colocava contra mim**, nas diversas situações” (50 – relato feminino sobre parceiro masculino).*

*“**O fato que mais me intriga é a falta de incentivo pessoal da parte dele**, em meus projetos de vida (...) Ele costuma dizer que quero mudar o mundo e não vou conseguir” (53 – relato feminino sobre parceiro masculino).*

Esta espécie de violência psicológica é marcada pela falta de sensibilidade, pela falta de atenção para com o par romântico, como se o outro não tivesse valor ou importância, fosse menor, desprezível ou um mero objeto de satisfação que pode ser descartado a qualquer momento. Observa-se nas falas, assim, o término do relacionamento de maneira pouco sensível e despreocupada com o sentimento alheio, por meios inapropriados (por telefone, por mensagem) ou no momento inoportuno (véspera do aniversário), como nas marcas textuais seguintes:

*“**Eu não tinha mais alternativa entre os perdidos que ele me dava e a falta de questão**” (25 – relato feminino sobre parceiro masculino).*

*“**Terminava comigo sempre que queria e quando questionado, falava que não queria nada com uma pessoa igual a mim**” (30 – relato feminino sobre parceiro masculino).*

*“**Depois de um tempo simplesmente me deu um fora por mensagem**, logo após me deixar em casa (...) Nesse meio tempo me senti muito mal, pois até **me ignorar em público** essa pessoa já fez durante esses 5 meses e mesmo assim eu não queria ir embora” (37 – relato feminino sobre parceiro masculino).*

*“**Um certo Dia, ele termina comigo pelo telefone**, foi muito horrível porque **4 dias depois era o meu aniversário**, então eu sofri muito, além do mais, seria nosso 1º ano juntos” (99 – relato feminino sobre parceiro masculino).*

*“Diz que ama, mas **sempre some**.... ele **vai embora sempre**, nao importa o quanto eu tente ou mude para agradar ele sempre encontra um problema...” (100 – relato feminino sobre parceiro masculino).*

*“Ficamos algumas vezes e após um desentendimento onde ele disse que estava “se arrumando com uma menina da balada que ele frequenta” o msm **resolveu romper comigo**. Após isso, se passaram algumas semanas e voltamos a nos falar e a ficar. Iniciamos um namoro que novamente o msm **terminou comigo de maneira extremamente insensível**” (116 – relato masculino sobre parceiro masculino).*

De acordo com os discursos vistos, quem exerce esse modo de abuso vê-se livre para entrar e sair da vida de outrem sem maiores problemas, sendo comuns relacionamentos com vários términos e voltas. O imediatismo e a busca pelo prazer permeiam os modos de agir de quem “não faz questão e “não está nem aí” para o outro.

h) Criticismo e parceiro(a) detentor(a) da razão

Percebe-se nesta categoria um jogo nas relações de poder em que um dos membros do casal sente-se sem voz na relação e coagido pelo julgamento crítico do outro; o diálogo, então, resta prejudicado nesta forma de violência. Como ressaltou Ritt (2007), contribui para a violência a não utilização da palavra, do diálogo e da argumentação, uma vez que a intenção é dar a última palavra, não buscando o entendimento. Ou seja, não há diálogo, mas uma fala de mão única, um monólogo.

*“A única falha é que normalmente sempre, ele sempre quer e tenta ser **o detentor de toda a razão** e sempre inventa **monólogos** de horas pra mostrar que eu que erro sempre, e eu já me sinto fraco em tentar argumentar” (7 – relato masculino sobre parceiro masculino).*

Quem utiliza essa estratégia de comunicação parece não levar em consideração a opinião alheia, havendo uma rigidez cognitiva e uma intolerância com ideias diferentes. Logo, não há percepção de que se está fazendo algo errado, pois o errado é o outro, como expressam as falas a seguir:

*“Se houvesse qualquer tipo de reclamação a respeito de como ele estava falando, ou por ele ter pegado meu braço com um pouco mais de força, ele virava um bicho, gritava que aquilo tinha acabado que ele ja tinha vivido aquilo e que ele nao ia viver novamente, que ele **não tinha feito nada de errado** e entre outras coisas (...) ainda percebo que **ele não acha que fez nada de errado comigo** (...)” (16 – relato feminino sobre parceiro masculino).*

*“Ele não te bate, mas em todas as brigas, incrivelmente, é **você quem está sempre errada**” (47 – relato feminino sobre parceiro masculino).*

*“Ele tem defeitos, como em algumas vezes **ele acredita que é o único certo**, fazendo eu sentir **como se eu estivesse sempre errada**” (49 – relato feminino sobre parceiro masculino).*

*“**Ele sempre é o certo**” (90 – relato feminino sobre parceiro masculino).*

Há, portanto, um desequilíbrio na relação íntima, em que um tem voz e o outro fala em vão. Quem se sente vítima nesse padrão relacional, ao não obter êxito em se expressar, pode, com o tempo, se cansar e começar a se anular; a pessoa não encontra apoio, sendo, ao contrário, deslegitimada em suas opiniões e anseios.

Conclui-se dos relatos até aqui transcritos que a violência psíquica no relacionamento amoroso se expressa de muitas maneiras. Esses foram apenas alguns exemplos de como ela pode estar presente na rotina do casal e não se pretendeu esgotar todas as manifestações dos sentidos empregados pelos participantes da pesquisa do que seja a violência psicológica, pois outros analistas do discurso perceberiam outras formas de expressão.

- O segundo conceito-análise, que surgiu *a posteriori*, no momento após a leitura flutuante, foi as (ii) **estratégias de enfrentamento** da vítima. Sendo assim, dos relatos extraíram-se várias formas de lidar com os abusos sofridos destacados pelos enunciadore. Embora a VPI, muitas vezes, possa minar a capacidade de reação daquele que sofre o abuso, notou-se nos discursos de alguns participantes uma esperança (comportamento passivo) na mudança do par romântico, e quando essa mudança não ocorria, relataram, ainda, muitas ações no sentido de fomentá-la ou, não conseguindo, outras estratégias foram narradas: diálogo, reproduzir o comportamento do par, fuga, ir à delegacia, recorrer à rede de apoio, aguentar/acostumar-se, perdoar, ameaça de término e, por fim, o término do relacionamento (comportamento ativo).

Como não é escopo da dissertação esmiuçar as estratégias de enfrentamento na VPI, pretende-se destacar, neste item, apenas a categoria “reprodução do comportamento do par” para ilustrar o aspecto bidirecional e relacional da VPI. Neste sentido, vejamos como a violência se perpetua no relacionamento quando um dos membros do casal se percebe vitimado, e como estratégia de enfrentamento comete a mesma violência sofrida:

*“Durante o início do relacionamento ele me afastou dos meus amigos e fez com que eu parece de fazer tudo que eu fazia. Depois de um tempo **comecei a fazer isso com ele também**. Ate virar um **relacionamento abusivo de ambas as partes**, e todas as formas, agressões físicas e verbais” (24 – relato feminino sobre parceiro masculino).*

*“Pois por vezes eu **realizava com ele os mesmos comportamentos** a fim de que ele percebesse que era incômodo e parasse (como acusá-lo de traição sem provas,*

mandar mensagens querendo controlar o dia a dia)” (115 – relato feminino sobre parceiro masculino).

- Outro conceito-análise que surgiu foi (iii) **sentimentos/emoções associados** por quem sofre a agressão, destacando-se: medo, culpa, tristeza/falta de felicidade, sofrimento, vergonha, deixar de gostar/amar, ambiguidade, inferioridade/baixa autoestima, insegurança, desregulação/supressão emocional, variação emocional, angústia, ruminação, falta de disposição/de paciência/cansaço, decepção/frustração, mágoa, raiva e esperança.

Conforme posicionamento teórico adotado no trabalho, as emoções fazem parte da vida humana, não se dissociando dos sentidos empregados aos mais diversos fenômenos cotidianos – e com a violência entre casais não é diferente. Evidenciaram-se nas falas dos(as) respondentes diversas emoções, geralmente de conotação negativa, conforme pode ser consultado na tabela constante do Apêndice 2. A fim de ater-nos aos objetivos, destacam-se a entradas discursivas que abordam a estratégia de regulação emocional do tipo repressão das emoções:

*“Existe insegurança da minha parte por conta de um relacionamento abusivo diradouro anterior. O que me faz repetir padrões como **reprimir sentimentos/emoções** e sentir medo de que coisas ruins se repitam”* (35 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“Percebo que as minhas **estratégias de regulação emocional** funcionavam muito bem no início da relação, eu conseguia me manter regulada mesmo quando estava decepcionada com alguma atitude machista dele, mas a medida que o tempo foi passando acredito que **fui me frustrando mais e me desregulando**. (...) sucumbi a minha própria irritação e já não sou tão regulada emocionalmente”* (39 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“Às vezes procurei **me manter mais "fechada" em relação a sentimentos** por não conseguir confiar 100% nesta pessoa e talvez eu tenha tentado parecer mais independente ou ousada para não me deixar ser dominada por ele”* (111 – relato feminino sobre parceiro masculino).

Nota-se nos relatos 35 e 111 a estratégia de supressão emocional (*“reprimir sentimentos/emoções”, “me manter mais fechada”*), bem como o prejuízo à regulação emocional advindo da situação de abuso, como no relato 39.

- Extraiu-se, ainda, a categoria (iv) **sentimentos, humor ou personalidade associados** ao(à) parceiro(a) que pratica a agressão, sendo eles: ciúme, labilidade de humor, dependência emocional e falta de controle emocional, os quais podem ser consultados de forma completa na tabela anexa.

Conforme observado no corpo teórico, diversos estudos associam VPI e dificuldades de regular as emoções (SHOREY *et al.*, 2011; WATKINS; DILILLO; MALDONADO, 2015a; BLITON *et al.*, 2016; CAIOZZO; HOUSTON; GRYCH, 2016; HESSER *et al.*, 2017), especialmente, as emoções negativas, e quando o(a) agressor(a) é confrontado(a) pelo(a) parceiro(a) que também comete violência (MCNULTY; HELLMUTH, 2008). Igualmente, nos discursos a seguir, a labilidade de humor, a dependência e a falta de controle emocional são apontadas como características dos parceiros que cometem VPI, inclusive, o relato 88 é um auto reconhecimento da prática abusiva:

*“Depois de algum tempo ele começou a ficar agressivo, seu **humor mudava**, ele mudava comigo” (14).*

*“Episódios bilaterais de **irritabilidade de um hora par outra**” (19).*

*“Ele é uma pessoa sensacional, porem de uns meses pra cá voltou a ter umas crises depressivas que provocaram muitas **alterações de humor** e acabaram afetando o nosso relacionamento de certa forma” (21).*

*“Ele **mudava de humor do nada**, me culpando por estar assim. Me bloqueava do WhatsApp e de outras redes sociais sem explicação, e quando eu parava de dar atenção ele começava a ficar carinhoso e atencioso, pq ele sabia que ia me perder” (22).*

*“E é de fato tinha **dependência emocional nele**” (26).*

*“Ele tinha personalidade forte, de poucos amigos, parecia sempre ser uma pessoa **estressada e ao mesmo tempo doce e amável**” (32).*

*“Uma pessoa com o coração bom e personalidade forte, porém **temperamental**, as vezes **muda o humor com facilidade**, parecendo bipolar” (33).*

*“Ainda me considero culpada por tudo que aconteceu até chegarmos ao ápice, onde me vi agredindo a pessoa por **descontrole emocional**” (88).*

- A (v) **causa/justificativa** para a prática agressiva pelo(a) parceiro(a) foi o quinto conceito-análise que se observou, abrangendo: histórico da família de origem, problemas pessoais, problemas financeiros, transtornos mentais, abuso de álcool, substâncias químicas, papéis de gênero/machismo, divergências/diferenças e interferências externas.

Uma constatação da análise dos relatos é a aparente necessidade dos(as) participantes de encontrarem uma justificativa para a atitude dos(as) parceiros(as). A culpa, assim, foi um sentimento comum encontrado nos relatos de quem sofre violência no casal, ao amenizarem a situação dos companheiros atribuindo a eles situações que os tornavam violentos; o(a) parceiro(a), então, se redime de parte desse sentimento, conforme notado também por Nunes-Scardueli (2015) em seu estudo. Cumpre destacar que Ravazzola (1997) *apud* Falcke *et al.*

(2009) considera a atribuição de justificativas à atitude do agressor fator de risco para a ocorrência da violência conjugal, legitimando-a.

Marcas de gênero também foram percebidas nas construções linguísticas empregadas que reforçaram os lugares sociais ocupados por vítimas e agressores, e que referem o cenário de dominação masculina sobre o indivíduo do sexo feminino. Remetendo à construção de gênero, Ritt (2007) compreende a violência contra a mulher como demonstração de poder, abuso da força e instrumento de dominação, assim como coibição moral às condutas e ao corpo da mulher (CANTERA, 2007).

*“A maior dificuldade é em relação a diferença de idade e a **diferença de remuneração**, no caso, o **homem é quem mantém financeiramente a família**”* (20 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“Eu conseguia me manter regulada mesmo quando estava decepcionada com alguma atitude **machista dele**”* (39 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“Julgar as minhas amigas e demonstrar tanto **ódio por mulheres** que eu vejo como guerreiras. E assim, são: Guerreiras! Pois trabalham para se manterem e cuidam de seus filhos e de tudo praticamente sozinhas, iguais a mim!”* (53 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“O relacionamento é construtivo e nos ajuda mutuamente, mas sinto ainda na relação, a presença do **machismo** em relação ao **papel da mulher**, uma vez que mesmo tendo a mesma profissão, mesmo salário e mesma carga horária de trabalho. As **cobranças são sempre mais para a mulher** que para o homem. Me sinto um pouco **desvalorizada** as vezes diante disso e sinto necessidade de mudar minha vida profissional também por causa disso, como ter só um emprego por exemplo. Tenho dois no momento. Me sinto muito **cansada** e muito **cobrada** sempre”* (56 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“Namorei por alguns meses um menino mais jovem que eu, sofri muito **preconceito** por conta da diferença de idades. Ainda que ambos fomos adolescentes na época o fato de eu ser uma garota mais velha era motivo suficiente para que as pessoas me questionem e fizem piadas. **Não entendia por que um homem mais velho poderia ter uma relação com mulher mais jovem é eu enquanto adolescente não poderia ter uma relação com um menino mais novo** que também era um adolescente assim como eu”* (63 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“O conheci no ensino médio, eu com 15 ele com 19 quase 20, hoje sei que a situação de **desigualdade de poder** já começou aí, sempre fui cabeça dura e cheia de opinião mas sendo meu primeiro relacionamento formal e o 5 dele, fiz muita coisa na base dos comentários dele sobre como eu era diferente das outras garotas, diferente da ex, madura pra minha idade, nunca senti prazer nas relações sexuais com ele, mas me sentia pressionada, sentia que eu era a errada, a quebrada, então tinha que aguentar, e sempre ouvir coisas dele do tipo, **vc é virgem mesmo? Sua vagina tem uma textura estranha, não tem dst? Podem fazer anal? Sua vagina já tá ficando flácida.** (...) Depois da **rotina com o bb em casa ele não me ajudava**, me abandonou emocionalmente, so se aproximava por sexo, se recusava a me ajudar na casa”* (68 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“No momento estou casada e a maior barreira que eu encontro dentro desse relacionamento é a **divisão das tarefas domésticas**, onde ele **ñ me ajuda** e eu tenho*

uma dupla jornada, trabalho dentro e fora de casa” (101 – relato feminino sobre parceiro masculino).

Nas últimas duas falas, percebemos, por exemplo, que a mulher destaca a falta de ajuda do parceiro nas atividades domésticas e revela uma faceta da ideologia patriarcal: a palavra “ajuda” denota uma ação secundária, demonstrando que a obrigação com os afazeres do lar pertence à mulher, e o homem presta, apenas, um mero auxílio – e neste caso, nem isso.

Passando-se à subcategoria “**divergências/diferenças**”, destacamos que ela denota um aspecto relacional da VPI, uma vez que se trata, como destacado por Alvim e Souza (2005), da não-negociação das diferenças, da intolerância à alteridade e da impossibilidade de trocas.

*“Estamos com problemas em questão de co fotos entre as personalidades! Pensamentos **divergentes**, atitudes **diferentes**”* (5 – relato masculino sobre parceiro masculino).

*“A maior dificuldade é em relação a **diferença** de idade e a **diferença** de remuneração, no caso, o homem é quem mantém financeiramente a família”* (20 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“Apesar de estar perto e com bastante contato virtual, **não paramos para conversar** pessoalmente e resolver nossas **diferenças**, pois estamos assoberbados de tarefas”* (28 – relato feminino sobre parceiro masculino).

*“Outro ponto que me incomoda é não conseguir **fazer a pessoa enxergar as coisas da mesma forma que eu vejo**”* (35 – relato feminino sobre parceiro masculino).

- O sexto conceito-análise foi a categoria (vi) **sentidos atribuídos por ter se mantido na relação**, incluindo: dependência/falta de maturidade, acreditar que o par é uma boa pessoa, não ter outra pessoa, falta de percepção, não consegue atribuir sentido, filhos. Assim, a dependência emocional é citada por Day *et al.* (2003) como um motivo para permanecer no relacionamento abusivo.

- Por fim, como (vii) **consequências** do relacionamento abusivo são citados: isolamento, trauma/interferência em novos relacionamentos, diminuição da autoestima/insegurança, desregulação emocional, adoecimento e aprendizado/superação. Os exemplos das marcas textuais para as duas últimas categorias podem ser vistos na tabela anexa e deixaram de ser transcritas no corpo do trabalho por não fazer parte dos objetivos da Dissertação.

Finalmente, destaca-se que não houve relatos de experiências de homens heterossexuais que contivessem indícios de sofrimento de abuso no relacionamento íntimo.

Contudo, apenas um relato apontou problemas e traumas da parceira, sem, no entanto, ser claro quanto a eventual abuso sofrido:

“Ela possui muitos problemas e traumas psicológicos o que as vezes dificulta algumas tomadas de decisões bem como a percepção do emocional dela” (67).

Os demais relatos de experiência de homens heterossexuais ressaltaram aspectos positivos do relacionamento e da parceira:

“Ela é maravilhosa e me completa. Um consegue suprir o que falta no outro e parece que tudo é mais divertido com ela. É como se eu a conhecesse de outra vida” (48).

“Relacionamento de respeito em primeiro lugar, amizade, amor e afeito, no qual um valoriza e apóia o outro. Pensamentos, conversas e atividades positivas e saudáveis, para se melhorar e construir uma família e um padrão de vida melhor juntos. Temos confiança um do outro mas 1 vez por mes temos discussões quase sempre devidas a ciúme e/ou acontecimentos passados, no período em qual o relacionamento estava menos estável. Falamos abertamente das coisas que nos incomodam e tentamos resolver os problemas juntos” (74)

“Eu e minha namorada temos um excelente relacionamento. Acredito que nos encaixamos muito bem. Nós compreendemos um ao outro e aproveitamos nossa parceria” (84).

“Eu gosto tudo nela... Ela é muito especial pra minha vida... Ela me deixa calmo, com ela encontro a minha paz... Sinto andando nas nuvens e me sinto melhor para encarar o dia a dia. Não me vejo com outra pessoa. Eu a amo. Sinto ciúmes, mas não é um ciúme maldoso. Tenho tanto orgulho de chamá-la de namorada... Ela que já foi minha amiga e agora minha futura esposa...” (105)

Um homem heterossexual relatou aspectos positivos de sua parceira e seu relacionamento, mas deu indícios de eventual prática de atitudes com consequências negativas para a relação:

“O relacionamento é muito bom, ela é bem humorada e deixa o relacionamento mais leve assim. Mas às vezes sinto que eu causei muitas coisas ruins, como ciúme ou raiva sem motivos. Ela é compreensiva e calma na maior parte do tempo. Nos incentivamos a fazer muitas coisas, como cursos, etc, sempre nos aprimorando” (62).

Disso se extrai que foi pouca a aderência masculina à pesquisa (17%). Do total de 121 relatos de experiência analisados, apenas 16 (13%) eram de pessoas do sexo masculino, das quais quatro estavam em um relacionamento heterossexual, não havendo nenhum relato claro de VPI praticado por uma mulher contra um homem. Desta forma, isso pode ser interpretado através do silêncio local, visto que na AD considera-se a formação discursiva, ou seja, aquilo

que pode e deve ser dito no contexto em que se produz a fala; fora isso, não se deve esquecer do mecanismo de antecipação presente no discurso, uma vez que, através dele, o sujeito que transmite a informação escuta suas próprias palavras e se coloca no lugar do interlocutor, quer dizer, imagina (antecipa) como o outro interpretará sua fala, o que pensará dos seus dizeres e, com isso, regula a argumentação, escolhendo uma forma de dizer que cause um determinado efeito almejado no ouvinte, o que também está interligado com a escolha de respostas socialmente aceitáveis (ORLANDI, 1999).

Conforme se demonstrará na análise quantitativa dos dados, não houve diferença entre violência psicológica praticada por masculinidades e feminilidades, embora nos relatos de experiência não tenha se evidenciado um homem em relacionamento heterossexual vítima de abuso psíquico. Portanto, isso pode ser resultado da própria cultura machista que, muitas vezes, coage o homem aos estereótipos de força, dominação e controle, não lhe permitindo relatar ser vítima de abuso ou estar em sofrimento.

5.3 Análises Quantitativas

5.3.1 Bidirecionalidade da violência: uma comparação entre masculino e feminino

Uma das questões fundamentais deste estudo é a possibilidade de a violência nas relações íntimas ser bidirecional, isto é, ambos os atores do casal podem sofrer e praticá-la. Além disso, diferente dos estudos que focam mais em um dos gêneros como agressor e o outro como vítima, buscou-se avaliar se haveria diferenças entre a situação de sofrer e a de praticar violência.

Desta forma, investigou-se se haveria diferenças em função do sexo dos participantes. Neste sentido, como pode ser visualizado na Tabela 07, não foram encontradas diferenças entre homens e mulheres com relação a nenhuma das variáveis estudadas. Notadamente, não foram encontradas diferenças, nem na situação de sofrer violência em suas diversas formas, nem na prática da violência.

Tabela 07 – Comparação de médias em função do sexo dos participantes.

	Grupo	N	Média	DP	SE	t	GL	p	d de Cohen																																																																																																																																																																																																													
ARI-O Violência Psicológica	Feminino	272	28.643	5.414	0,328	1.256	326	0,21	0,184																																																																																																																																																																																																													
	Masculino	56	27.661	4.907	0,656					ARI-O Violência Física	Feminino	272	9.029	2.823	0,171	1.498	326	0,135	0,22	Masculino	56	8.429	2.239	0,299	ARI-O Atitude Controladora	Feminino	272	17.868	7.684	0,466	0,69	326	0,49	0,101	Masculino	56	17.107	6.566	0,877	ARI-O TOTAL	Feminino	272	56.338	15.331	0,93	1.079	326	0,281	0,158	Masculino	56	53.964	13.165	1,759	ARI-E Violência Psicológica	Feminino	272	25.787	2.982	0,181	0,043	326	0,966	0,006	Masculino	56	25.768	3.027	0,405	ARI-E Violência Física	Feminino	272	7.474	0,945	0,057	-0,823	326	0,411	-0,121	Masculino	56	7.589	0,987	0,132	ARI-E Atitude Controladora	Feminino	272	13.963	4.271	0,259	0,082	326	0,935	0,012	Masculino	56	13.911	4.734	0,633	ARI-E TOTAL	Feminino	272	47.489	6.749	0,409	-0,119	326	0,906	-0,017	Masculino	56	47.607	7.003	0,936	Honra Masculina	Feminino	272	21.096	7.235	0,439	0,04	326	0,968	0,006	Masculino	56	21.054	6.800	0,909	Honra Feminina	Feminino	272	26.449	3.149	0,191	0,95	326	0,343	0,139	Masculino	56	26.018	2.773	0,371	Honra Familiar	Feminino	272	24.368	7.766	0,471	0,183	326	0,855	0,027	Masculino	56	24.161	7.363	0,984	Honra Social/Integridade	Feminino	272	22.015	6.492	0,394	-0,473	326	0,637	-0,069	Masculino	56	22.446	4.667	0,624	Honra Total	Feminino	272	93.882	19.933	1,209	0,09	326	0,928	0,013	Masculino	56	93.625	16.503	2,205	Reavaliação	Feminino	272	28.783	7.769	0,471	0,758	326	0,449	0,111	Masculino	56	27.911	8.225	1,099	Supressão	Feminino	272	14.316	5.399	0,327	-0,143	326	0,887	-0,021
ARI-O Violência Física	Feminino	272	9.029	2.823	0,171	1.498	326	0,135	0,22																																																																																																																																																																																																													
	Masculino	56	8.429	2.239	0,299					ARI-O Atitude Controladora	Feminino	272	17.868	7.684	0,466	0,69	326	0,49	0,101	Masculino	56	17.107	6.566	0,877	ARI-O TOTAL	Feminino	272	56.338	15.331	0,93	1.079	326	0,281	0,158	Masculino	56	53.964	13.165	1,759	ARI-E Violência Psicológica	Feminino	272	25.787	2.982	0,181	0,043	326	0,966	0,006	Masculino	56	25.768	3.027	0,405	ARI-E Violência Física	Feminino	272	7.474	0,945	0,057	-0,823	326	0,411	-0,121	Masculino	56	7.589	0,987	0,132	ARI-E Atitude Controladora	Feminino	272	13.963	4.271	0,259	0,082	326	0,935	0,012	Masculino	56	13.911	4.734	0,633	ARI-E TOTAL	Feminino	272	47.489	6.749	0,409	-0,119	326	0,906	-0,017	Masculino	56	47.607	7.003	0,936	Honra Masculina	Feminino	272	21.096	7.235	0,439	0,04	326	0,968	0,006	Masculino	56	21.054	6.800	0,909	Honra Feminina	Feminino	272	26.449	3.149	0,191	0,95	326	0,343	0,139	Masculino	56	26.018	2.773	0,371	Honra Familiar	Feminino	272	24.368	7.766	0,471	0,183	326	0,855	0,027	Masculino	56	24.161	7.363	0,984	Honra Social/Integridade	Feminino	272	22.015	6.492	0,394	-0,473	326	0,637	-0,069	Masculino	56	22.446	4.667	0,624	Honra Total	Feminino	272	93.882	19.933	1,209	0,09	326	0,928	0,013	Masculino	56	93.625	16.503	2,205	Reavaliação	Feminino	272	28.783	7.769	0,471	0,758	326	0,449	0,111	Masculino	56	27.911	8.225	1,099	Supressão	Feminino	272	14.316	5.399	0,327	-0,143	326	0,887	-0,021	Masculino	56	14.429	5.246	0,701										
ARI-O Atitude Controladora	Feminino	272	17.868	7.684	0,466	0,69	326	0,49	0,101																																																																																																																																																																																																													
	Masculino	56	17.107	6.566	0,877					ARI-O TOTAL	Feminino	272	56.338	15.331	0,93	1.079	326	0,281	0,158	Masculino	56	53.964	13.165	1,759	ARI-E Violência Psicológica	Feminino	272	25.787	2.982	0,181	0,043	326	0,966	0,006	Masculino	56	25.768	3.027	0,405	ARI-E Violência Física	Feminino	272	7.474	0,945	0,057	-0,823	326	0,411	-0,121	Masculino	56	7.589	0,987	0,132	ARI-E Atitude Controladora	Feminino	272	13.963	4.271	0,259	0,082	326	0,935	0,012	Masculino	56	13.911	4.734	0,633	ARI-E TOTAL	Feminino	272	47.489	6.749	0,409	-0,119	326	0,906	-0,017	Masculino	56	47.607	7.003	0,936	Honra Masculina	Feminino	272	21.096	7.235	0,439	0,04	326	0,968	0,006	Masculino	56	21.054	6.800	0,909	Honra Feminina	Feminino	272	26.449	3.149	0,191	0,95	326	0,343	0,139	Masculino	56	26.018	2.773	0,371	Honra Familiar	Feminino	272	24.368	7.766	0,471	0,183	326	0,855	0,027	Masculino	56	24.161	7.363	0,984	Honra Social/Integridade	Feminino	272	22.015	6.492	0,394	-0,473	326	0,637	-0,069	Masculino	56	22.446	4.667	0,624	Honra Total	Feminino	272	93.882	19.933	1,209	0,09	326	0,928	0,013	Masculino	56	93.625	16.503	2,205	Reavaliação	Feminino	272	28.783	7.769	0,471	0,758	326	0,449	0,111	Masculino	56	27.911	8.225	1,099	Supressão	Feminino	272	14.316	5.399	0,327	-0,143	326	0,887	-0,021	Masculino	56	14.429	5.246	0,701																									
ARI-O TOTAL	Feminino	272	56.338	15.331	0,93	1.079	326	0,281	0,158																																																																																																																																																																																																													
	Masculino	56	53.964	13.165	1,759					ARI-E Violência Psicológica	Feminino	272	25.787	2.982	0,181	0,043	326	0,966	0,006	Masculino	56	25.768	3.027	0,405	ARI-E Violência Física	Feminino	272	7.474	0,945	0,057	-0,823	326	0,411	-0,121	Masculino	56	7.589	0,987	0,132	ARI-E Atitude Controladora	Feminino	272	13.963	4.271	0,259	0,082	326	0,935	0,012	Masculino	56	13.911	4.734	0,633	ARI-E TOTAL	Feminino	272	47.489	6.749	0,409	-0,119	326	0,906	-0,017	Masculino	56	47.607	7.003	0,936	Honra Masculina	Feminino	272	21.096	7.235	0,439	0,04	326	0,968	0,006	Masculino	56	21.054	6.800	0,909	Honra Feminina	Feminino	272	26.449	3.149	0,191	0,95	326	0,343	0,139	Masculino	56	26.018	2.773	0,371	Honra Familiar	Feminino	272	24.368	7.766	0,471	0,183	326	0,855	0,027	Masculino	56	24.161	7.363	0,984	Honra Social/Integridade	Feminino	272	22.015	6.492	0,394	-0,473	326	0,637	-0,069	Masculino	56	22.446	4.667	0,624	Honra Total	Feminino	272	93.882	19.933	1,209	0,09	326	0,928	0,013	Masculino	56	93.625	16.503	2,205	Reavaliação	Feminino	272	28.783	7.769	0,471	0,758	326	0,449	0,111	Masculino	56	27.911	8.225	1,099	Supressão	Feminino	272	14.316	5.399	0,327	-0,143	326	0,887	-0,021	Masculino	56	14.429	5.246	0,701																																								
ARI-E Violência Psicológica	Feminino	272	25.787	2.982	0,181	0,043	326	0,966	0,006																																																																																																																																																																																																													
	Masculino	56	25.768	3.027	0,405					ARI-E Violência Física	Feminino	272	7.474	0,945	0,057	-0,823	326	0,411	-0,121	Masculino	56	7.589	0,987	0,132	ARI-E Atitude Controladora	Feminino	272	13.963	4.271	0,259	0,082	326	0,935	0,012	Masculino	56	13.911	4.734	0,633	ARI-E TOTAL	Feminino	272	47.489	6.749	0,409	-0,119	326	0,906	-0,017	Masculino	56	47.607	7.003	0,936	Honra Masculina	Feminino	272	21.096	7.235	0,439	0,04	326	0,968	0,006	Masculino	56	21.054	6.800	0,909	Honra Feminina	Feminino	272	26.449	3.149	0,191	0,95	326	0,343	0,139	Masculino	56	26.018	2.773	0,371	Honra Familiar	Feminino	272	24.368	7.766	0,471	0,183	326	0,855	0,027	Masculino	56	24.161	7.363	0,984	Honra Social/Integridade	Feminino	272	22.015	6.492	0,394	-0,473	326	0,637	-0,069	Masculino	56	22.446	4.667	0,624	Honra Total	Feminino	272	93.882	19.933	1,209	0,09	326	0,928	0,013	Masculino	56	93.625	16.503	2,205	Reavaliação	Feminino	272	28.783	7.769	0,471	0,758	326	0,449	0,111	Masculino	56	27.911	8.225	1,099	Supressão	Feminino	272	14.316	5.399	0,327	-0,143	326	0,887	-0,021	Masculino	56	14.429	5.246	0,701																																																							
ARI-E Violência Física	Feminino	272	7.474	0,945	0,057	-0,823	326	0,411	-0,121																																																																																																																																																																																																													
	Masculino	56	7.589	0,987	0,132					ARI-E Atitude Controladora	Feminino	272	13.963	4.271	0,259	0,082	326	0,935	0,012	Masculino	56	13.911	4.734	0,633	ARI-E TOTAL	Feminino	272	47.489	6.749	0,409	-0,119	326	0,906	-0,017	Masculino	56	47.607	7.003	0,936	Honra Masculina	Feminino	272	21.096	7.235	0,439	0,04	326	0,968	0,006	Masculino	56	21.054	6.800	0,909	Honra Feminina	Feminino	272	26.449	3.149	0,191	0,95	326	0,343	0,139	Masculino	56	26.018	2.773	0,371	Honra Familiar	Feminino	272	24.368	7.766	0,471	0,183	326	0,855	0,027	Masculino	56	24.161	7.363	0,984	Honra Social/Integridade	Feminino	272	22.015	6.492	0,394	-0,473	326	0,637	-0,069	Masculino	56	22.446	4.667	0,624	Honra Total	Feminino	272	93.882	19.933	1,209	0,09	326	0,928	0,013	Masculino	56	93.625	16.503	2,205	Reavaliação	Feminino	272	28.783	7.769	0,471	0,758	326	0,449	0,111	Masculino	56	27.911	8.225	1,099	Supressão	Feminino	272	14.316	5.399	0,327	-0,143	326	0,887	-0,021	Masculino	56	14.429	5.246	0,701																																																																						
ARI-E Atitude Controladora	Feminino	272	13.963	4.271	0,259	0,082	326	0,935	0,012																																																																																																																																																																																																													
	Masculino	56	13.911	4.734	0,633					ARI-E TOTAL	Feminino	272	47.489	6.749	0,409	-0,119	326	0,906	-0,017	Masculino	56	47.607	7.003	0,936	Honra Masculina	Feminino	272	21.096	7.235	0,439	0,04	326	0,968	0,006	Masculino	56	21.054	6.800	0,909	Honra Feminina	Feminino	272	26.449	3.149	0,191	0,95	326	0,343	0,139	Masculino	56	26.018	2.773	0,371	Honra Familiar	Feminino	272	24.368	7.766	0,471	0,183	326	0,855	0,027	Masculino	56	24.161	7.363	0,984	Honra Social/Integridade	Feminino	272	22.015	6.492	0,394	-0,473	326	0,637	-0,069	Masculino	56	22.446	4.667	0,624	Honra Total	Feminino	272	93.882	19.933	1,209	0,09	326	0,928	0,013	Masculino	56	93.625	16.503	2,205	Reavaliação	Feminino	272	28.783	7.769	0,471	0,758	326	0,449	0,111	Masculino	56	27.911	8.225	1,099	Supressão	Feminino	272	14.316	5.399	0,327	-0,143	326	0,887	-0,021	Masculino	56	14.429	5.246	0,701																																																																																					
ARI-E TOTAL	Feminino	272	47.489	6.749	0,409	-0,119	326	0,906	-0,017																																																																																																																																																																																																													
	Masculino	56	47.607	7.003	0,936					Honra Masculina	Feminino	272	21.096	7.235	0,439	0,04	326	0,968	0,006	Masculino	56	21.054	6.800	0,909	Honra Feminina	Feminino	272	26.449	3.149	0,191	0,95	326	0,343	0,139	Masculino	56	26.018	2.773	0,371	Honra Familiar	Feminino	272	24.368	7.766	0,471	0,183	326	0,855	0,027	Masculino	56	24.161	7.363	0,984	Honra Social/Integridade	Feminino	272	22.015	6.492	0,394	-0,473	326	0,637	-0,069	Masculino	56	22.446	4.667	0,624	Honra Total	Feminino	272	93.882	19.933	1,209	0,09	326	0,928	0,013	Masculino	56	93.625	16.503	2,205	Reavaliação	Feminino	272	28.783	7.769	0,471	0,758	326	0,449	0,111	Masculino	56	27.911	8.225	1,099	Supressão	Feminino	272	14.316	5.399	0,327	-0,143	326	0,887	-0,021	Masculino	56	14.429	5.246	0,701																																																																																																				
Honra Masculina	Feminino	272	21.096	7.235	0,439	0,04	326	0,968	0,006																																																																																																																																																																																																													
	Masculino	56	21.054	6.800	0,909					Honra Feminina	Feminino	272	26.449	3.149	0,191	0,95	326	0,343	0,139	Masculino	56	26.018	2.773	0,371	Honra Familiar	Feminino	272	24.368	7.766	0,471	0,183	326	0,855	0,027	Masculino	56	24.161	7.363	0,984	Honra Social/Integridade	Feminino	272	22.015	6.492	0,394	-0,473	326	0,637	-0,069	Masculino	56	22.446	4.667	0,624	Honra Total	Feminino	272	93.882	19.933	1,209	0,09	326	0,928	0,013	Masculino	56	93.625	16.503	2,205	Reavaliação	Feminino	272	28.783	7.769	0,471	0,758	326	0,449	0,111	Masculino	56	27.911	8.225	1,099	Supressão	Feminino	272	14.316	5.399	0,327	-0,143	326	0,887	-0,021	Masculino	56	14.429	5.246	0,701																																																																																																																			
Honra Feminina	Feminino	272	26.449	3.149	0,191	0,95	326	0,343	0,139																																																																																																																																																																																																													
	Masculino	56	26.018	2.773	0,371					Honra Familiar	Feminino	272	24.368	7.766	0,471	0,183	326	0,855	0,027	Masculino	56	24.161	7.363	0,984	Honra Social/Integridade	Feminino	272	22.015	6.492	0,394	-0,473	326	0,637	-0,069	Masculino	56	22.446	4.667	0,624	Honra Total	Feminino	272	93.882	19.933	1,209	0,09	326	0,928	0,013	Masculino	56	93.625	16.503	2,205	Reavaliação	Feminino	272	28.783	7.769	0,471	0,758	326	0,449	0,111	Masculino	56	27.911	8.225	1,099	Supressão	Feminino	272	14.316	5.399	0,327	-0,143	326	0,887	-0,021	Masculino	56	14.429	5.246	0,701																																																																																																																																		
Honra Familiar	Feminino	272	24.368	7.766	0,471	0,183	326	0,855	0,027																																																																																																																																																																																																													
	Masculino	56	24.161	7.363	0,984					Honra Social/Integridade	Feminino	272	22.015	6.492	0,394	-0,473	326	0,637	-0,069	Masculino	56	22.446	4.667	0,624	Honra Total	Feminino	272	93.882	19.933	1,209	0,09	326	0,928	0,013	Masculino	56	93.625	16.503	2,205	Reavaliação	Feminino	272	28.783	7.769	0,471	0,758	326	0,449	0,111	Masculino	56	27.911	8.225	1,099	Supressão	Feminino	272	14.316	5.399	0,327	-0,143	326	0,887	-0,021	Masculino	56	14.429	5.246	0,701																																																																																																																																																	
Honra Social/Integridade	Feminino	272	22.015	6.492	0,394	-0,473	326	0,637	-0,069																																																																																																																																																																																																													
	Masculino	56	22.446	4.667	0,624					Honra Total	Feminino	272	93.882	19.933	1,209	0,09	326	0,928	0,013	Masculino	56	93.625	16.503	2,205	Reavaliação	Feminino	272	28.783	7.769	0,471	0,758	326	0,449	0,111	Masculino	56	27.911	8.225	1,099	Supressão	Feminino	272	14.316	5.399	0,327	-0,143	326	0,887	-0,021	Masculino	56	14.429	5.246	0,701																																																																																																																																																																
Honra Total	Feminino	272	93.882	19.933	1,209	0,09	326	0,928	0,013																																																																																																																																																																																																													
	Masculino	56	93.625	16.503	2,205					Reavaliação	Feminino	272	28.783	7.769	0,471	0,758	326	0,449	0,111	Masculino	56	27.911	8.225	1,099	Supressão	Feminino	272	14.316	5.399	0,327	-0,143	326	0,887	-0,021	Masculino	56	14.429	5.246	0,701																																																																																																																																																																															
Reavaliação	Feminino	272	28.783	7.769	0,471	0,758	326	0,449	0,111																																																																																																																																																																																																													
	Masculino	56	27.911	8.225	1,099					Supressão	Feminino	272	14.316	5.399	0,327	-0,143	326	0,887	-0,021	Masculino	56	14.429	5.246	0,701																																																																																																																																																																																														
Supressão	Feminino	272	14.316	5.399	0,327	-0,143	326	0,887	-0,021																																																																																																																																																																																																													
	Masculino	56	14.429	5.246	0,701																																																																																																																																																																																																																	

Esses resultados indicam que, no grupo estudado, não foram encontradas diferenças quanto ao relato de sofrer ou praticar violência em função do sexo, o que suporta a ideia de que a prática da violência nos relacionamentos íntimos não se restringe a apenas um dos atores. Além disso, esses resultados contradizem pesquisas anteriores, segundo as quais as diferenças se dariam no tipo de violência praticada, com homens praticando mais a violência física, enquanto mulheres praticariam mais a violência psicológica ou atitudes controladoras (TOSTA; CASSEPP-BORGES, 2018).

Essa contradição pode estar relacionada ao tamanho da amostra de participantes homens que foi sensivelmente menor do que a das mulheres, o que pode influenciar os resultados devido ao viés amostral, ou seja, os participantes homens que se interessaram pelo estudo participaram justamente por terem sofrido mais do que a média dos homens em geral. Sendo assim, esses resultados precisam ser avaliados com cautela, e à luz de outros estudos na área.

Além disso, conforme já fora observado na parte teórica desta dissertação, esses resultados podem advir da tendenciosidade de respostas conforme a desejabilidade social no preenchimento de questionários de auto relato, uma vez que pode haver maior aceitabilidade para a violência praticada pelas mulheres (STRAUS; RAMIREZ, 2007), o que as levaria a admitir a violência mais facilmente, ao passo que os homens estariam mais propensos a esconder tal acometimento. Em contrapartida, para os homens, pode ser mais difícil assumir ser vítima de violência doméstica em razão dos padrões de gênero (FALCKE *et al.*, 2009).

5.3.2 Bidirecionalidade da violência: uma comparação entre praticar e sofrer

Outra questão importante é com relação ao fato de a pessoa que relata sofrer violência em suas diversas formas, também a praticar na mesma intensidade, ou seja, buscou-se identificar se haveria diferenças entre a violência sofrida e a praticada. Para testar essa questão, foram comparadas as médias da escala de Abuso no Relacionamento Íntimo sofrido (ARI-O) e de Abuso no Relacionamento Íntimo praticado (ARI-E). Para tanto, foi realizado um teste *t* de Student para medidas repetidas. Os resultados da Tabela 08 indicam uma forte tendência dos participantes a reportarem mais a violência sofrida (ARI-O) em comparação à violência praticada (ARI-E).

Tabela 08 – Teste t de Student para medidas repetidas.

	N	Média	DP	SE	<i>t</i>	GL	<i>p</i>	<i>d</i> de Cohen
ARI-O Violência Psicológica	328	28.476	5.336	0.295	8.808	327	< .001	0.486
ARI-E Violência Psicológica	328	25.784	2.985	0.165				
ARI-O Violência Física	328	8.927	2.738	0.151	9.823	327	< .001	0.542
ARI-E Violência Física	328	7.494	0.951	0.053				
ARI-O Atitude Controladora	328	17.738	7.501	0.414	8.728	327	< .001	0.482
ARI-E Atitude Controladora	328	13.954	4.346	0.240				
ARI-O TOTAL	328	55.933	14.991	0.828	10.292	327	< .001	0.568
ARI-E TOTAL	328	47.509	6.782	0.374				

Para todas as comparações, os participantes afirmaram sofrer mais com abusos no relacionamento do que praticar abuso com a pessoa na qual estavam pensando. Essa diferença foi forte o suficiente para gerar efeitos estatísticos importantes, atestados pelo *d* de Cohen grande, segundo critérios (DANCEY; REIDY, 2013). Inicialmente, pode-se inferir que os participantes do estudo foram mais vítimas de abusos nos relacionamentos íntimos do que perpetradores. Contudo, deve-se atentar que há maior apelo para participar da pesquisa a pessoas que sofrem violências nos mais diversos tipos, do que aqueles que perpetraram; entretanto, há uma segunda possibilidade interpretativa para esses resultados: uma forte desejabilidade social.

De diversas maneiras, é socialmente indesejável ser visto como alguém que pratica abusos em seus relacionamentos, mais do que sofre. Dessa forma, ao falar sobre os comportamentos relacionados ao abuso sofrido, os sujeitos podem atribuir maior gravidade, enquanto que pode haver uma tendência a minimizar os próprios comportamentos que denotam a prática de VPI.

Desta forma, para testar se a prática de comportamentos considerados abusivos tem uma tendência bidirecional ou unidirecional, foi realizado um teste qui-quadrado 2 x 2 que avalia a associação entre repetições de um fenômeno em determinado grupo, comparando com valores esperados ao acaso, se não houver uma relação real.

Primeiramente, os sujeitos foram separados em dois grupos: o grupo com valores acima e abaixo da média em ARI-O Total, bem como acima e abaixo da média em ARI-E

Total. Neste sentido, foram observados os seguintes grupos: 55 sujeitos sofreram abusos, mas não o praticaram (16%); 77 sujeitos praticaram comportamentos abusivos, mas não sofreram (23%); 60 sujeitos praticaram e também sofreram (18%); e, 136 sujeitos (43%) nem praticaram nem sofreram comportamentos considerados abusivos.

Para tanto, pode-se observar que a tendência à bidirecionalidade está presente em 61% das situações, se considerarmos tanto os que praticaram e sofreram violência acima da média (18%), como a bidirecionalidade do comportamento não violento (43%). O teste qui-quadrado forneceu um valor de 7,884 com um grau de liberdade de 1 para uma significância de $p < 0,005$, o que indica que esses valores não podem ser atribuídos ao acaso.

Em seguida, para confirmar essa tendência, foram separados apenas os sujeitos que estavam nos extremos dos grupos, ou seja, foram selecionados os 25% dos sujeitos que apresentaram valores mais altos em ARI-O Total e ARI-E Total e os 25% que apresentaram valores mais baixos em ambos os escores, perfazendo 105 sujeitos. Novamente, os grupos se formaram da seguinte maneira: 7 sujeitos sofreram abusos, mas não o praticaram (6,7%); 19 participantes praticaram, mas não sofreram abusos (18%); 29 participantes sofreram e também praticaram comportamentos indicativos de abuso (27,3%); e, 50 sujeitos não relataram ter sofrido ou praticado comportamentos abusivos (48%). Quando se leva em consideração apenas os casos extremos, fica clara a tendência bidirecional do fenômeno (75,3%), sendo que o teste qui-quadrado forneceu um valor de 26,797 para um grau de liberdade ($p < 0,0001$). O V de Cramer, que indica o tamanho do efeito observado, foi de 0,505, isto é, há uma relação moderada entre praticar e sofrer comportamentos abusivos, o que reforça a ideia de bidirecionalidade do fenômeno.

Desta forma, no grupo estudado, é possível sugerir que a perpetração de comportamentos abusivos nas relações íntimas ocorre de maneira bidirecional, em sua maioria, e não de forma unidirecional.

5.3.3 Relação entre comportamento abusivo, regulação emocional e cultura da honra

Em seguida, investigou-se qual a relação entre os comportamentos abusivos dentro do relacionamento íntimo, o fenômeno da regulação emocional e as preocupações com a honra. Para tanto, foi realizado um teste de correlação de Pearson buscando identificar associações, tanto para a prática de abusos (ARI-E) quanto para o sofrimento (ARI-O). Os resultados encontram-se na Tabela 09.

Tabela 09 – Correlação entre abuso no relacionamento íntimo sofrido, regulação emocional e preocupações com a honra.

	ARI-O Violência Psicológica	ARI-O Violência Física	ARI-O Atitude Controladora	ARI-O TOTAL
Idade	0.002	0.022	0.030	0.003
ARI-E Violência Psicológica	0.212***	0.012	0.059	0.095
ARI-E Violência Física	0.181***	0.273***	0.276***	0.283***
ARI-E Atitude Controladora	0.186***	0.106	0.207***	0.185***
ARI-E TOTAL	0.281***	0.158**	0.239***	0.251***
Honra Masculina	0.015	0.008	- 0.118*	0.059
Honra Feminina	0.060	0.094	- 0.118*	0.089
Honra Familiar	0.081	0.088	0.089	0.106
Honra Social/Integridade	0.062	0.054	0.087	0.072
Honra Total	0.071	0.067	- 0.128*	0.104
Reavaliação	0.071	0.082	0.023	0.013
Supressão	0.002	0.032	0.001	0.010

Nota: * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

Como pode ser observado, os resultados indicam correlação entre sofrer a violência psicológica (ARI-O) e a prática de todas as demais formas de abusos (ARI-E). Além disso, sofrer violência física só apresentou correlação com a prática de violência física e os resultados totais na prática de abuso. Também foram observadas correlações entre atitudes controladoras sofridas e a prática de atitudes controladoras com a violência física, mas não com violência psicológica. Essa aparente contradição pode ser explicada pelo fato de que, quem sofre atitudes controladoras, tende a ter menos ímpeto para praticar comportamentos que denotem violência psicológica, recorrendo mais à violência física ($r = 0,276$) ou, também, ter comportamentos controladores ($r = 0,207$).

Ainda, sofrer atitudes controladoras teve uma relação inversa com as preocupações com a honra, notadamente honra masculina, feminina e escore total, mas não com estratégias de regulação emocional. Embora não possa ser feita qualquer inferência em relação à causalidade das relações, uma possibilidade pode ser o fato de que sofrer atitudes controladoras por parte do/da parceiro/parceira pode levar o sujeito, aos poucos, a diminuir suas próprias preocupações com questões de honra, como se a identidade e os valores fossem, também aos poucos, sendo modificados pela dinâmica da relação abusiva.

Foi verificada, também, a relação entre os comportamentos abusivos praticados pelos participantes e as estratégias de regulação emocional e preocupações com a honra através da correlação de Pearson. Os resultados, como podem ser visualizados na Tabela 10, indicam

que há relação negativa entre a prática da violência psicológica e a idade dos participantes, ou seja, conforme os sujeitos vão envelhecendo, há menor probabilidade de praticarem violência psicológica contra seus parceiros.

A prática da violência psicológica esteve associada apenas a sofrer violência psicológica pelo parceiro, não estando vinculada a nenhuma outra forma de comportamento abusivo sofrido. Já a prática de violência física esteve associada a todos os tipos de violência sofrida, o que indica que ser vítima de comportamentos abusivos, em suas diversas formas, está correlacionado com uma maior tendência do sujeito a revidar fisicamente.

Atitudes controladoras praticadas demonstraram associação com a violência psicológica e com as atitudes controladoras sofridas, mas não com a violência física sofrida. Isso pode ser explicado pelo fato de que os participantes que sofreram formas de abuso físico tendem a se mostrar acuados e, por isso, terem menos ímpeto de reagir de forma controladora, com receio de sofrer novos episódios de agressões.

Por fim, atitudes controladoras estão relacionadas negativamente à estratégia de reavaliação cognitiva, isto é, quando o sujeito se utiliza dessa estratégia há menor probabilidade de praticar atitudes controladoras.

Tabela 10 – Correlação entre abuso no relacionamento íntimo praticado, regulação emocional e preocupações com a honra.

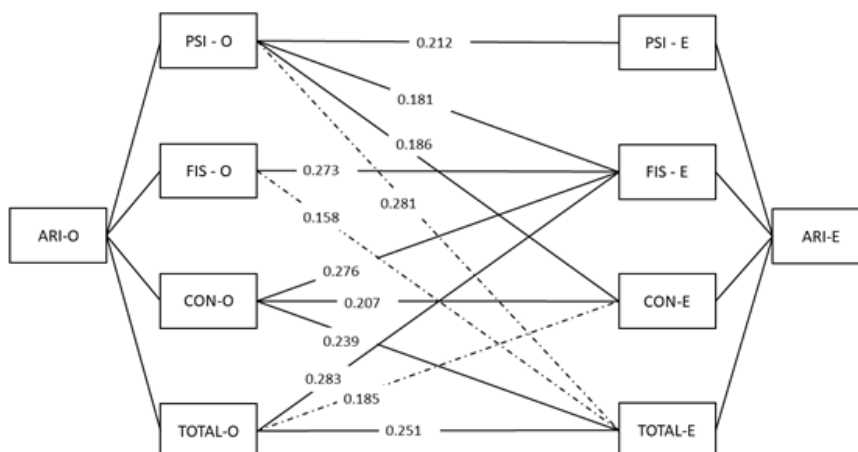
	ARI-E Violência Psicológica	ARI-E Violência Física	ARI-E Atitude Controladora	ARI-E TOTAL
Idade	- 0.152**	0.065	0.046	- 0.119*
ARI-O Violência Psicológica	0.212***	0.181***	0.186***	0.281***
ARI-O Violência Física	0.012	0.273***	0.106	0.158**
ARI-O Atitude Controladora	0.059	0.276***	0.207***	0.239***
ARI-O TOTAL	0.095	0.283***	0.185***	0.251***
Honra Masculina	0.006	0.003	0.083	0.059
Honra Feminina	- 0.117*	0.069	0.015	0.067
Honra Familiar	0.025	0.008	0.125*	0.067
Honra Social/Integridade	0.001	0.062	0.094	0.096
Honra Total	0.030	0.000	0.106	0.065
Reavaliação	0.033	0.081	- 0.128*	0.072
Supressão	0.032	0.018	0.030	0.001

Nota: * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

A Figura 02 representa um resumo esquematizado da bidirecionalidade do abuso no relacionamento íntimo, mostrando a correlação entre as diferentes formas de violência sofrida

(ARI-O) e praticada (ARI-E), incluindo as violências psicológica e física, as atitudes controladoras e a violência total, de acordo com os valores de r de Pearson.

Figura 02 – Modelo bidirecional da violência no casal.



5.3.4 Circunscritores da violência psicológica

Por se tratar de um fenômeno complexo e multideterminado, a experiência de sofrer violência psicológica nem sempre é de fácil detecção, tanto por parte dos atores relacionados ao sistema jurídico, quanto aos assistenciais e à própria vítima. Desta forma, uma questão importante do ponto de vista das políticas públicas é a identificação de circunscritores importantes, ou seja, indicadores que apontem para a presença de violência psicológica.

Para tanto, foi realizada uma análise de regressão linear com o objetivo de identificar qual das variáveis estudadas estaria ligada à maior presença de abuso psicológico sofrido (ARI-O). Os resultados indicaram que a violência física sofrida foi o maior indicador de presença de abusos psicológicos ($\beta = 0,809$; $t(325) = 5,618$), seguida de sofrer atitudes controladoras ($\beta = 0,217$; $t(325) = 7,641$), o que explica 42% da variância encontrada ($R^2 = 0.422$), sendo um modelo estatisticamente significativo para explicar a presença de violência psicológica [$F(2,325) = 120.3$, $p < 0,001$]. Entretanto, nenhum outro indicador demonstrou capacidade de prever essa relação, nem a idade do participante, nem a idade da pessoa que praticou a agressão, as preocupações com a honra, o status econômico, etc., isto é, na ausência de outras informações, o melhor preditor para a violência psicológica é a presença de histórico de abusos físicos.

Isso talvez explique porque é tão difícil identificar a violência psicológica em termos jurídicos, ou mesmo em outros contextos, visto que, frequentemente, está associada aos

demais tipos de violência, em quase metade dos casos, o que torna difícil sua identificação quando outros tipos de violência não se fazem presentes. Assim, conforme já alertado por Diniz (2013), uma forma de violência dificilmente aparece de maneira isolada. Da mesma forma, foram verificados preditores que explicassem a tendência dos participantes a praticarem violência psicológica em seus parceiros. A análise de regressão linear sugeriu que os preditores mais importantes foram ter praticado violência física ($\beta = 0,642$; $t(312) = 3,716$) e atitudes controladoras ($\beta = 0,102$; $t(312) = 2,735$), bem como ter sofrido violência psicológica ($\beta = 0,152$; $t(312) = 4,047$). Além disso, ter sofrido violência física ($\beta = -0,226$; $t(312) = -3,118$) diminui a probabilidade de praticar violência psicológica.

Entretanto, esse modelo explica apenas 15% da variância encontrada para o fenômeno de praticar violência psicológica (ARI-E) ($R^2 = 0,158$; $F(5,312) = 11,68$; $p < 0,001$). Esse baixo poder explicativo, quando comparado aos dados relativos a sofrer violência psicológica (ARI-O), pode estar relacionado à questão, já discutida anteriormente, da desejabilidade social dos participantes em relatarem mais sofrimento do que prática de comportamentos abusivos – é possível, então, que haja uma distorção desses resultados, o que pode comprometer o modelo explicativo.

Outra possibilidade é justamente a complexidade do fenômeno da violência psicológica, pois a propensão de praticar violência psicológica contra o parceiro íntimo (ARI-E) está relacionada a também ter sofrido violência psicológica, e já ter praticado violência física e atitudes controladoras; ainda, ter sofrido abusos físicos age como preditor negativo, ou seja, diminui a probabilidade de a pessoa reagir, o que está de acordo com a ideia de que o abuso físico pode minar as capacidades de reação do sujeito que o sofre, mesmo que sua resposta seja também abusiva em si.

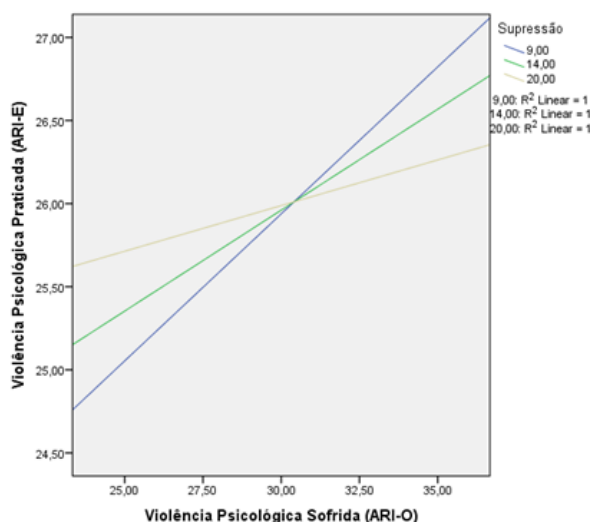
Por fim, embora o estudo de correlação indique maior número de relações entre comportamentos abusivos praticados e sofridos do que com preocupações com a honra e estratégias de regulação emocional, ainda restava a questão primordial deste estudo: há alguma influência do uso de estratégias de regulação emocional e preocupações com a honra sobre a tendência a praticar e sofrer violência psicológica?

Para responder a esta questão foram realizadas análises de moderação entre a violência psicológica sofrida (ARI-O) e a praticada (ARI-E), utilizando as estratégias de regulação emocional (reavaliação e supressão) e preocupações com a honra (masculina, feminina, familiar e social) como moderadoras dessa relação, isto é, dependendo do nível de regulação emocional ou de honra, será que a propensão a responder à violência psicológica as atitudes do parceiro se modificam?

Quanto ao uso de estratégias de regulação emocional, os resultados (FIGURA 03) indicaram que a supressão – e não a reavaliação – apresenta efeito moderador. A análise de regressão utilizando a supressão como moderador indicou que a variância explicada é de 5% ($R^2 = 0,058$; $F(1,324) = 6,64$; $p < 0,001$), ou seja, ao levar em consideração a supressão emocional, é possível observar uma redução na propensão dos indivíduos a revidarem um comportamento de abuso psicológico. De certa forma, quanto mais o sujeito se utiliza de estratégias de supressão emocional, menor a probabilidade de responder às agressões psicológicas com novas agressões.

Entretanto, isso é verdade apenas para os níveis baixos ($\beta = 0,177$) e médios ($\beta = 0,121$), pois para os valores altos ($\beta = 0,054$) o efeito não se demonstrou significativo. Esses resultados podem indicar que, em níveis baixos e médios de supressão emocional, há um efeito moderador, mas em níveis elevados é possível que esse efeito se perca, dado que a supressão emocional tende a focar mais em emoções já instaladas, o que pode ser difícil de controlar quando emoções muito intensas estão presentes.

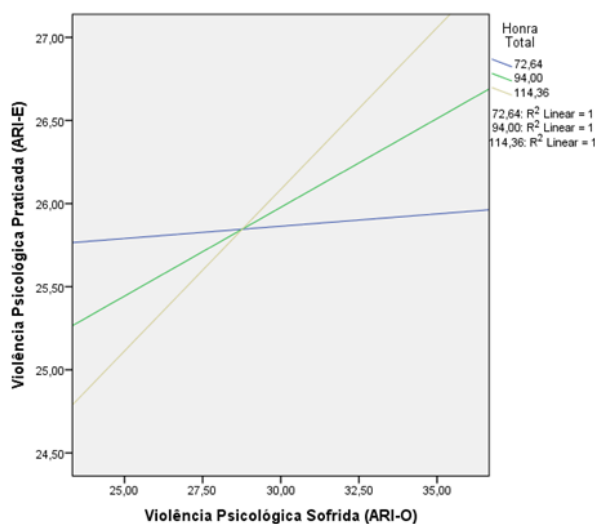
Figura 03 – Efeito de moderação da supressão emocional sobre a relação entre violência psicológica sofrida e praticada.



Por outro lado, as preocupações com a honra, de maneira geral (mas não especificamente preocupações com masculinidade, feminilidade, social e familiar), têm efeito moderador inverso, isto é, quanto maior o nível de preocupação com a honra que o sujeito apresenta, maior a probabilidade de ele responder com abuso psicológico às experiências de violência psicológica sofrida, conforme Figura 04. A análise de regressão levando em conta o papel moderador da honra demonstrou que essa relação explica 6% da variância encontrada

($R^2 = 0,0658$; $F(2,324) = 7,606$; $p < 0,001$). Níveis elevados de preocupações com a honra levam a respostas mais intensas ($\beta = 0,194$), enquanto níveis médios ($\beta = 0,106$) diminuem essa relação. Os níveis mais baixos de preocupação com a honra, embora apresentem um efeito esperado, não se demonstraram significativos, o que pode sugerir que preocupações com a honra afetam a probabilidade de os indivíduos praticarem abusos em seus relacionamentos apenas em níveis médio ou elevado dessa característica, mas não em níveis mais baixos.

Figura 04 – Efeito de moderação da preocupação com a honra sobre a relação entre violência psicológica sofrida e praticada.



Esses resultados sugerem que, embora não haja uma relação direta elevada entre a violência psicológica nos relacionamentos íntimos e o uso de estratégias de regulação emocional e a presença de preocupações com a honra, estas variáveis servem como moderadoras da relação existente entre os diversos tipos de violência, praticadas e sofridas.

Tabela 11 – Estatística descritiva dos escores em abuso nos relacionamentos íntimos, regulação emocional e preocupações com a honra.

	Total (n=328)				Feminino (n = 272)				Masculino (n = 56)			
	Média	DP	Mín	Máx	Média	DP	Mín	Máx	Média	DP	Mín	Máx
ARI-O Violência Psicológica	28.48	5.336	16.00	41.00	28.64	5.414	16.00	41.00	27.66	4.907	18.00	41.00
ARI-O Violência Física	8.927	2.738	7.000	15.00	9.029	2.823	7.000	15.00	8.429	2.239	7.000	15.00
ARI-O Atitude Controladora	17.74	7.501	8.000	38.00	17.87	7.684	8.000	38.00	17.11	6.566	8.000	38.00
ARI-O TOTAL	55.93	14.99	36.00	97.00	56.34	15.33	36.00	97.00	53.96	13.16	37.00	88.00
ARI-E Violência Psicológica	25.78	2.985	19.00	32.00	25.79	2.982	19.00	32.00	25.77	3.027	19.00	32.00
ARI-E Violência Física	7.494	0.9514	7.000	10.00	7.474	0.9446	7.000	10.00	7.589	0.9868	7.000	10.00
ARI-E Atitude Controladora	13.95	4.346	8.000	25.00	13.96	4.271	8.000	25.00	13.91	4.734	8.000	25.00
ARI-E TOTAL	47.51	6.782	31.00	65.00	47.49	6.749	31.00	65.00	47.61	7.003	36.00	65.00
Honra Masculina	21.09	7.153	6.000	36.00	21.10	7.235	6.000	36.00	21.05	6.800	6.000	36.00
Honra Feminina	26.38	3.088	19.00	33.00	26.45	3.149	19.00	33.00	26.02	2.773	19.00	33.00
Honra Familiar	24.33	7.688	4.000	36.00	24.37	7.766	4.000	36.00	24.16	7.363	7.000	36.00
Honra Social/Integridade	22.09	6.214	6.000	36.00	22.01	6.492	6.000	36.00	22.45	4.667	12.00	31.00
Honra Total	93.84	19.37	42.00	136.0	93.88	19.93	42.00	136.0	93.63	16.50	60.00	136.0
Reavaliação	28.63	7.843	8.000	42.00	28.78	7.769	8.000	42.00	27.91	8.225	13.00	42.00
Supressão	14.34	5.366	4.000	28.00	14.32	5.399	4.000	28.00	14.43	5.246	4.000	26.00

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados demonstraram uma relação complexa em diversos fatores para a ocorrência da VPI. Este trabalho adotou uma visão multideterminada da violência psicológica no casal, ao investigar alguns circunscritores envolvidos no fenômeno até então não pesquisados em conjunto e sistematicamente: as questões de gênero, a cultura da honra e a regulação emocional.

Sendo assim, embora exista uma vasta literatura sobre violência contra a mulher, no Brasil, ainda é incipiente a visão relacional de gênero. Entretanto, as produções internacionais, por outro lado, caminham na direção da bidirecionalidade, com a maior parte dos estudos nesse sentido.

Como visto, não foi encontrado, nem em produções nacionais, nem em internacionais, um estudo que envolvesse gênero, cultura da honra e regulação emocional, ao pesquisar a violência psicológica no casal. Neste sentido, este é pioneiro e, portanto, constituiu um desafio, pretendendo trazer uma contribuição para questionar e melhorar os padrões de relacionamento, seja no namoro, no casamento ou em relações amorosas casuais.

Conforme se denotou pela Análise de Discurso, os relatos de experiência trouxeram muitos modos de violência psicológica: ameaça/chantagem, xingamento, humilhação/rebaixamento, ser traído(a)/enganado(a), ser acusado(a) de traição, vigilância/controle/manipulação/desrespeito à autonomia e à liberdade, indiferença e criticismo.

A maioria dos discursos mostrou que os relacionamentos ainda são impregnados de formações ideológicas machistas, uma vez que as participantes (a maioria mulheres em um relacionamento heterossexual) expressaram sofrer os mais variados abusos de seus parceiros. Isso porque suas falas mostraram que ainda são submetidas a valores morais típicos de uma sociedade patriarcal, e aquele que pratica a VPI carrega ideologias sexistas, independentemente da consciência desses valores.

O simbolismo relacionado à sexualidade feminina ainda está arraigado por ideologias típicas de uma cultura da honra e expressam, em falas atuais, anos de história, em que a mulher foi relegada a segundo plano, a ser o outro da relação e a ser inferiorizada hierarquicamente na sociedade e na família. Desta forma, denunciar esse discurso é importante para retirar aqueles que o utilizam do nível do esquecimento: o sujeito para a AD é o sujeito do inconsciente, assim, quando são proferidos discursos pertencentes a uma

formação ideológica machista, o emissor costuma não se dar conta das ideias que está reproduzindo, tendo a impressão de originalidade, de que a fala lhe pertence. Contudo, ela é um produto histórico, são diversas as vozes que reproduzem, através de muitas maneiras de dizer, a mesma ideologia, em diversos lugares.

Para tanto, a conscientização é o primeiro passo para a superação deste tipo de discurso: ao reconhecê-lo, deixamos de naturalizá-lo; ao tomarmos ciência de sua produção histórica, estamos no início da mudança de cenário, posto que foi historicamente construído, e também pode ser modificado. O segundo passo, no entanto, é o desenvolvimento de políticas públicas que ultrapassem a velha matriz heteronormativa de enxergar os relacionamentos, superando o antigo modelo de família tradicional – limitante e excludente –, e que atenda, sem discriminação, a todos(as), pois ignorar uma realidade não vai acabar com ela.

Nesta pesquisa, vimos que mulheres praticam violência e são, também, vítimas de violência cometida por seu par, seja ele masculino ou feminino, bem como observamos que homens sofrem violência na relação íntima, seja por parte do par masculino ou feminino. No entanto, as instituições brasileiras, parte da sociedade e, especialmente, a legislação, ainda não refletem a diversidade existente e, com isso, colocam à margem aqueles que sofrem as mais variadas formas de violência doméstica, não previstas pela norma. Tornam-se, assim, invisíveis, sendo considerados desviantes, anormais, quando, na realidade, este ponto de vista já deveria, a muito, estar superado.

Situamo-nos, portanto, dentro de uma corrente teórica que reconhece, ainda nos dias atuais, a importância das questões de gênero a permear as relações sociais, incluindo o relacionamento íntimo. Entretanto, como vimos ao longo do referencial teórico e dos resultados das análises qualitativas e quantitativas, uma visão binária e estática entre componentes do par, adotada no início do movimento feminista, não é suficiente para explicar as variadas formas de relacionamentos e de expressões de gênero. Foi importante, então, uma filiação a correntes do feminismo desenvolvidas mais recentemente, como a encabeçada por Judith Butler, com sua teoria *queer* e performatividade, para dar conta da violência presente em relacionamentos homossexuais.

Comprendemos, a partir disso, que mesmo nesses, os componentes do casal muitas vezes partem de um modelo heteronormativo para pautar suas ações. Visualizamos, neste sentido, que mulheres podem cometer violência contra o par feminino, aderindo a padrões de gênero tradicionais, assumindo papéis até então entendidos como masculinos, sob uma visão da sociedade patriarcal. Por conseguinte, vimos, por outro lado, que não há uma forma de ser, mas múltiplas feminilidades e masculinidades.

A bidirecionalidade da VPI apareceu nesta pesquisa através de alguns discursos e, principalmente, através da análise quantitativa dos dados, levando-se em consideração a correlação entre a violência sofrida e a praticada analisada através do questionário de Abuso em Relacionamento Íntimo. Não obstante as boas qualidades psicométricas do instrumento, faz-se importante destacarmos que se trata de um questionário de autorrelato e, por isso, as respostas são suscetíveis de serem dadas de acordo com a desejabilidade social.

Além disso, a pesquisa foi feita com apenas um dos componentes do casal, quer dizer: os participantes falavam sobre si e sobre um relacionamento atual ou passado, isto é, o mesmo participante expressava a sua percepção sobre praticar e sofrer violência. Desta maneira, sugere-se que pesquisas futuras sejam realizadas com ambos os componentes do casal, a fim de melhor comparar os resultados entre a percepção da violência sofrida e praticada.

A coleta de dados realizada pela internet foi fundamental para alcançar, no tempo disponibilizado para a pesquisa, o número expressivo de participantes; a tecnologia permitiu, então, ultrapassar a cota mínima de participantes antes do esperado pela pesquisadora. Além disso, foi possível, graças ao modelo de questionários online, receber respostas de pessoas de todas as regiões do Brasil e até de outros países. Considerando a boa adesão à pesquisa, concluímos que a quantidade e o tamanho dos instrumentos foi ideal para alcançar a finalidade da pesquisa, obtendo as respostas esperadas pelos objetivos geral e específicos, sem cansar os participantes. Ainda, a quantidade de relatos de experiência ($n = 122$) também foi suficiente para fazer a Análise de Discurso pretendida.

Contudo, a não realização de entrevistas, e a impessoalidade da coleta de dados, impediu que se conhecesse mais a fundo a história de vida dos participantes, trazendo limitações a esta pesquisa. Estudos futuros, que utilizem entrevistas presenciais, grupos focais e/ou abordagem etnográfica, poderão aprofundar as questões estudadas e contribuir com uma análise qualitativa mais rica e detalhada.

Embora um dos pontos fortes desta pesquisa tenha sido o excelente tamanho da amostra ($n = 328$), número que permite realizar cálculos psicométricos com mais confiança e resultados mais generalizáveis, por outro lado o estudo teve como ponto fraco a composição da amostra, uma vez que a quantidade de homens foi substancialmente menor do que a de mulheres, o que pode ter influenciado os resultados devido ao viés amostral, ou seja, pode ser que os participantes homens que se interessaram pelo estudo participaram justamente por terem sofrido mais do que a média dos homens em geral. Dessa forma, esses resultados precisam ser avaliados com cautela, à luz de outros estudos na área.

Conforme se observou nas análises estatísticas realizadas nesta Dissertação, os diversos circunscritores que podem influenciar no fenômeno da VPI, seja a cultura da honra ou a regulação emocional, não apresentaram uma relação direta com a violência no casal (praticada ou sofrida). No entanto, apresentaram efeitos moderadores com capacidade de modificar as relações observadas nas diversas formas de violência.

As preocupações com a honra apresentaram efeito moderador inverso, isto é, quanto maior o nível de aderência a normas típicas da cultura da honra, maior a probabilidade de o sujeito responder com abuso psicológico às experiências de violência psicológica sofrida. Conforme visto no tópico anterior, níveis elevados de preocupações com a honra levam a respostas mais intensas, e níveis médios diminuem essa relação. Os níveis mais baixos de preocupação com a honra, embora apresentem um efeito esperado, não se mostraram significativos, o que pode sugerir que preocupações com a honra afetam a probabilidade de os indivíduos praticarem abusos em seus relacionamentos apenas em níveis médio ou elevado dessa característica, mas não em níveis mais baixos.

Sendo assim, este achado é importante para refletirmos sobre os prejuízos que as crenças típicas de uma cultura da honra podem acarretar – ainda que indiretamente – nos padrões de relacionamentos românticos, e que novas formas de exercer as masculinidades e as feminilidades, menos presas a estereótipos e papéis tradicionais, contribuirão com uma melhor qualidade das relações.

Além disso, a pesquisa contribuiu para entendermos melhor o papel da regulação emocional na VPI, pois os resultados indicaram que a supressão (e não a reavaliação) apresenta efeito moderador. A análise indicou que a supressão emocional pode reduzir a propensão dos indivíduos a revidarem um comportamento de abuso psicológico. De certa forma, quanto mais o sujeito se utiliza moderadamente de estratégias de supressão emocional (em níveis baixo e médio), menor a probabilidade de responder às agressões psicológicas com novas agressões.

Assim, nem sempre a estratégia de supressão é desadaptativa, uma vez que suprimir as emoções pode ser importante a curto prazo para evitar, por exemplo, atitudes que revidem a violência sofrida, embora diversos estudos tenham demonstrado que a reavaliação, em outros contextos, é mais benéfica a longo prazo.

O resultado pode contribuir, também, para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento de casais em situação de violência e a prática de programas que levem em consideração a regulação emocional de cada um dos parceiros, como terapia do esquema emocional (dimensão individual), sem, no entanto, esquecer ou descuidar de aspectos

estruturais, culturais e históricos que permeiam a prática de violência (dimensão social), como as relações de poder, a hierarquia entre os gêneros, a rejeição histórica da mulher a segundo plano (o outro da relação) e os papéis estereotipados sobre o que é ser homem e mulher – todas questões ainda a serem conscientizadas, combatidas e superadas em nossa sociedade.

A integração da pesquisa qualitativa com a quantitativa foi de grande importância, vindo a preencher uma lacuna na literatura acerca do tema, especialmente no Brasil. Portanto, entende-se que o desenho adotado para a pesquisa permitiu observar as subjetividades envolvidas na VPI, com seus relatos de experiência, suas nuances particulares e suas histórias idiossincráticas, com uma visão mais geral do fenômeno.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E. M. **Avaliação da Técnica de Amostragem “Respondent-Driven Sampling” na Estimação de Prevalências de Doenças Transmissíveis em Populações Organizadas em Redes Complexas.** [s.l.]: Escola Nacional de Saúde Pública, 2009.

ALVIM, S. F.; SOUZA, L. de. Violência conjugal em uma perspectiva relacional: homens e mulheres agredidos/agressores. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 7, n. 2, p. 171-206, 2005.

AMAZONAS. Delegacia Geral de Polícia Civil. **Estatística da violência doméstica em Manaus.** 2018.

ATAÍDE, M. A. de. Namoro: uma relação de violência entre jovens casais. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERThesis**, v. 12, n. 1, p. 248-270, 2015.

AZAMBUJA, M. P. R. de; NOGUEIRA, C. Potencialidades investigativas para a violência de gênero: utilização da análise de discurso. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 5, p. 1721-1730, 2009.

AZEVEDO, J. Metodologias qualitativas: análise do discurso. In: AZEVEDO, J. **Metodologias qualitativas para as ciências sociais:** instituto de sociologia da faculdade de letras. Porto: Universidade do Porto, 1998. p. 107-114.

BALDRY, A. C.; PAGLIARO, S.; PORCARO, C. The rule of law at time of masculine honor: Afghan police attitudes and intimate partner violence. **Group Processes and Intergroup Relations**, v. 16, n. 3, p. 363-374, 2013.

BANDEIRA, L.; MELO, H. P. DE. **Tempos e Memórias:** Movimento Feminista no Brasil. Brasília: SPM, 2010.

BAQUERO, R. Vygotsky: sujeito e situação, as chaves de um programa psicológico. In: CASTORINA, J. A.; CARRETERO, M. (eds.). **Desenvolvimento cognitivo e educação.** Porto Alegre: Penso, 2014. p. 56-80.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARREIRA, A. K. *et al.* Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro entre adolescentes do Recife, Brasil. **Rev. Bras. Epidemiol.**, v. 17, n. 1, p. 217-228, 2014.

BATISTONI, S. S. T. *et al.* Emotional Regulation Questionnaire (ERQ): indicadores psicométricos e relações com medidas afetivas em amostra idosa. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 26, n. 1, p. 10-18, 2013.

BERKE, D. S. *et al.* Masculine Discrepancy Stress, Emotion-Regulation Difficulties, and Intimate Partner Violence. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 34, n. 6, p. 1163-1182, 2016.

BLITON, C. F. *et al.* Emotion Dysregulation, Gender, and Intimate Partner Violence Perpetration: An Exploratory Study in College Students. **Journal of Family Violence**, v. 31, n. 3, p. 371-377, 2016.

BOIAN, A. C.; SOARES, D. S. de M.; LIMA, J. **Questionário de Regulação Emocional**.

BRASIL. **Decreto-Lei 2.848, de 7 de dezembro de 1940**. Código Penal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm. Acesso em: 29 maio 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 466/2012**. Normas para pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, 2012.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 510/2016**. Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília, 2016.

BRASIL. **Decreto-Lei 3.688, de 3 de Outubro de 1941**. Lei das Contravenções Penais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del3688.htm. Acesso em: 29 maio 2018.

BRASIL. **Lei 9.099, de 26 de setembro de 1995**. Dispõe sobre os Juizados Especiais Cíveis e Criminais e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9099.htm. Acesso em: 29 maio 2018.

BRASIL. **Decreto 1.973**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1996/d1973.htm. Acesso em: 29 maio 2018.

BRASIL. **Lei 10.886, de 17 de junho de 2004**. Acrescenta parágrafos ao art. 129 do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, criando o tipo especial denominado “Violência Doméstica”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/110.886.htm. Acesso em: 29 maio 2018.

BRASIL. **Lei 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 29 maio 2018.

BROWN, R. P.; BAUGHMAN, K.; CARVALLO, M. Culture, Masculine Honor, and Violence Toward Women. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 44, n. 4, p. 538-

549, 2017.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CAIOZZO, C. N.; HOUSTON, J.; GRYCH, J. Predicting aggression in late adolescent romantic relationships: A short-term longitudinal study. **Journal of Adolescence**, v. 53, p. 237-248, 2016.

CANTERA, L. M. **Casais e violência: um enfoque além do gênero**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2007.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 15, n. 4, p. 679-84, 2006.

CORTEZ, M. B.; PADOVANI, R. da C.; WILLIAMS, L. C. de A. Terapia de grupo cognitivo-comportamental com agressores conjugais. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 22, n. 1, p. 13-21, 2005.

COSTA, A. B.; ZOLTOWSKI, A. P. C. Como escrever um artigo de revisão sistemática. In: KOLLER, S. H.; COUTO, M. C. P.; HOHENDORFF, J. V. **Manual de produção científica**. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 55-70.

COYLES, A. Análise do Discurso. In: BREAKWELL, G. M. *et al.* (eds.). **Métodos de Pesquisa em Psicologia**. 3. ed. Porto: Artmed, 2010. p. 362-381.

CRISTO, A. **Dano psicológico pode configurar lesão corporal grave**. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2012-out-20/justica-paulista-dano-psiquico-configurar-lesao-corporal-grave>. Acesso em: 14 maio 2018.

DANCEY, C. P.; REIDY, J. **Estatística sem matemática para psicologia**. [s.l.]: Penso Editora, 2013.

DAY, V. P. *et al.* Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 25, n. 1, p. 9-21, 2003.

DE ANTONI, C.; BARONE, L. R.; KOLLER, S. H. Indicadores de risco e de proteção em famílias fisicamente abusivas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. 2, p. 125-132, 2007.

DINIZ, G. Até que a vida - ou a morte - os separe: análise de paradoxos das relações violentas. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (ed.). **Casal e família: transmissão, conflito e violência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013. p. 191-216.

FALCKE, D. *et al.* Violência conjugal: um fenômeno interacional. **Contextos Clínicos**, v. 2,

n. 2, p. 81-90, 2009.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, n. 1, p. 17-27, 2008.

FONTE, C. Investigar narrativas e significados: a grounded analysis como metodologia de referência. **Revista**, v. 2, p. 1-4, 2001.

GALINKIN, A. L.; ISMAEL, E. Construção social do gênero. In: TAVARES, A. R. R. (ed.). **Psicologia social: temas e teorias**. 2. ed. Brasília: Technopolitik, 2013. p. 643-699.

GARCIA, M. V. *et al.* Caracterização dos casos de violência contra a mulher atendidos em três serviços na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, n. 11, p. 2551-2563, 2008.

GOUVEIA, V. V. *et al.* Preocupação com a honra no Nordeste brasileiro: correlatos demográficos. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 581-591, 2013.

GROSS, J. J. **Handbook of emotion regulation**. 2. ed. New York: Guilford publications, 2014.

GROSS, J. J.; JOHN, O. P. Emotion Regulation Questionnaire. **NeuroImage**, v. 48, n. 10, p. 9-19, 2003a.

GROSS, J. J.; JOHN, O. P. Individual differences in two emotion regulation processes: implications for affect, relationships, and well-being. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 85, n. 2, p. 348-362, 2003b.

GUERRA, V. M. *et al.* Honor scale: Evidence on construct validity. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 43, n. 6, p. 1273-1280, 2013.

HESSER, H. *et al.* Preventing intimate partner violence via the Internet: A randomized controlled trial of emotion-regulation and conflict-management training for individuals with aggression problems. **Clinical Psychology and Psychotherapy**, v. 24, n. 5, p. 1163-1177, 2017.

HIRIGOYEN, M. F. **Abuso de fraqueza e outras manipulações**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2014.

IJZERMAN, H.; VAN DIJK, W. W.; GALLUCCI, M. A bumpy train ride: A field experiment on insult, honor, and emotional reactions. **Emotion**, v. 7, n. 4, p. 869-875, 2007.

JOHN, O. P.; ENG, J. Three approaches to individual differences in affect regulation:

Conceptualizations, measures, and findings. In: GROSS, J. J. (ed.). **Handbook of emotion regulation**. 2. ed. New York: Guilford Press, 2014. p. 321-345.

JOHNSON, M. P. Conflict and control: gender symmetry and asymmetry in domestic violence. **Violence Against Women**, v. 12, n. 11, p. 1003-1018, 2006.

LAMOGLIA, C. V. A.; MINAYO, M. C. de S. Violência conjugal, um problema social e de saúde pública: estudo em uma delegacia do interior do Estado do Rio de Janeiro. **Ciência & Saúde Coletiva (Impr.)**, v. 14, n. 2, p. 595-604, 2009.

LEAHY, R. L. **Terapia do Esquema Emocional**: Manual para o Terapeuta. Porto Alegre: Artmed, 2016.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MACHADO, I. V.; DEZANOSKI, M. Exploração do conceito de violência psicológica na Lei 11.340/06. **Revista Gênero e Direito**, v. 3, n. 1, p. 98-113, 2014.

MARTÍN, F. M. La violencia en la pareja. **Rev. Panam. Salud Publica**, v. 5, n. 4/5, p. 245-258, 1999.

MCNULTY, J. K.; HELLMUTH, J. C. Emotion Regulation and Intimate Partner Violence in Newlyweds. **Journal of Family Psychology**, v. 22, n. 5, p. 794-797, 2008.

MILES, S. R. *et al.* The Relationship Between Emotion Dysregulation and Impulsive Aggression in Veterans With Posttraumatic Stress Disorder Symptoms. **J. Interpers. Violence**, v. 31, n. 10, p. 1795-1816, 2016.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOSQUERA, P. M. R. *et al.* Attack, disapproval, or withdrawal? The role of honour in anger and shame responses to being insulted. **Cognition and Emotion**, v. 22, n. 8, p. 1471-1498, 2008.

MOSQUERA, P. M. R.; MANSTEAD, A. S. R.; FISCHER, A. H. The role of honor-related values in the elicitation, experience, and communication of pride, shame, and anger: Spain and the Netherlands compared. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 26, n. 7, p. 833-844, 2000.

MOSQUERA, P. M. R.; MANSTEAD, A. S. R.; FISCHER, A. H. The role of honour concerns in emotional reactions to offences. **Cognition & Emotion**, v. 16, p. 143-163, 2002.

MURTA, S. G. *et al.* Efeitos de um Programa de Prevenção à Violência no Namoro. **Psico-USF**, v. 21, n. 2, p. 381-393, 2016.

NAZZARI, M. An Urgent Need to Conceal. In: JOHNSON, L. L.; LIPSETT-RIVERA, S. (eds.). **The faces of honor: sex, shame, and violence in Colonial Latin America**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1998. p. 103-126.

NUNES-SCARDUELI, M. C. Violência conjugal e análise do discurso: instituições, sujeitos e sentidos. **Linguagem e Direito**, v. 2, p. 26-50, 2015.

O'LEARY, K. D. *et al.* Gender Differences in Dating Aggression Among Multiethnic High School Students. **Journal of Adolescent Health**, v. 42, n. 5, p. 473-479, 2008.

OLIVEIRA, K. L. C. de. **Quem tiver a garganta maior vai engolir o outro**: sobre violências conjugais contemporâneas. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

OLIVEIRA, K. L. C. de. **Homens e violência conjugal**: uma perspectiva psicoantropológica. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2015.

OLIVEIRA, M. **Vygotsky**: Aprendizado e Desenvolvimento. Um Processo Sócio-Histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

OLIVEIRA, R.; FERREIRA, M. da L. A. O Estado e as teorias da justiça face à dominação e a violência doméstica contra a mulher. **Revista Argumentos**, v. 12, n. 1, p. 153-174, 2017.

ONU. Assembléia Geral das Nações Unidas. **Conferências Mundiais sobre Direitos Humanos**. Documento das Nações Unidas. 1993.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PÁDUA, E. M. M. Análise de conteúdo, análise de discurso: questões teórico-metodológicas. **Revista de Educação PUC-Campinas**, n. 1, p. 21-30, 2002.

PINTO, C. R. J. Feminismo, História e Poder. **Revista de Sociologia Política**, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.

RAMOS, A. L. S. **Dano psíquico como crime de lesão corporal na violência doméstica**. Florianópolis: Empório do Direito, 2017.

RAMOS, R. de C. de S. S.; SALVI, R. F. Análise de conteúdo e análise do discurso em educação matemática - um olhar sobre a produção em periódicos Qualis A1 e A2. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, IV, Brasília. **Anais...** Brasília: SBEM, 2009. p. 1-20.

REY, F. L. G. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

RITT, C. F. Violência contra a mulher compreendida como violência de gênero. SEMINÁRIO NACIONAL DE CIÊNCIA POLÍTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, p. 1764-1785, 2009.

ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. **ALEA**, v. 7, n. 2, p. 305-322, 2005.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. *et al.* **Rede de significações**: o estudo do desenvolvimento humano. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RUIZ, I. A.; COUTINHO, T.; PINTO, P. Dormindo com o inimigo: da violência psíquica contra a mulher e a proteção insuficiente da ordem jurídica brasileira. **Revista Jurídica Cesumar**, v. 12, n. 1, p. 113-146, 2012.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular/Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCHRAIBER, L. B.; D'OLIVEIRA, A. F. L. P. Violência contra mulheres: interfaces com a saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 3, n. 5, p. 13-26, 1999.

SCOTT, J. Gênero: Uma Categoria Útil de Análise. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SHOREY, R. C. *et al.* An examination of the association between difficulties with emotion regulation and dating violence perpetration. **Journal of Aggression, Maltreatment and Trauma**, v. 20, n. 8, p. 870-885, 2011.

SILVA, E. *et al.* Romantic relationships and nonsuicidal self-injury among college students: The mediating role of emotion regulation. **Journal of Applied Developmental Psychology**, v. 50, n. apr., p. 36-44, 2017.

SOARES, B. M. **Mulheres invisíveis**: violência conjugal e as novas políticas de segurança. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

SOARES, P. F. A propagação da violência online: análise de enunciados violentos emitidos à torcedora acusada de racismo contra goleiro Aranha. **Verso e Reverso**, v. 30, n. 73, p. 23-33, 2016.

SOUZA, E. R. de. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, n. 1, p. 59-70, 2005.

SOUZA, M. G. T. C.; ROAZZI, A. **Processos Psicológicos do Homicídio**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

SOUZA, S. A. F. **Análise de discurso: procedimentos metodológicos**. Manaus: Instituto Census, 2014.

STRAUS, M. A.; RAMIREZ, I. L. Gender symmetry in prevalence, severity, and chronicity of physical aggression against dating partners by university students in Mexico and USA. **Aggressive Behavior**, v. 33, n. 4, p. 281-290, jul. 2007.

SUCHY, Y. **Clinical neuropsychology of emotion**. London: Guilford Press, 2011.

SULLIVAN, T. N. *et al.* Longitudinal Relations between Beliefs Supporting Aggression, Anger Regulation, and Dating Aggression among Early Adolescents. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 46, n. 5, p. 982-994, 2017.

TAMAMARU, R. A.; AMARAL, J. H. do. **A responsabilização penal pelo dano psíquico. 2008**. Trabalho de Conclusão de Curso (Faculdade de Direito de Presidente Prudente) - Faculdades INtegradas Antônio Frasio de Toledo, Presidente Prudente, 2008.

TOSTA, A. de S.; CASSEPP-BORGES, V. Entendendo relacionamentos íntimos com comportamento abusivo por meio da Teoria do Apego. In: ENCONTRO MINEIRO DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA - EMAP, XIII, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <http://www.sapsimg.com.br/2018/02/26/programacao/>. Acesso em: 15 dez. 2018.

USKUL, A. K. *et al.* Emotional responses to honour situations in Turkey and the northern USA. **Cognition and Emotion**, v. 28, n. 6, p. 1057-1075, 2014.

VANDELLO, J. A.; COHEN, D. Male honor and female fidelity: implicit cultural scripts that perpetuate domestic violence. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 84, n. 5, p. 997-1010, 2003.

VASCONCELLOS, M. J. E. de. **Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência**. Campinas: Papyrus, 2002.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2015**. Homicídio de mulheres no Brasil. 1. ed. Brasília: FLACSO, 2015.

WATKINS, L. E.; DILILLO, D.; MALDONADO, R. C. The interactive effects of emotion regulation and alcohol intoxication on lab-based intimate partner aggression. **Psychology of Addictive Behaviors**, v. 29, n. 3, p. 653-663, 2015a.

WATKINS, L. E.; DILILLO, D.; MALDONADO, R. C. The interactive effects of emotion regulation and alcohol intoxication on lab-based intimate partner aggression. **Psychol Addict Behav**, v. 29, n. 3, p. 653-663, 2015b.

WATKINS, L. E.; SCHUMACHER, J. A.; COFFEY, S. F. A Preliminary Investigation of the Relationship between Emotion Dysregulation and Partner Violence Perpetration Among Individuals with PTSD and Alcohol Dependence. **J. Aggress Maltreat Trauma**, v. 25, n. 3, p. 305-314, 2016.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado em Psicologia



Convido-o (a) a participar, voluntariamente, da pesquisa “**Violência psicológica no casal: gênero, cultura e regulação emocional**”, desenvolvida como parte das atividades do Programa de Pós-Graduação em Psicologia em nível de Mestrado, de responsabilidade da pesquisadora Roberta Braga de Alencar, sob orientação da Prof^ª. Dra^a. Iolete Ribeiro da Silva, que podem ser localizadas no Laboratório de Desenvolvimento Humano, da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, situado na Av. Rodrigo Otávio, 4200 – Setor Sul – Campus Universitário – Bloco X - Coroadó, Manaus/AM, ou através do telefone (92) 3305-4127 e e-mails robertabalencar@gmail.com e iolete.silva@gmail.com.

A pesquisa tem como **objetivo** geral analisar como fenômenos relacionados a papéis de gênero e regulação emocional, no contexto da cultura patriarcal, interagem e indicam caminhos para compreender a ocorrência da violência psicológica no casal, em seu aspecto bidirecional. Os objetivos específicos são: analisar como o gênero, o patriarcado e a cultura da honra corroboram com práticas de violência psicológica bidirecional no casal; investigar a influência da regulação emocional nos relacionamentos abusivos; e compreender como questões de gênero, patriarcado, notadamente a cultura da honra e regulação emocional estão envolvidos na violência psicológica, no contexto das relações íntimas de afeto.

Segundo a resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, neste caso, vinculado ao incômodo que as perguntas possam causar, podendo trazer prejuízos de dimensão psíquica, moral, intelectual, social e cultural dos participantes durante a pesquisa e até depois desta. Assim, caso ocorra constrangimento ou desconforto durante ou após o desenvolvimento da pesquisa, os riscos serão minimizados através do encaminhamento dos participantes ao Centro de Serviço de Psicologia Aplicada – CSPA da Faculdade de Psicologia da UFAM, conforme Termo de Anuência do CSPA, onde será prestado o suporte psicológico necessário, visando o bem-estar dos sujeitos envolvidos.

A instituição garantirá reparação a dano imediato ou tardio, ao indivíduo ou à coletividade, de dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano e jamais lhe será exigida, sob qualquer argumento, renúncia ao direito à indenização por dano, que caso ocorram, serão valorados em conjunto com a instituição

proponente, haja vista que não há valores pré-estabelecidos de acordo com os riscos na Resolução em tela e nem na Resolução 510/2016, que trata da normatização da pesquisa em ciências humanas e sociais, e uma vez que não há definição da gradação do risco (mínimo, baixo, moderado ou elevado).

Os benefícios da pesquisa aos participantes consistem na reflexão sobre seus padrões de relacionamento, a oportunidade de relatar um possível relacionamento abusivo, a obtenção de acompanhamento psicológico caso necessário, bem como a contribuição para a geração de conhecimento acerca da violência psicológica por parceiro íntimo (VPI). E como benefício à comunidade, espera-se a obtenção de conhecimento sobre características relacionadas à presença de relacionamentos abusivos, a fim de diminuir a sua incidência, e conseqüentemente, proporcionar mais saúde e bem-estar à população.

Sua participação é voluntária e consistirá no preenchimento de questionários sobre características de vida e econômicas, abuso em relacionamento íntimo, honra e controle das emoções, além de responder a uma pergunta aberta sobre o tema. Estimam-se 20 minutos para a realização. Você não receberá remuneração por participar da pesquisa, mas contribuirá com a produção de conhecimentos na área em estudo. Você poderá desistir em qualquer etapa da pesquisa e retirar seu consentimento. Você não terá custo ou despesa, mas caso haja gasto com transporte, alimentação ou outra despesa, você e seu acompanhante serão ressarcidos.

Os resultados da pesquisa serão publicados, mas sua identidade será preservada. Esta pesquisa se iniciará após o trâmite na Plataforma Brasil, com a aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa. No caso de dúvidas, você poderá procurar as responsáveis pela pesquisa no endereço acima mencionado. Para outras informações, contate o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, localizado na Rua Teresina, 495 – Adrianópolis, CEP: 69057-070 Manaus/AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, e-mail: cep.ufam@gmail.com.

Você aceita participar?

- Fui informado (a) sobre a pesquisa e entendi a explicação. Por isso, concordo em participar, sabendo que não vou ganhar remuneração e que posso sair quando quiser.
- Não aceito participar como voluntário e não quero que meus dados sejam utilizados.

APÊNDICE B – CATEGORIAS DE SENTIDOS DE VPI A PARTIR DA AD

Categoria	Subcategoria	Entradas discursivas
SENTIDOS DE AGRESSÃO	Física	<p>– em casa passou a me agredir fisicamente (14)</p> <p>– já me agrediu fisicamente duas vezes, a pior foi um tapa na cara uma vez que estava bebado, a outra foram chutes (nessa segunda vez ele não estava sob o efeito do álcool e nem de nada). (23)</p> <p>- Ate virar um relacionamento abusivo de ambas as partes, e todas as formas, agressões físicas e verbais. (24)</p> <p>- me agrediu tanto fisicamente quanto psicologicamente,(30)</p> <p>– Até q numa discussão ele me empurrou, e eu tive certeza q se eu não saísse dali ele ia aumentar o nível das agressões. (43)</p> <p>– uma vez houve agressão física dele comigo(44)</p> <p>- Além da violência psicológica, a física começou também. (...) E eu voltei com uma mão na frente outra atrás, machucada, toda roxa (55)</p> <p>- Até que um dia ele tentou me matar, e eu pude “enxergar” que não era eu o problema, e sim o relacionamento com ele! (64)</p> <p>- ele me agrediu fisicamente algumas vezes mas minha mae nao me deixou prestar queixa e eu dexei de pedir ajuda (68)</p> <p>- Quando já tínhamos 1 ano e 3 meses separados, ele já era noivo de outra e eu estava em outro relacionamento, ele me agrediu fisicamente na frente de nosso filho, porque estava com ciúmes da minha relação com o outro.(70)</p> <p>- até puxou o meu cabelo várias vezes e eu dizia que isso era agressão e ela dizia que agressão para ela era espancar (71)</p> <p>- Depois ele começou a me empurrar, uma vez me sufocou, mas sempre sem deixar muitas marcas, já jogou coisas em mim, deu uns tapas no rosto, deu dedadas pelo corpo, assim os roxos eram menores e pareciam acidente. (73)</p> <p>- Tudo começou com ciúmes e quando eu percebi estava apanhando (81)</p> <p>- Em algumas discussões ele costumava a puxar meu cabelo bem forte e a perguntar quem eu pensava que era, que deveria me calar e aceitar o que ele me dizia ou mandava fazer. Na ultima discussão que tivemos ele puxou me cabelo inclinando meu corpo para o chão, tentei bater no rosto dele com um tapa, mas não consegui, ele me jogou contra o sofá, machuquei meu joelho e minha mão (86)</p> <p>- só consegui me enxergar dentro de uma relação desse nível infelizmente quando fui agredida fisicamente.(94)</p> <p>- Cheguei a levar um forte tapa no resto, por conta de conflitos (97)</p> <p>- Desde o primeiro ano, ele me enforcou 3x, eu ja cheguei a bater no rosto dele também. (102)</p> <p>- Até que ele se alterou comigo por eu ter falado “vamos dormir, chega de beber” ele tacou em mim uma mãozada na minha cabeça e chorei mas guardei</p>

		<p><i>isso pra mim. E passou se o tempo nós estávamos indo para Faculdade e começamos a discutir no carro, fálávamos alto um com o outro até que ele encheu a mão dele e deu soco no rosto do lado esquerdo (103)</i></p> <p><i>- Por algum tempo nossa relação teve situações de violência física. (107)</i></p>
Sexual		<p><i>- as chantagens para fazer sexo se tornaram frequentes, todo dia eu era obrigada a fazer sexo para poder dormir;senão virávamos a noite com sermoes do tipo "você não me ama, nao me da carinho,nao me da afeto, deve estar transando com outros caras".Posteriormente, quando resolvi me negar ao sexo e passei dias é dias sem dormir, ele desistiu. Alguns dias depois acordei levando dedadas. Nos dias seguintes acordei sendo chupada, tendo penetração anal forçada e sempre o mesmo show quando eu dizia que não. Algumas vezes ele chegou a me agredir e em seguida me estuprava de maneira violenta. Ele sempre gozava dentro, parecia que queria me engravidar. (14)</i></p> <p><i>- Os atos sexuais, mesmo quando me desagradaram ele continuava é dizia que eu iria gostar, que eu era cheia de frescura, fui obrigada por 3 vezes a praticar sexo anal, machucou me corpo, fiquei por alguns dias com uma sensação ruim, tinha vergonha de falar e como ele dizia que era algo normal entre casais, passei a achar que estava errada. (86)</i></p> <p><i>- Essa mesma pessoa nega até hoje que me estupro. (89)</i></p> <p><i>- Ele chegou a machucar um mamilo meu de tanto que mordeu,saiu um pedaço da minha pele. (99)</i></p> <p><i>- ainda tive a dor de ser coagida diversas vezes a transar sem a mínima vontade, chegando ao ponto de ser de fato forçada... (108)</i></p>
Patrimonial		<p><i>- quando ficava com raiva quebrava as minhas coisas, SO AS MINHAS COISAS. (45)</i></p> <p><i>- Ele controlava meu dinheiro, usava tudo com coisas pra ele, estourava meu cartão de crédito com compras pela Internet, me endividou..(81)</i></p> <p><i>- Várias vezes ele me pedia dinheiro para tudo, inclusive para pagar a net para que ele pudesse conversar com mulheres por este meio. (109)</i></p>
Psicológica	Ameaça/ chantagem	<p><i>- ameaça me agredir. (9)</i></p> <p><i>- No começo, ele chorava, fazia muito drama, chegando a dizer que ia se matar, ter ataque cardíaco e outras coisas ridículas (...) Sempre me dizia que se eu terminasse com Ele, e se arrumasse outro homem, ele me deixaria paraplégica e mataria o cara só pra eu me lembrar dele o resto da vida. Passados 3 anos, ele finalmente saiu de casa, fazendo chantagem emocional e achando que eu ia pedir pra que ele ficasse (...) Passaram 4 meses e ele numa madrugada começou a enviar mensagens agressivas me ameaçando... umas 5h da manhã ele invadiu o condomínio e agrediu o meu porteiro; (14)</i></p> <p><i>- Por muitas vezes tentei me separar e sofri ameaças, contra a vida dele, contra a minha vida, ameaças de escândalo em meu emprego e eu sempre para evitar essas coisas me mantive na relação. (23)</i></p>

– toda vez que eu ia sair para visitar alguma amiga, ele punha vários impecilhos, quando eu rebatia todos os impecilhos ele fazia chantagem emocional dizendo que eu o estava abandonando. (45)

- toda vez que terminava era uma situação de estresse, dizia que ninguém a amava, que ia se matar, enfim... tentou tomar comprimidos 4 vezes na minha frente, lutamos, literalmente (praticamos jiu-jitsu) eu na tentativa de não deixá-la engolir os comprimidos. O dia mais marcante foi quando ela trancou a porta de casa e escondeu a chave, e tinha colocado vários comprimidos na boca gritei desesperadamente por socorro, os vizinhos apareceram, quando ela se deu conta da minha reação me entregou os comprimidos que estavam na boca e pediu para eu contar, pois ela não tinha tomado, porém eu não sabia que estava em estado de choque e conseguia contar, e a cada tentativa em contar e me desesperava ainda mais (...).Finalizando, ela precisou viajar e antes de ir eu disse que seria impossível continuarmos vivendo sob o mesmo teto, quando retornou de viagem não encontrou algumas coisas minhas, pois tinha saído de casa, novamente o drama começou, ia se matar, avisou seus amigos e foi aquele desespero...(52)

- Morei de favor com a família do meu pai por muito tempo, me operei pra retirar a vesícula e um cisto de 2 kilos q me levou um ovario, nesse meio tempo ele nao parava de me ameaçar, queria que eu passasse a guarda do nosso filho pq se nao ele ia tirar a força, eu sozinha, doente e desesperada aceitei. Ate no dia de assinar os papeis ele me dizia "mas vc sabe ne, se eu quiser vc nunca mais ve ele". (68)

- Decido me separar, mas ele nunca aceitou o divórcio, tentou usar nosso filho para fazer chantagem emocional, se afastou dele (apesar de que nunca foi muito presente, não assumia responsabilidades no cuidado dele). (70)

- Ele brigar comigo e me ameaçar por cada lágrima que caísse era bem frequente durante as brigas e as ameaças. (73)

- Ele começou a me fazer ameaças. E ameaçou de colocar fotos minhas na Internet. Fotos íntimas que eu nem sabia da existência.(81)

- Pegou meu ponto fraco e lançava ameaças dizendo que faria os meus pais ou familiares passarem vergonha (88)

Xingamento

– Me xingava (9)

- chegou a me chamar de puta e etc... (14)

- me empurrar, xingar, bater e me deixar a pior pessoal do mundo (30)

- “Você é burra” (40)

- pq eu era louca, mal criada e feia. (43)

– Ele não te bate, mas te deixa insegura e ainda diz que você é que é maluca e neurótica. (47)

- ele me chama de escrota, mesmo quando o culpado é ele (61)

- Mas frequentemente após o sexo anal (eu que iniciava) no primeiro desentendimento, ele sempre me mandava tomar no cú já que eu curtia (...) Ele me

manipulava tanto que eu me sentia culpada por fazer ele me machucar, pq ele falava que me agredia verbalmente/psicologicamente pq eu não prestava, pq ae eu fosse mais inteligente ele não precisaria gritar ou me xingar. (73)

- Puta era a palavra mais bonita q ele me chamava. Sou enfermeira, e ele sempre dizia que todas as enfermeiras são piranhas, que só vão para o hospital para "dar" para os médicos..(81)

- e quando ele me xinga busco o momento certo para falar sobre o que não gostei. (85)

- me chamava de louca frequentemente, assim também dizia que me vestia mal ou insinuava burrice, me chamava de inútil ou de peso (86)

- Não gostava quando era chamada de burra (92)

- Ele dizia que era louca, paranoica e ciumenta (109)

Humilhações/rebaixamento

– Meu ex marido tinha uma estima muito elevada e não permitia que eu estivesse a altura dele (1)

– Em muitos momentos me vi humilhada, desvalorizada e enfraquecida. (8)

– Ele começou a minar a minha autoestima, me colocando para baixo (...) geralmente criticava e inferiorizava até as ideias que eu tinha. (...) ele sempre falava que ninguém mais ia me querer, porque ninguém ia me aguentar como ele me aguentava, que eu nunca ia encontrar um homem que me amasse como ele (...) Ele começou a denegrir a mim e a minha família para outras pessoas (14)

– fazia eu me sentir uma pessoa que nunca iria conseguir nada e nem ninguém melhor, terminava comigo sempre que queria e quando questionado, falava que não queria nada com uma pessoa igual a mim (30)

– "Quem tá contigo, só tá contigo pq quer te comer", "Se não for eu, ninguém mais te atura pq tu é muito difícil", "Eu sou a única pessoa que vai te amar nessa vida pq ninguém mais te aguenta" entre outras coisas. (40)

– Ele foi agradável por duas semanas, e qd o relacionamento firmou, começou a ficar agressivo, ciumento, me rebaixando e humilhando na frente de quem quer que fosse, e onde quer q fosse (...) Ele dava em cima de outras mulheres na minha frente e dizia q era loucura minha. Aliás, td era loucura minha. Ofendia à mim, minha família e meus amigos, q ngm prestava p ele. Ninguém ia me querer se eu o largasse, pq eu era louca, mal criada e feia. (43)

– Ele conseguia fazer com que eu me sentisse inútil, nada que eu fazia estava bom, sempre faltava algo, não levava em consideração o que eu dizia e quando vinha alguém e falava a mesma coisa que eu, ele concordava (...) No final do relacionamento ele dizia que me amava e quando via que eu não queria mais mesmo, começava a me xingar e ainda dizia que eu nunca encontraria alguém igual a ele (45)

– Ele não te bate, mas te inferioriza. Ele não te bate, mas faz você se sentir mal. Ele não te bate, mas em todas as brigas, incrivelmente, é você quem está sempre errada. (47)

- *Passei 3 anos e 7 meses com uma pessoa que sutilmente minava minha autoestima e me diminuía como mulher. Chegou a falar que me via como uma adolescente de 16 anos, quando eu tinha quase 10 anos a mais (...)Eu já era formada, tinha uma pós-graduação e estava no mestrado quando terminamos, ele só tinha o segundo grau e trabalhava em locais que não possibilitava que se sustentasse, sendo sustentado pela mãe, mas sempre fazia com que eu me sentisse burra. Dizia que eu era ilógica, que tinha uma péssima memória... Também falava que era muito difícil namorar comigo e que não era qualquer um que teria a paciência que ele tinha. (50)*

- *Foi humilhante. Ele me humilhava até por ser mestranda, dá pra acreditar? Ele dizia que ele era um professorzinho de merda e eu era a grande intelectual, a mestranda de Coimbra. Ridículo. (55)*

- *as vezes diminui as coisas que faço, afirmando que tudo o que ele faz é mais difícil do que as que eu faço (principalmente em relação a faculdade), esse é o principal fator que me deixa bem estressada com meu relacionamento. (61)*

- *ele tentava me humilhar e eu pisava de volta o mais forte que eu podia (...)Terminou comigo saindo da casa da minha família quando meu filho tinha 3 anos sem ele, minha mãe tomou o meu filho e ficou do lado do genro e minha família do lado dela. Eu achei sai por que eu sentia sinceramente que ia morrer ae continuasse la, ele contava mil mentiras sobre eu me drogar dentre outras coisas pra familiares e conhecidos pra me descredibilizar. (68)*

- *Ele me convenceu de termos um filho. Mas, ele queria menina, eu me apavorava pois ele dizia que se fosse menino, ele não ia me dividir com outro homem.. Tentei engravidar por 3 anos, não consegui. Certa vez, ele conversando com a cadela q tínhamos, comentei: Vc trata a cachorra melhor q a mim, conversa com ela, mas me ignora e maltrata o tempo todo... E ele respondeu: Ela pelo menos engravida, ao contrário de vc! Ele queria fazer sexo e eu não... aí ele saía disse quarto, voltava e dizia "Vou bater uma punheta, vc não vai dar pra mim msm? Vc não serve pra nada! Deve estar dando pra outro na rua!" (81)*

- *familiares costumavam a dizer que ele me tratava com certa inferioridade, ele costumava a gritar muito alto, falar próximo ao meu rosto, na medida que eu conquistava alguma coisa ou acontecia algo que me beneficiava inicialmente ele apoiava, mas depois passava a criticar ou a reduzir...(.) ele permaneceu com as ofensas e humilhações dizia que eu nao2 conseguia ficar com a nossa filha (sempre cuidei dela sozinha) entre outras coisas, meu pai interferiu, ele parou, ficou 2 meses sem visitar ou ligar para nossa filha e ela sofreu muito em consequência eu também (86)*

- *Essa pessoa me colocava pra baixo,dizia que não sentia mais vontade de me ver porque eu não me vestia bem. Então eu me forcei a me vestir de acordo com o que que ele gostava e isso já me deixou abalada...puxa! "Alguém que amo começou a me desmerecer",era isso*

que vinha na minha cabeça. Depois ele veio reclamando do meu cabelo cacheado. Certo dia estávamos numa parada de ônibus e ele disse "não sei como namoro contigo. Eu odeio cabelo cacheado. Sinto nojo. Tu tem sorte." Nossa, nesse dia a minha autoestima foi pro saco. Comecei a fazer chapinha sempre para vê-lo (...) Outro episódio foi quando estávamos na casa de um amigo e uma amiga minha chegou, ele sempre dava em cima das minhas amigas e elas odiavam isso e eu também, mas eu não conseguia me desprender daquilo. Enquanto voltávamos pra minha casa, ele solta "chama aquela sua amiga pra gente fazer um 'rock' "...nossa, me senti um lixo e não entendia o motivo de eu ser tão humilhada, sem contar que ele fazia brincadeiras terríveis dizendo pra eu chamar até a minha irmã pra tentar algo com ele também, ele paquerava uma ex amiga minha, uma outra amiga minha também...todo mundo via. Nessa volta eu e ele paramos num lanche para compramos algo pra comer. Enquanto estávamos sentados, eu perguntei "você gosta do meu rosto? " E ele diz "não, é meio feio ,seus olhos são um pouco esbugalhados, é meio estranho ". Conseguir imaginar como eu me senti? Naquele momento eu já era insegura com a minha aparência à um nível extremo, nem vestido eu podia usar. Ele me só me enxergava como alguém que poderia satisfazer suas vontades sexuais. Inclusive nessas horas ele me humilhava, dizia que eu tinha que assistir mais filmes pornôs para eu aprender a "chupá-lo" melhor, que eu tinha que aprender mais coisas pra eu não ficar sem graça na cama com ele, eu era humilhada por ter seios levemente "assimétricos" (...) Na época, como eu era muito jovem e ele já maior de idade, a minha mãe não deixava eu sair muito com ele, então ele se revoltou e começou a me comparar com feijão. Dizia que uma pessoa enjoa se comer feijão todo Dia, assim ele se sentia em relação à minha pessoa. Teve um dia que ele veio na minha casa, passou o domingo aqui, Não olhou na minha cara, não falou muito comigo, então de noite eu tomei banho, me vesti como ele gostava e cheguei na sala. Ele me olhou, puxou pra perto pra ver se eu estava sem calcinha, me olhou e virou a cara (Um nojento que só queria sexo). Nem Um beijo ele me deu nesse Dia, depois ele disse que estava com raiva de mim e com nojo. Pior quando ele vinha na minha casa e não fazíamos sexo, depois ele ia no Facebook dizer que sentia raiva de ter gastado passagem pra ir na minha casa e não ter conseguido "uma foda". Um certo Dia, ele termina comigo pelo telefone, foi muito horrível porque 4 dias depois era o meu aniversário, então eu sofri muito, além do mais, seria nosso 1º ano juntos. Um pouco depois ele começou a namorar uma moça pela internet. Ele me enviava fotos dela dizendo que ela sim era linda e que tinha seios redondos e bonitos, dizia que ela sim enviava vídeos dela se masturbando para ele. E mesmo assim ele queria que eu ficasse com ele de vez em quando (fui burra e aceitei, nunca fui tão humilhada). (99)

- . Ele sempre utilizou da questão financeira para me

- humilhar. Ate agora ainda esta fazendo isso. (102)*
- Mas tempos depois vieram brigas e discussões que não acabavam mais, ele na maioria das vezes me tratava muito mal, me rebaixava (103)
- Durante muitos anos, ele me julgava inferior por ter sido forçada a perder a virgindade com outra pessoa, o tempo todo ele jogava isso na minha cara. (109)
- gritou comigo sem motivo na frente de várias pessoas. Disse que eu não tinha valor nenhum pra ficar com ele e que eu era um nada. (116)
- Ser traído(a)/ enganado(a) – *Acredito que ele minta (13)*
 – *Nesse relacionamento fui traída, por meses com a ex que ele havia deixado (14)*
 – *meu relacionamento passado foi bem perturbado.. ele me traiu muitas vezes (30)*
 – *descobri algumas traições (44)*
 - *Me separei por que ele arrumou uma amante e a engravidou e foi morar com ela, porém continuo me relacionando com ele. (59)*
 - *Não concenter em ser enganada durante os 9 anos que vivemos juntos. (65)*
 - *Sim. Senti me traída, desconsiderada, e antes de saber a verdade, fui muito maltratada psicologicamente (97)*
 - *Namorei um garoto por 7 anos e durante todo esse tempo ele me manipulou, traiu, mentiu e me uso. Ele falava mal de mim (sua própria namorada) para os amigos e para a ex namorada com quem ele me traiu também. (...) Proximo ao fim do namoro descobri que ele marcava encontro com meninas menores de idade, de preferência virgens, assim como tinha fotos nuas de menores tambémno celular. (109)*
 - *Meu relacionamento é péssimo no momento, estou com uma pessoa que não tem valores, ela me trai, vive saindo pra festas e bares, não me respeita, e o pior; mesmo com todas as comprovações de que a pessoa estava em determinado local, ela mente, faz com que eu me engane sobre determinadas coisas (117)*
 - *Ele me traiu várias vezes, digo várias porque ele manteve um outro relacionamento fora do nosso durante 4 meses, e com outros garotos, descobri tudo pelo celular; no modo como ele conversava com esses garotos etc. (118).*
- Ser acusado(a) de traição – *"você não me ama, nao me da carinho, nao me da afeto, deve estar transando com outros caras" (14)*
 - *no final das contas ele acabou que me acusou de trair ele indevidamente (30)*
 – *Há 1 mês, ele invadiu minha casa de madrugada, achando que eu estava traindo ele. (41)*
 – *Ele me.acusava de trai-lo(45)*
 – *Na época eu já estava namorando meu marido e quando falei pra ele que tinha alguém, ele me xingou, gritou, disse que eu já estava com meu marido antes de terminarmos, tentando reverter a história. (50)*
 - *houve situações em que ela dizia que eu flertava com outros homens e até puxou o meu cabelo várias vezes e eu dizia que isso era agressão e ela dizia que agressão para ela era espancar, e na época eram flertes que não aconteciam, mas que para ela era por conta de eu*

- Vigilância/
controle/
manipulação/
Desrespeito à
autonomia e à
liberdade
- conversar com essas pessoas (71)*
- Ele me acordava às 3h da manhã dizendo coisas sem sentido, me acusando de ter olhado alguém na rua no mês passado, por exemplo...(…) - Ele queria fazer sexo e eu não... aí ele saía disse quarto, voltava e dizia "Vou bater uma punheta, vc não vai dar pra mim msm? Vc não serve pra nada! Deve estar dando pra outro na rua!" (81)*
- Só fui perceber, quando começamos a namorar de fato e ele começou a ser muito controlador e agressivo (verbalmente). (...) não podia ver meus amigos (9)*
- lembro de um episódio em que saí com duas amigas e ele simplesmente surtou, ele ligou tanto que acabou com a bateria do celular de nós três; quando cheguei em casa 5h da manhã, ele estava me esperando na portaria e dando showzinho (...) Durante o primeiro ano de relacionamento, ele nunca me agrediu, mas seu jeito sempre foi um pouco agressivo, com ciúmes e controle excessivos; ele acompanhava cada passo que eu dava, com quem eu falava; ele realmente me sufocava. Eu não falava mais com meus antigos amigos, meus amigos se tornaram os amigos que ele me apresentou, os programas eram ele quem decidia e tudo o que era meu, fosse mesmo um compromisso, era como se não tivesse importância. (14)*
- Se eu escolhesse sair com amigos eu não me importava com ele, pois os meus amigos falavam mal dele e nenhum deles realmente se importava comigo, só queriam viver "essa vida fútil de drogas, álcool e festas" se era isso mesmo que eu queria pra minha vida. (16)*
- Eu me envolvi com um cara que controlava tudo que eu estava fazendo e fazia eu me sentir culpada por tudo. Ele via até que horas eu ficava acordada pelo "visto pela última vez" do WhatsApp e gritou comigo quando tirei essa opção. Se eu soubesse com meus amigos, ele perguntava pra eles pra confirmar se era verdade mesmo. (22)*
- Me sinto incomodada dele querer mexer no meu celular, dele querer que a todo momento eu avise ele de onde eu vou, me sinto presa. (23)*
- Durante o início do relacionamento ele me afastou dos meus amigos e fez com que eu pareça de fazer tudo que eu fazia. (24)*
- Me afastou dos amigos, porque eu tinha que ficar com ele pra apoiá-lo (25)*
- n permitia q ele me controlasse, mas ele tentava e muito, acabava cedendo em algumas coisas, e é tinha de fato dependência emocional nele, ele me fazia crê que era um presente do céu para mim, ao mesmo tempo q me podia e tentava me controlar (26)*
- Durante o relacionamento, ele gostava de sempre estar no controle de tudo, cuidando de tudo, orientando como fosse um pai, controlava meus amigos e amigas (32)*
- Não gostava q eu me arrumasse, que eu falasse com qlqr pessoa, principalmente homens (...) Ele inventou de abrir um bar, e queria q eu trabalhasse p ele nos fins de semana. Dizia q eu tinha obrigações com ele, q*

era mulher dele. (43)

- Ele não te bate, mas te manipula (...) Ele não te bate, mas não deixa você usar decotes ou mini saias. Ele não te bate, mas exige a senha das suas redes sociais e espiona seu celular frequentemente(...) Ele não te bate, mas não deixa você cortar o cabelo porque não gosta de mulheres com o cabelo curto. (47)

- ele me oprime silenciosamente . estamos juntos a 7 anos e so agora percebi que me afastei de todos, familia e amigos. e qnd estou conversando com alguem morro de medo dele ver (51).

- resumindo, ela descobriu minha senha, viu minhas conversar, surtou, jogou com toda força meu celular na parede (52)

- minhas roupas eram ofensivas para ela, o fato de eu não sentir ciúmes também foi, fato que culminou em um comportamento inseguro e imaturo por parte dela puxando uma moça para beijar durante uma festa em que fomos, ela deixava eu sair com os meus amigos sozinha, mas no outro dia era uma situação pesada entre nós duas (71)

- Sim, com os outros ele era extremamente paciente, um amor, comigo ele freava o carro pra me botar medo se eu não respondesse o que ele queria do modo que ele queria. (73)

- Foi um relacionamento de 5 anos no começo era tudo lindo até ele me proibir de falar ou sair com minhas amigas, se alguém falasse comigo na rua ele perguntava se eu já tinha ficado com essa pessoa (77)

- Ambos sao possessivos e se estressam facilmente com o parceiro (78)

- Ele controlava meu dinheiro (...) Ele me ligava durante todo o plantão. E eu trabalhava em CTI. Imagine o caos. Certa vez, ele me dopou com medicamentos colocados na cerveja e me fez dormir por 30 horas. Qd minha mãe procurou por mim, ele disse que eu estava de plantão. Até hj não sei o que ele pretendia (...)Um dia, estava falando com ele enquanto ia pra aula, avisei q iria entrar no elevador e a ligação iria cair. Após 50 minutos de aula, olhei meu celular e tinha 147 ligações perdidas! (81)

- Sempre fui envolvida em muitas atividades e quando namorei essa pessoa percebi que estava me afastando do que fazia. Percebi isso e retomei as atividades, mas também percebi que isso o chateava. Passou a ser mais controlador, ciumento e possessivo. (88)

- Eu não podia ter amigos ou falar com amigos, apenas ela. (89)

- Sou casada a 17 anos, meu marido é do tipo controlador tudo que vou fazer tem q passar pelo aval dele. Se ele concordar eu faço caso contrário não posso fazer Ele sempre é o certo, ele quem faz as compras pra casa, cuida de todas as finanças. Ele não gosta que eu tenha colegas homens, já fez várias cenas de ciúme em público ou então quando se sente inciumado ficar de cara fechada e temos que sair de onde estamos. (90)

- Por vezes já o forcei a fazer coisas que ele não queria, muitas vezes eu disse coisas a respeito da sua capacidade profissional e como estudante, seus

esforços na faculdade. Eu achava que falando isso estava pressionando ele a mudar e assim ele ia se esforçar mais, estudar mais. Porém, entendi depois de responder ao questionário que na realidade estava sendo abusiva. (93)

- Essa relação me fez afastar da minha família, dos meus amigos, vivia presa dentro de casa, pois a todo custo eu tentava evitar atritos na relação (94)

- Primeiro as reclamações vieram por conta do meu jeito de me vestir. (99)

- Namorei um garoto por 7 anos e durante todo esse tempo ele me manipulou, traiu, mentiu e me uso. (...) Mais tarde eu engravidei dele, com apenas 23 anos e ele me forçou a tirar. (109)

- Sinto que fui pressionada a fazer algumas coisas que eu não queria (111)

- Mas, ele tinha muitas falas e até mesmo atos contra a minha vontade. Certa vez ele furou o preservativo para que eu engravidasse dele e tivesse "um vínculo eterno" com ele (115)

- Tínhamos crises de ciúmes constantes e costumávamos controlar com quem saíamos e tb com quem conversávamos.(...) Amizades que não fossem mútuas não eram aceitas ainda mais se uma das duas não gostasse da outra pessoa. (121)

Indiferença/ Ser ignorado/ falta de atenção/ ser deixado

- eu não tinha mais alternativa entre os perdidos que ele me dava e a falta de questão (25)

- terminava comigo sempre que queria e quando questionado, falava que não queria nada com uma pessoa igual a mim (30)

- Depois de um tempo simplesmente me deu um fora por mensagem, logo após me deixar em casa (...) Nesse meio tempo me senti muito mal, pois até me ignorar em público essa pessoa já fez durante esses 5 meses e mesmo assim eu não queria ir embora. (37)

- Ele nos últimos 2 anos tem agido com muita indiferença, me deixa falando sozinha, dorme no sofá, não me toca, não gosta de conversar, se fecha. (41)

- O sexo era morno, e cada vez mais frio. Até q reduziu p zero. Ele não parava em ksa nos fins de semana, q era qd poderíamos ficar juntos. Eu implorava pela atenção dele.(43)

- ele nao me bate mas ele me ignora fica dias sem falar comigo e isso me tortura muito. (51)

- ele voltou a me ignorar dentro de casa, ele fazia isso sempre que me via ficando feliz com alguma coisa, porém nessa última eu já havia chegado ao meu limite, me sentia morta por dentro, o questioneei por me ignorar durante 1 mês dentro de casa (não falava, evitava contato) (86)

- Um certo Dia,ele termina comigo pelo telefone, foi muito horrível porque 4 dias depois era o meu aniversário, então eu sofri muito,além do mais,seria nosso 1º ano juntos.(99)

- Diz que ama, mas sempre some, depois volta falando que sente falta e não encontra ninguém como eu.. e depois some por que fala que tem coisas minhas que não sabe lidar.. tipo fazer mis coisas... estamos nessa a 4 anos... um vai e vem que não sei mais o que fazer....

- ele vai embora sempre, não importa o quanto eu tente ou mude para agradar ele sempre encontra um problema...(100)*
- *Ficamos algumas vezes e após um desentendimento onde ele disse que estava "se arrumando com uma menina da balada que ele frequenta" o msm resolveu romper comigo. Após isso, se passaram algumas semanas e voltamos a nos falar e a ficar. Iniciamos um namoro que novamente o msm terminou comigo de maneira extremamente insensível (116)*
- Falta de reconhecimento/empatia/ incentivo
- *Nunca me incentivava a nada (14)*
 - *Sempre se colocava contra mim, nas diversas situações. (50)*
 - *O fato que mais me intriga é a falta de incentivo pessoal da parte dele, em meus projetos de vida (...) Ele costuma dizer que quero mudar o mundo e não vou conseguir (53)*
 - *Além do desgaste emocional, da pressão psicológica e da falta de empatia por parte dele (108)*
- Criticismo
- *geralmente criticava e inferiorizava até mesmo ideias que eu tinha (14)*
 - *Percebemos que o excesso de críticas e exigências dele causavam muito mal à mim e eu me pensava incapaz de realizar minhas metas com tanta cobrança. (15)*
 - *O percebo mudado em muitas coisas, já aprendeu a pedir desculpas, não levanta a voz como antes, reclama menos, mas o seu automático ainda é muito egoísta e crítico. (39)*
 - *afastei dos meus amigos por conta das críticas dele. (43)*
 - *julgar as minhas amigas e demonstrar tanto ódio por mulheres que eu vejo como guerreiras. (53)*
 - *Vivia pisando em cascas de ovos, até na maneira que dirijo, ele criticava. (73)*
 - *na medida que eu conquistava alguma coisa ou acontecia algo que me beneficiava inicialmente ele apoiava, mas depois passava a criticar ou a reduzir(...) sendo que havia tentado trabalhar, no primeiro ele dizia que o salário não dava para nada, no segundo que eu não parava em casa e não era mãe para a nossa filha(trabalhava e estudava),), quando passei no Enem, lembro que ele virou de Costa e disse parabéns é em seguida dormiu, pois ele não havia passado, a alegria de passa acabou na hora, foi um dia especial, mas perdeu o brilho, pois eu me senti mal por estar feliz (86)*
 - *nao importa o quanto eu tente ou mude para agradar ele sempre encontra um problema... seja o fato de eu ter gatos em casa ou de eu ter uma tatuagem... sempre tem algum problema...(100)*
- Detentor(a) da razão
- *a única falha é que normalmente sempre, ele sempre quer e tenta ser o detentor de toda a razão e sempre inventa monólogos de horas pra mostrar que eu que erro sempre, e eu já me sinto fraco em tentar argumentar (7)*
 - *Se houvesse qualquer tipo de reclamação a respeito de como ele estava falando, ou por ele ter pegado meu*

ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO	Diálogo	<p><i>braço com um pouco mais de força, ele virava um bicho, gritava que aquilo tinha acabado que ele já tinha vivido aquilo e que ele não ia viver novamente, que ele não tinha feito nada de errado e entre outras coisas (...) ainda percebo que ele não acha que fez nada de errado comigo (...) (16)</i></p> <p><i>- Ele sempre fazia eu parecer errada (25)</i></p> <p><i>- Ele tem defeitos, como em algumas vezes ele acredita que é o único certo, fazendo eu sentir como se eu estivesse sempre errada (49)</i></p> <p><i>- Ele sempre é o certo (90)</i></p> <p><i>- Ele não te bate, mas em todas as brigas, incrivelmente, é você quem está sempre errada. (47)</i></p> <p><i>- Foi bem difícil, mas com muita conversa, fomos desconstruindo aos poucos. (10)</i></p> <p><i>- Já tivemos momentos bem difíceis e conversamos a respeito de relacionamentos abusivos. (15)</i></p> <p><i>- e quando ele me xinga busco o momento certo para falar sobre o que não gostei. (85)</i></p>
	Tentativa de mudar o(a) parceiro(a) / crença na mudança	<p><i>- Pela falta de maturidade, achamos que a pessoa vai mudar: muda depois que casar, quando trocar de cidade, depois que tiver filhos... é uma falsa esperança pois a verdade é que ninguém muda ninguém. (1)</i></p> <p><i>- Entao, estive em um relacionamento durante 13 anos no qual a outra pessoa era dependente quimico, e eu por amor achei que poderia ajuda-lo a sair dessa situação e passei por diversas fases de abuso nesse relacionamento, abusos psicológicos nos quais achei que nunca iria conseguir me libertar. (12)</i></p> <p><i>- Acredito que no momento que eu devia ter dado um basta, eu fui tentando mostra-lo a outras formas mais leves de ver a vida, formas mais suadaveis, fui dando chances e mais chances e acredito que sucumbi na minha própria decepção.(39)</i></p> <p><i>- Ele teve um problema de saúde e eu deixei de trabalhar p cuidar dele. Achei q nessa hr td ia mudar. Mas não mudou, ele voltou o mesmo e pior, por conta do bar. (43)</i></p> <p><i>- Ele me faz carinho, diz todos os dias que me ama, eu acredito nisso, na mudança dele (118)</i></p>
	Reproduzir o comportamento do par	<p><i>- Durante o início do relacionamento ele me afastou dos meus amigos e fez com que eu parece de fazer tudo que eu fazia. Depois de um tempo comecei a fazer isso com ele também. Até virar um relacionamento abusivo de ambas as partes, e todas as formas, agressões físicas e verbais. (24)</i></p> <p><i>- pois por vezes eu realizava com ele os mesmos comportamentos a fim de que ele percebesse que era incômodo e parasse (como acusá-lo de traição sem provas, mandar mensagens querendo controlar o dia a dia). (115)</i></p>
	Fuga	<p><i>- Peguei minhas coisas e fugi na mesma hr p minha casa. Ele continuou vindo atrás de mim, com ajuda de família e amigos tentando me convencer a voltar p ele.(43)</i></p> <p><i>- Eu fui embora sem ele saber, meu pai me pegou e fomos pra casa.(103)</i></p>
	Delegacia	<p><i>- tentou arrombar minha porta várias vezes, invadiu o</i></p>

- condomínio mais de uma vez depois foi para o condomínio da minha avó. Paramos na delegacia, ele desacatou o policial e apanhou e hoje em dia diz pra todo mundo que eu armei casinha pra ele e que mandei a polícia bater nele. (14)*
- *Resolvi denunciar! Nunca havia denunciado a violência física. Mas, fui em frente! Ele foi condenado. Sei que não será preso.. Mas, agora tem essa mancha na vida dele. E caso ele resolva fazer isso com outra mulher, ele não ficará impune! (81)*
- Rede de apoio (família, amigos, terapia, comunidade) – *tive o apoio de uma psicóloga e se não fosse por ela eu não teria conseguido (1)*
- *Estava passando por psicóloga mas fiquei desempregada e no momento estou sem nenhum apoio.(23)*
- *Hoje ambos estamos em terapia e medicados, ele é distímico (39)*
- *Eu ficava imaginando como ele ia me matar.. E comecei a planejar o que fazer com ele. Ai resolvi buscar ajuda. Psicóloga, depois psiquiatra... Muitas orientações..(81)*
- *Sim,já procurei ajuda antes mas não obtive sucesso. (83)*
- *Precisei de psicoterapia para conseguir sair desse abismo. (89)*
- *Até o ponto que ele teve que buscar ajuda no psicólogo e eu também, pois já estávamos no nível que uma já atacava o outro.(107)*
- Aguentar/acostumar-se - *Já me agrediu verbalmente muitas vezes, no início me fazia muito mal mas hj me acostumei...(23)*
- Eventualmente me sinto insatisfeita com a minha relação atual, mas na maior parte do tempo, me sinto amada e acredito que vale a pena "aturar" certos comportamentos indesejados, contanto q não me causem prejuízo emocional (76)*
- *Na ultima discussão que tivemos ele puxou me cabelo inclinando meu corpo para o chão, tentei bater no rosto dele com um tapa, mas não consegui, ele me jogou contra o sofá, machuquei meu joelho e minha mão, depois disso não quis mais discutir com ele, procurei me reservar, temos uma filha e na época queria dar a ela uma família (86)*
- *Aguntei muito em virtude da minha família (88)*
- Perdoar - *Depois do ocorrido no carro, eu o desculpei e seguimos a vida. (103)*
- Ameaça de término – *Em muitos momentos eu tentei terminar, na verdade, dos 3 anos de relacionamento, 2 foram tentando terminar. (14)*
- *Sinto que após muita confrontação minha, ameaças de término e a terapia que ele está fazendo, agora ele entende o que eu tentei mostrar lá no início (39)*
- *Ele cada vez tinha menos tempo p mim e p nossa relação, mas qd eu ameaçava terminar, chorava dizendo que não vivia sem mim. (43)*
- Término do relacionamento – *Nesse momento reconheci meu valor e consegui força a para superar uma separação que não é fácil para ninguém. (1)*

– Eu consegui me livrar dessa relação, mesmo tendo noção do que estava acontecendo eu acabava permitindo acontecer várias coisas ruins, hoje a pessoa reconhece que foi muito tóxico para a relação (8)

– A cerca de 4 anos graças a Deus me libertei desse relacionamento abusivo (12)

– Até que eu consegui me desvencilhar disso, depois de 1 ano de relacionamento com ele e arranjei outra pessoa, e estou até hoje com ela, e consigo notar a diferença pois é um relacionamento muito saudável. (22)

– Como eu não tinha mais alternativa entre os perdidos que ele me dava e a falta de questão, acabei por terminar o relacionamento. (25)

– consegui me livrar da relação, hj estou muito bem, mas sei o sofrimento q as pessoas passam ao ficar a mercê de outra pessoa (26)

– Ele continuou vindo atrás de mim, com ajuda de família e amigos tentando me convencer a voltar p ele. Só pararam quando eu comecei outro relacionamento. Completamente diferente, e bem mais feliz. (43)

– Foi quando decidi terminar o namoro! (44)

- Faz 2 dias que terminei a relação, depois de 5 anos ao lado dele e quase 4 anos sofrente com a agressividade dele, finalmente consegui me livrar dele, e expulsei ele da minha casa quando ele tentou me ameaçar novamente. Para mim foi uma vitoria, e espero nunca mais voltar com ele (...)Vi minha burrice. E tomei a decisão de terminar. (73)

- Resolvi sair de casa. E saí com a roupa do corpo.. (81)

- Chegou um dia que dei um basta nisso e me livre! Não tenho mais nenhum comtsfo com ele e nem quero. (99)

- Há 8 dias me separei dessa pessoa, me sentir aliviada por ter feito isso. (102)

- Até que decidir sair da casa dele e voltei pra casa dos meus pais. Com medo dele fazer algo pior comigo! Eu fui embora sem ele saber, meu pai me pegou e fomos pra casa. Chorei muito e não me arrependo por ter ido embora, logo eu que pensei que nunca ia acontecer isso comigo.(103)

- mas eu só terminei a relação após descobrir uma traição dele. (115)

– Existe insegurança da minha parte por conta de um relacionamento abusivo diradouro anterior. O que me faz repetir padrões como reprimir sentimentos/emoções e sentir medo de que coisas ruins se repitam (35)

- qnd estou conversando com alguém morro de medo dele ver (51).

- Ela ligou pra minha terapeuta e quando estava conversando, ela começou a surtar, dizendo que quem estava doente era ela e as pessoas estavam mais preocupadas comigo, nesse exato momento, ao olhar sua fisionomia eu temi pela vida dela e pela minha, medo, senti muito medo (52)

- Tivemos mais 3 anos de uma relação muito difícil, mas hoje conseguimos nos comunicar sem problemas, mas confesso que não confio nele perto de mim,

SENTIMENTO/ EMOÇÃO ASSOCIADO POR QUEM SOFRE ABUSO Medo

- acredito que ele ainda possa ser violento de novo. (70)*
- *Eu sempre tava com medo de fazer algo errado e assim ele vir pra cima de mim, pensava quando seria a briga que me mataria. Vivia pisando em cascas de ovos, até na maneira que dirijo, ele criticava. Morria de medo, nas últimas semanas eu tava tendo ataques de asma quando fazia algo de errado perto dele (73)*
- *Diversas coisas aconteceram, mas eu tinha tanto medo dele me matar ou se matar, que fui aceitando tudo, de cabeça baixa, calada, chorando pelos cantos. (81)*
- *Eu, cega, tinha medo de perdê-lo. Mas perder o quê? Alguém que só me humilhava? (99)*
- *Com medo dele fazer algo pior comigo! (103)*
- *Mantive por medo de um outro término seguido. (108)*
- Culpa
- *fazia com que eu frequentemente me perguntasse o que eu havia feito de errado (14)*
- *ele fazia questão de dizer todo tempo que nós não tínhamos um relacionamento, mas constantemente me fazia sentir culpada por ter ficado com um outro cara durante esse tempo. Mesmo sabendo que ele ficava com outras, eu me sentia extremamente culpada, pq eu gostava dele e "tava estragando tudo" (...) Até hoje não consigo dizer pra ninguém que foi um relacionamento abusivo, me sinto extremamente culpada por ter sido avisada inclusive pela ex-namorada que sofreu abuso da parte dele. (16)*
- *Fazia eu me sentir culpada por tudo (22)*
- *me fazia se sentir culpada pelas coisas que aconteciam em sua vida, como se eu fosse a causa do problema. Muitas das vezes, me fazia se sentir culpada pelas ações que ele tomava, principalmente traições e comportamentos. Acredito que queria me colocar na posição de culpada de todo o problema da relação. (32)*
- *Um ponto que me incomoda, é o fato de me sentir culpada por algo que nem cheguei a fazer. (36)*
- *Me culpo por muita coisa, mas quando analiso com razão vejo que eu não estava errada. (41)*
- *Eu tentava fazer td da melhor forma e perdoava sempre, achando q o problema era eu. (43)*
- *fazendo eu sentir como se eu estivesse sempre errada (49)*
- *Ele me manipulava tanto que eu me sentia culpada por fazer ele me machucar (73)*
- *mas me sinto culpada pela forma em que o abordei para gerar tais discussões. (85)*
- *Isso se mostrou pelo sexo que nada ia bem enquanto ambos se culpavam por não dar certo. (87)*
- *Sem contar que me fazia sentir mal quando conquistava algo. (88)*
- *Ainda me considero culpada por tudo que aconteceu até chegarmos ao ápice, onde me vi agredindo a pessoa por descontrole emocional (89)*
- Tristeza/falta de felicidade
- *Nunca me senti feliz e segura. (24)*
- Sufrimento
- *, consegui me livrar da relação, hj estou muito bem, mas sei o sofrimento q as pessoas passam ao ficar a mercê de outra pessoa (26)*

- *é que infelizmente não consegui ainda encontrar outra pessoa que eu me sentisse valorizada, aí sofro sendo transparente nessa relação. (117)*
- Vergonha *No dia da nossa última briga, ele encheu sacos de lixo com meus pertences e me mandou embora de casa. E eu voltei com uma mão na frente outra atrás, machucada, toda roxa e morrendo de vergonha dos meus pais. Tenho sequelas até hoje de tudo isso. (55)*
- Amor *- eu por amor achei que poderia ajuda-lo a sair dessa situação (12)*
- Nós dois somos abusivos. Já reconheci isso em mim. Mas às vezes sinto que tenho medo de ser eu mesma ao lado dele. Eu o amo. (27)
- Eu amava muito essa pessoa e esse amor me cegava (40)
- Deixar de gostar/amar *- Percebo que cada dia mais estou me interessando menos por ele, mesmo que hoje em dia ele não demonstra comigo mais comportamentos agressivos, mesmo que tente fazer de tudo para manter a relação eu não estou satisfeita. O problema é que acredito que já passou do prazo... e eu não me sinto mais motivada a continuar. Percebo agora que estou tendo interesse por outra pessoa, mas de forma nenhuma sou capaz de iniciar algo sem terminar com ele, porque apesar de tudo isso ele é uma pessoa muito fiel. (Manipuladora, controladora, mas fiel. (23)*
- e ultimamente me sinto muito bem qnd estou longe dele. acho q nao o amo mais. pois eu cansei de tudo isso (51)
- Eu sempre penso que não o amo, que continuo casada por causa do filho e do status financeiro, que para mim é bastante confortável. (58)
- Ambiguidade *- porém não consigo ficar longe, não posso então quero (6)*
- Ele tem defeitos, como em algumas vezes ele acredita que é o único certo, fazendo eu sentir como se eu estivesse sempre errada, me fazendo pisar em ovos com medo de brigar. Porém vamos adaptando, ele me apóia, me incentiva, me faz sentir como se eu fosse incrível, é meu parceiro, companheiro, nós cuidamos um do outro, nos incentivamos a ser melhor como pessoa, me sinto segura, mas consigo ver claramente quando qualquer relação não me faz bem. (49)
- Inferioridade/baixa autoestima *- Me sinto a pior das pessoas perto dele (6)*
- ele começou a minar minha autoestima, me colocando pra baixo (14)
- Me sinto um lixo na mão dele (25)
- Me deixar a pior pessoal do mundo (30)
- Faz cinco anos, eu tinha apenas 15 anos e me sentia a pior pessoa (64)
- Cheguei em um nível de me achar a pessoal mais imprestável, burra, estúpida do mundo, até cogitei suicídio por achar que assim eu faria as pessoas perderem menos tempo comigo, assim ele acharia alguém melhor que eu e ele finalmente estaria feliz. (73)
- e me sinto muito suja. (109)
- Sinto que fui pressionada a fazer algumas coisas que

- eu não queria e lembro de me sentir inferior a essa pessoa em alguns momentos do relacionamento como se ele fosse muito mais maduro ou responsável que eu. (111)*
- Insegurança**
- *Nunca me senti feliz e segura (24)*
 - *Existe insegurança da minha parte por conta de um relacionamento abusivo diradouro anterior (35)*
 - *Ele não te bate, mas te deixa insegura e ainda diz que você é que é maluca e neurótica. (47)*
 - *Melhoras muito, mas não me considero mais uma pessoa emocionalmente saudável, hoje me sinto insegura e sinto muito ciúmes (71)*
 - *Todos os dias é essa insegurança que me persegue. Mas ao mesmo tempo eu gosto dele e queria que ele mudasse de uma forma que eu me sentisse seguro. Ele me faz carinho, diz todos os dias que me ama, eu acredito nisso, na mudança dele, mas eu acho que isso é passageiro que ele poderá me trair de novo, fico com essas paranóias todos os dias. É um tormento pra mim. Eu queria que ele me desse segurança, mas ainda não sinto essa segurança. (118)*
- Desregulação/Supressão emocional**
- *Existe insegurança da minha parte por conta de um relacionamento abusivo diradouro anterior. O que me faz repetir padrões como reprimir sentimentos/emoções e sentir medo de que coisas ruins se repitam (35)*
 - *Percebo que as minhas estratégias de regulação emocional funcionavam muito bem no início da relação, eu conseguia me manter regulada mesmo quando estava decepcionada com alguma atitude machista dele, mas a medida que o tempo foi passando acredito que fui me frustrando mais e me desregulando. (...) sucumbi a minha própria irritação e já não sou tão regulada emocionalmente. (39)*
 - *Às vezes procurei me manter mais "fechada" em relação a sentimentos por não conseguir confiar 100% nesta pessoa e talvez eu tenha tentado parecer mais independente ou ousada para não me deixar ser dominada por ele. (111)*
- Varição emocional**
- *era uma montanha russa de emoções (26)*
 - *isso era um looping (30)*
- Angústia**
- *Eu tive uma relação no passado que me angustiava muito (26)*
 - *pensar nisso tudo me deixa muito angustiada e com apenas uma vontade de não existir mais (83)*
- Ruminação**
- *Mas cada dia que se passa eu fico remoendo o que ele fez e fico jogando na cara dele. (118)*
- Falta de disposição/paciência/
Cansaço**
- *Sinto que após muita confrontação minha, ameaças de término e a terapia que ele está fazendo, agora ele entende o que eu tentei mostrar lá no início, mas eu já não consigo mais ter tanta paciência e disposição como antes (39)*
 - *é muito cansativo um relacionamento assim! (77)*
 - *eu me sinto muito exausta o tempo todo, sinto como se o pouco da minha vontade de viver some quando eu tenho que passar por algumas situações com ela e fico sempre perdida e esse sentimento me afeta de uma força que me sufoca. (83)*

	Decepção/frustração	- <i>eu conseguia me manter regulada mesmo quando estava decepcionada com alguma atitude machista dele, mas a medida que o tempo foi passando acredito que fui me frustrando mais e me desregulando (...) sucumbi na minha própria decepção (39)</i>
	Mágoa	- <i>Há 1 mês, ele invadiu minha casa de madrugada, achando que eu estava traindo ele. Isso me magoou muito (41)</i> - <i>Acabou cada um pra um lado com mágoas profundas somente de um lado. (87)</i>
	Raiva	- <i>Por ter passado mais tempo com ele e por ser mais sensível e vulnerável eu ainda guardo muita raiva de muita coisa (109)</i>
	Esperança	- <i>acabo sem saber se acabo o relacionamento ou continuo mesmo não me sentindo feliz, mas esperançosa por ele ter demonstrado que consegue melhorar como já fez em alguns sentidos (39).</i>
SENTIMENTO/ HUMOR/ PERSONALIDA DE ASSOCIADOS A QUEM PRATICA ATOS ABUSIVOS	Ciúme	- <i>seu jeito sempre foi um pouco agressivo, com ciúmes e controle excessivos (14)</i> - <i>Nisso, começaram os abusos, ele era muito ciumento e violento quando qualquer situação de que ele pudesse sentir ciúmes ocorria: já deu soco em parede, já disse ter nojo de mim, já quis bater em um cara numa festa por ciúmes. Ele odiava sentir mas amava provocar, me provocava ciúmes o tempo inteiro. (25)</i> - <i>era extremamente ciumento (32)</i> - <i>Ele foi agradável por duas semanas, e qd o relacionamento firmou, começou a ficar agressivo, ciumento, me rebaixando e humilhando na frente de quem quer que fosse, e onde quer q fosse. (43)</i> - <i>tinha crises de ciúmes irracionais por causa do meu trabalho (70)</i> - <i>Tudo começou com ciúmes e quando eu percebi estava apanhando Ele fazia de forma que quase não me deixava marcas. Seu ciúme era tão doentio... Ele me acordava às 3h da manhã dizendo coisas sem sentido, me acusando de ter olhado alguém na rua no mês passado, por exemplo.. (81)</i> - <i>Passou a ser mais controlador, ciumento e possessivo (88)</i> - <i>Ele não gosta que eu tenha colegas homens, já fez várias cenas de ciúme em público ou então quando se sente inciumado ficar de cara fechada e temos que sair de onde estamos. (90)</i> - <i>A pessoa no qual me relacionava era extremamente possessiva e ciumenta, porém me fazia acreditar que essa intensidade toda devia-se ao fato de eu ser "o grande amor da sua vida" e devido ela ser "perdidamente e completamente apaixonada" (94)</i> - <i>Sempre discutíamos feio e majoritariamente por ciúmes, pois possuo muitos amigos homens. Era muito desconfiado de mim (114)</i>
	Amor	- <i>Nós dois somos abusivos. Já reconheci isso em mim. Mas às vezes sinto que tenho medo de ser eu mesma ao lado dele. Eu o amo. (27)</i>
	Labilidade de humor	- <i>depois de algum tempo ele começou a ficar agressivo,</i>

		<p><i>seu humor mudava, ele mudava comigo (14)</i></p> <p><i>Episódios bilaterais de irritabilidade de um hora para outra. (19)</i></p> <p><i>– Ele é uma pessoa sensacional, porém de uns meses pra cá voltou a ter umas crises depressivas que provocaram muitas alterações de humor e acabaram afetando o nosso relacionamento de certa forma (21)</i></p> <p><i>– Ele mudava de humor do nada, me culpando por estar assim. Me bloqueava do WhatsApp e de outras redes sociais sem explicação, e quando eu parava de dar atenção ele começava a ficar carinhoso e atencioso, pq ele sabia que ia me perder (22)</i></p> <p><i>– Ele tinha personalidade forte, de poucos amigos, parecia sempre ser uma pessoa estressada e ao mesmo tempo doce e amável. (32)</i></p> <p><i>– Uma pessoa com o coração bom e personalidade forte, porém temperamental, as vezes muda o humor com facilidade, parecendo bipolar. (33)</i></p>
	Dependência emocional	<i>- e é de fato tinha dependência emocional nele (26)</i>
	Falta de controle emocional	<i>- Ainda me considero culpada por tudo que aconteceu até chegarmos ao ápice, onde me vi agredindo a pessoa por descontrole emocional (88)</i>
CAUSA/ JUSTIFICATIVA PARA PRÁTICAS AGRESSIVAS	Histórico da família de origem	<p><i>- Meu marido cresceu em um ambiente machista com a mãe sendo muito humilhada pelo pai (sei porque morei um tempo com eles e presenciei várias situações). Em alguns momentos de divergências, principalmente, no início da relação, eu percebia que ele entrava em um modo de reprodução da fala do pai e eu precisei de muita firmeza para não aceitar isso! (10)</i></p> <p><i>– Conversamos a respeito, e nesse tempo acabei descobrindo que foram mais de um relacionamentos abusivos, onde ele sempre dizia que a menina era muito ciumenta, ou não fazia nada pro relacionamento dar certo, e ele acabava "surtando" devido à sua criação e por ter visto seu pai bater na sua mãe e entre outras desculpas, que hoje eu vejo que eram desculpas, tentativas de assumir o erro mas não levar a culpa. (16)</i></p> <p><i>- e ele sempre viveu num ambiente muito punitivo. Foi o que ele aprendeu e o que ele também passa para a frente (23)</i></p> <p><i>- (no meio disso eu lembrei de como o pai e mãe dele brigavam, o pai batia na mãe e a mãe se defendia por mais que a mãe tenha errado mas o pai não o direito de ter feito isso com a mãe) tudo isso ele viu! Sei que o pai dele acabou preso pois a mãe o denunciou mas tempo depois foi solto. Apesar de o pai ter feito isso com a mãe, ele ainda amava o pai, assim como ama e ainda ajuda o pai. (103)</i></p>
	Problemas pessoais	<p><i>– Ele tem uma vida muito difícil na casa dele, com a mãe depressiva, a avó que provavelmente está com início de alzheimer. (23)</i></p> <p><i>Ela possui muitos problemas e traumas psicológicos o que as vezes dificulta algumas tomadas de decisões bem como a percepção do emocional dela (67)</i></p>
	Problemas financeiros	<i>- A pessoa é meu ex marido, vivemos 3 anos e meio juntos, foi um relacionamento tenso por causa dos</i>

- problemas financeiros e falta de maturidade dele. No último ano, quando a situação com relação a falta de dinheiro piorou, devido ao nascimento de nosso filho ele foi ficando mais irresponsável, saía muito, bebia muito, tinha crises de ciúmes irracionais por causa do meu trabalho, teve momentos de demonstrar descontrole e querer usar a violência comigo. (70)*
- Transtornos mentais
- *Ele é uma pessoa sensacional, porem de uns meses pra cá voltou a ter umas crises depressivas que provocaram muitas alterações de humor e acabaram afetando o nosso relacionamento de certa forma (21)*
 - *Me sinto em uma relação difícil, pois o meu parceiro possui características narcisistas, diminuída capacidade empática e rigidez cognitiva (...) ele é distômico.(39)*
- Abuso de Álcool/substâncias químicas
- *a outra pessoa era dependente quimico, e eu por amor achei que poderia ajuda-lo a sair dessa situação (12)*
 - *No início meu namorado era usuário rotineiro de maconha, algo que mudou porque não bate com meus valores e eu não obriguei-o a parar de usar, porém não me sentia obrigada a continuar na relação. Ele parou de usar frequentemente. (23)*
 - *Bebê com frequência e fica nervoso, fala coisas ruins e chuta objetos (41)*
 - *Ele bebia bastante, e era ex usuário de drogas. (43)*
 - *Ele sempre bebeu bebida alcoólica e antes usava cocaína quando bebia, e era justamente nesses momentos que ele me agredia. (102)*
 - *É preocupante a relação dele com álcool e maconha como escape da realidade e do stress (119)*
- Papéis de gênero/machismo
- *Meu ex marido tinha uma estima muito elevada e não permitia que eu estivesse a altura dele (1)*
 - *A maior dificuldade é em relação a diferença de idade e a diferença de remuneração, no caso, o homem é quem mantém financeiramente a família. (20)*
 - *eu conseguia me manter regulada mesmo quando estava decepcionada com alguma atitude machista dele, (39)*
 - *julgar as minhas amigas e demonstrar tanto ódio por mulheres que eu vejo como guerreiras.E assim,são:Guerreiras!Pois trabalham para se manterem e cuidam de seus filhos e de tudo praticamente sozinhas,iguais a mim! (53)*
 - *O relacionamento é construtivo e nos ajuda mutuamente, mas sinto ainda na relação, a presença do machismo em relação ao papel da mulher, uma vez que mesmo tendo a mesma profissão, mesmo salário e mesma carga horária de trabalho. As cobranças são sempre mais para a mulher que para o homem. Me sinto um pouco desvalorizada as vezes diante disso e sinto necessidade de mudar minha vida profissional também por causa disso, como ter só um emprego por exemplo. Tenho dois no momento. Me sinto muito cansada e muito cobrada sempre. (56)*
 - *Namorei por alguns meses um menino mais jovem que eu, sofri muito preconceito por conta da diferença de idades. Ainda que ambos focemos adolescentes na*

época o fato de eu ser uma garota mais velha era motivo suficiente para que as pessoas me questionassem e fizem piadas. Não entendia por que um homem mais velho poderia ter uma relação com mulher mais jovem e eu enquanto adolescente não poderia ter uma relação com um menino mais novo que também era um adolescente assim como eu. (63)

- O conheci no ensino medio, eu com 15 ele com 19 quase 20, hoje sei que a situação de desigualdade de poder ja começou ai, sempre fui cabeça dura e cheia de opinião mas sendo meu primeiro relacionamento formal e o 5 dele, fiz muita coisa na base dos comentarios dele sobre como eu era diferente das outras garotas, diferente da ex, madura pra minha idade, nunca senti prazer nas relações sexuais com ele, mas me sentia pressionada, sentia que eu era a errada, a quebrada, então tinha que agentar; e sempre ouvir coisas dele do tipo, vc é virgem mesmo? Sua vagina tem uma textura estranha, nao tem dst? Podemoa fazer anal? Sua vagina ja ta ficando flacida. (...)Depois da rotina com o bb em casa ele não me ajudava, me abandonou emocionalmente, so se aproximava por sexo, se recusava a me ajudar na casa (68)

- No momento estou casada e a maior barreira que eu encontro dentro desse relacionamento é a divisão das tarefas domésticas, onde ele ã me ajuda e eu tenho uma dupla jornada, trabalho dentro e fora de casa (101)

Divergências/diferenças

– Estamos com problemas em questão de co fotos entre as personalidades ! Pensamentos divergentes, atitudes diferentes. (5)

– A maior dificuldade é em relação a diferença de idade e a diferença de remuneração, no caso, o homem é quem mantém financeiramente a família. (20)

– Apesar de estar perto e com bastante contato virtual, não paramos para conversar pessoalmente e resolver nossas diferenças, pois estamos assoberbados de tarefas.(28)

– Outro ponto que me incomoda é não conseguir fazer a pessoa enxergar as coisas da mesma forma que eu vejo (35)

Interferências externas

– Importante destacar que nos conhecemos da comunidade espiritualista em que frequentamos e lá nos consideramos uma família, então, de certa forma, as pessoas de lá interferiam no relacionamento, no sentido de que sempre tinha algo pra dar opinião. (3)

– Mto tem a ver com a falta de momentos só dos dois. sem a sobrecarga dos filhos....relacao desgastada demandando resgate (19)

– Estamos em um momento de extrema sobrecarga de trabalho na faculdade, o que tem gerado alguns desencontros. Apesar de estar perto e com bastante contato virtual, não paramos para conversar pessoalmente e resolver nossas diferenças, pois estamos assoberbados de tarefas. Acredito que isto esteja nos prejudicando em alguns aspectos. (28)

- Costumávamos expor nosso dia a dia em uma rede social, o que dps de um tempo gerou uma “fama”. A partir daí smp haviam pessoas pra inventar histórias e relembrar o passado. Tanto o meu passado quanto o

SENTIDOS ATRIBUÍDOS POR TER SE MANTIDO NA RELAÇÃO	Dependência/falta de maturidade	<p><i>dela não eram tão bons, ainda mais quando se tratava de relacionamentos. (121)</i></p> <p>– <i>Hoje sou independente financeiramente, mas na ocasião do meu ex casamento tinha dependência econômica e psicológica. Casei muito cedo e isso faz com que não escolhamos a pessoa certa. Pela falta de maturidade, achamos que a pessoa vai mudar (1)</i></p> <p>- <i>Duas pessoas despreparadas pra ter relacionamentos tentando criar um lar com referências inexistentes. (87)</i></p> <p>- <i>Foi complicado e eu era apenas uma menina que viveu isso dos 19 aos 21. (88)</i></p> <p>- <i>era terrível como eu me sentia,mas pelo fato dele ter sido o meu primeiro namorado,eu não conseguia me livrar. (99)</i></p>
	Acreditar que o par é uma boa pessoa	- <i>Mantive por medo de um outro término seguido e por acreditar que no fundo ele era uma boa pessoa (108)</i>
	Não ter outra pessoa	- <i>é que infelizmente não consegui ainda encontrar outra pessoa que eu me sentisse valorizada, aí sofro sendo transparente nessa relação. (117)</i>
	Falta de percepção	<p>- <i>, sempre me considerei uma pessoa forte, independente por isso demorei tanto para perceber q estava em um relacionamento abusivo (26)</i></p> <p>– <i>Eu amava muito essa pessoa e esse amor me cegava.(40)</i></p> <p>- <i>só consegui me enxergar dentro de uma relação desse nível infelizmente quando fui agredida fisicamente. (...) Hoje em dia vejo isso como um grande aprendizado e sigo tentando perdoar. Porém, é inevitável às vezes não pensar: Como eu não percebia? Por que eu demorei tanto pra sair dessa relação? (94)</i></p> <p>- <i>pessoa sobre quem respondi a pesquisa, que hoje deve ter os 30 anos, que agia com vários comportamentos violentos, que, por não conter agressão física visíveis ou discussões na frente das pessoas, ninguém percebia os problemas, nem mesmo eu. (...) Somente meses após o final da relação, estudando relações abusivas em um antigo estágio de Psicologia (eu cursava graduação ainda), pude perceber que esse relacionamento era adoecido (115)</i></p>
	Não consegue atribuir sentido	<p>- <i>No começo foi péssimo e não sei o porquê de eu ter continuado, mas continuei. (71)</i></p> <p>- <i>E eu me pergunto o porquê estou com ele, se no geral não tô bem nesse relacionamento. (...) Então, eu fico me perguntando porquê eu tô com ele? Será por pena? Será por que eu sou idiota mesmo? Será que por falta de amor próprio? Acho que os 3 juntos. Isso acaba comigo todos os dias. (118)</i></p>
	Filhos	- <i>temos uma filha e na época queria dar a ela uma família (86)</i>
CONSEQUÊNCIAS	Isolamento	– <i>Foram 5 anos de namoro, o último foi muito ruim, marcado por isolamento social da minha parte (44)</i>
	Trauma/ interferência em novos relacionamentos	<p>- <i>Teve mais coisas e isso me afetou na forma de vivenciar alguns relacionamentos. Hoje estou melhor, mas vc acaba delineando mecanismos de defesa (88)</i></p> <p>- <i>,(isso refletiu no meu relacionamento atual,eu tinha medo do meu namorado odiar meus cabelos</i></p>

- cacheados, então no início eu sofria muito todas as vezes que eu ia encontrá-lo. Eu acordava muito cedo pra fazer chapinha. Acredito que depois de 2 anos de relacionamento que eu me livrei desse mal e apenas libertei meus cachos e hoje em dia eu os amo, assim como os amava antes) (...) **Já se passaram 6 anos e eu fiquei com marcas na alma** (99)
- ...um trauma que até hoje carrego e que dói. (108)
- Sinto que **não sou mais o mesmo** e não tenho mais esperanças de me relacionar com as pessoas. (116)
- Diminuição da autoestima / - Me sinto um lixo na mão dele (25)
- insegurança - Me deixar a pior pessoal do mundo (30)
- Existe insegurança da minha parte **por conta de um relacionamento abusivo diradouro anterior**. (34)
- Me sinto muito **insegura ainda pelo tanto de coisas que me foram ditas sobre a minha aparência**. Mas isso está saindo aos poucos, tenho um namorado maravilhoso há quatro anos e meio, ele me ajuda muito e a minha autoestima mudou bastante desde que o conheci. (...) Espero que essa minha falta de confiança suma um dia...aquele homem me machucou muito, aquele homem me fez sentir a pessoa mais feia do mundo, aquele homem o qual dei todo o meu coração e pureza de confiança, me maltratou muito. Aquele homem me fez enxergar horrorosa, mas **hoje em dia eu estou lutando para apagar essas marcas** na minha cabeça e alma. (99)
- Todos os dias é essa insegurança que me persegue. Mas ao mesmo tempo eu gosto dele e queria que ele mudasse de uma forma que eu me sentisse seguro. Ele me faz carinho, diz todos os dias que me ama, eu acredito nisso, na mudança dele, mas eu acho que isso é passageiro que ele poderá me trair de novo, fico com essas paranóias todos os dias. É um tormento pra mim. Eu queria que ele me desse segurança, mas ainda não sinto essa segurança. (118)
- Desregulação emocional - O que me faz **repetir padrões** como reprimir sentimentos/emoções (34)
- Percebo que as minhas estratégias de regulação emocional funcionavam muito bem **no início da relação**, eu conseguia me manter regulada mesmo quando estava decepcionada com alguma atitude machista dele, mas a medida que o tempo foi passando acredito que fui me frustrando mais e me desregulando. (...) . **Hoje** eu sou mais pesada do que já fui (no sentido físico também), sucumbi a minha própria irritação e **já não sou tão** regulada emocionalmente. (39)
- Adoecimento - Seus comportamentos me afetaram tanto que **durante o relacionamento entrei em processo depressivo**. (9)
- Foi um relacionamento de um ano, poliamoroso. A pessoa com que eu me relacionava possuía outro parceiro, que não me aceitava. **Foi uma relação que me adoeceu muito**. (29)
- **Iniciei um episódio depressivo**, o terceiro da minha vida. (39)
- **Desenvolvi** depressão pós parto, ansiedade, crises de pânico, auto mutilação e anos depois reebi também

diagnostico de transtorno de personalidade Borderline (68)

- antes de eu a conhecer **eu já tinha** problemas psicológicos **porém depois** que ela entrou na minha vida eu esqueci por um tempo mas recentemente esse problemas **voltou e bem pior e mais forte** (83)

- ... **eu nesse meio tempo, desenvolvi** um gosto por bebida maior do que eu esperava e desde então tenho fortes crises de ansiedade, chegando a me machucar...(100)

- **Por causa disso** e várias outras coisas tive DSTs. Hoje tomo anti depressivos pra me ajudar a superar a depressão que sempre tive mas **piorou muito com ele**.(109)

- Eu que vivo com depressão tive **umas das piores crises nos últimos meses** e isso me destruiu! (116)

Aprendizado/Superação

- **Hoje estou melhor**. As vezes as coisas ruins vem de onde menos esperamos. (8)

- consegui me livrar da relação, **hj estou muito bem** (26)

- Graças a Deus não tenho nenhum problema de violência, **hoje vivo muito bem** ..pois já vivi um relacionamento cheio de violência em todos os aspectos.. sai dessa relação ,Mas aprendi muito também hj tenho tudo oq sempre desejei em um relacionamento ! Respeito, cumplicidade ,paz e muito AMOR!(38)

- Fui ao fundo do poço, juntei meus cacos e renasci. **Hoje sei** exatamente o que não quero pra minha vida. **Hoje estou** com uma pessoa que me apoia, que está ao meu lado aplaudindo todas as minhas conquistas, que é um verdadeiro companheiro. Nosso relacionamento é baseado em confiança, amor, companheirismo, leveza! (81)

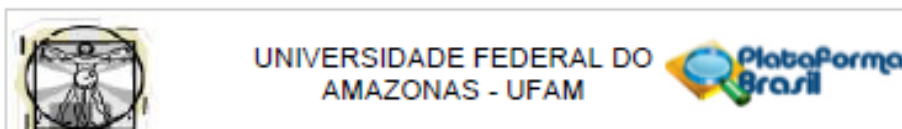
- **Hoje em dia** vejo isso como um grande aprendizado e sigo tentando perdoar. Porém, é inevitável às vezes não pensar: Como eu não percebia? Por que eu demorei tanto pra sair dessa relação? (94)

- **Hoje em dia** sou feliz no meu relacionamento, sou amada e respeitada e estou em processo de voltar a me amar totalmente. Isto foi um pouco da minha história! (99)

- **Hoje estávamos bem estável**, ainda temos nossas brigas. Acho que por muito tempo qualquer briga foi um tempestade de copa de d'agua por imaginar que poderíamos ser perfeito e por não aceitar às brigas metíamos os pés pelas mãos. **Hoje já sabemos** que todo casal briga e que é possível administrar isso para além da violência (107)

- **hoje tento ajudar** as mulheres que atendo a não permanecerem em relacionamentos assim. (115)

ANEXO A – PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA NO CASAL: GÊNERO, CULTURA E REGULAÇÃO EMOCIONAL

Pesquisador: ROBERTA BRAGA DE ALENCAR

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 92508418.9.0000.5020

Instituição Proponente: Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.914.099

Apresentação do Projeto:

A pesquisa, que tem por objetivo investigar a violência psicológica no casal (com ênfase nas questões de gênero, na cultura patriarcal, entendida neste contexto como manifestação de uma cultura da honra, bem como nos fenômenos relacionados à regulação emocional). Se embasará na teoria da Psicologia Histórico-Cultural, que concebe o sujeito como resultado e produtor de um dado tempo histórico, inserido em uma realidade que o constitui e é por ele constituída, em uma relação dialética e recursiva. A postura epistemológica adotada corresponde ao paradigma da ciência contemporânea ou da ciência novoparadigmática, que considera o contexto no qual o fenômeno ocorre, dentro de uma lógica não disjuntiva. E para dar uma resposta satisfatória às questões de pesquisa propostas e Integrar de forma coesa informações multifacetadas, será utilizada a combinação de métodos qualitativos e quantitativos, a fim de se obter e relacionar os diversos circunscritores, levando-se em consideração o ambiente em que são produzidos, o contexto histórico e cultural, as relações e a subjetividade dos indivíduos. A articulação de estratégias de pesquisa que captem as dimensões quantitativas e qualitativas do objeto viabiliza, por um lado, a obtenção da representatividade, regularidade e diferença dos componentes da amostra e, por outro, o aprofundamento nas questões subjetivas da realidade social. A integração dos métodos qualitativos e quantitativo permitirá a compreensão dos processos históricos e culturais envolvendo o patriarcado e a honra, a influenciar também os níveis biológicos e psíquicos do ser, coadunando-se com a perspectiva Histórico-Cultural. A construção de dados se dará

Endereço: Rua Teresina, 405

Bairro: Adlonópolis

UF: AM **Município:** MANAUS

Telefone: (02)3305-1181

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAZONAS - UFAM



Continuação do Parecer: 2.914.099

através dos seguintes instrumentos disponibilizados em plataforma online: Questionário sociodemográfico; Escala da Honra de Mosquera et. al (2008), versão traduzida e reduzida (HS16; Guerra et. al., 2013); Questionário de Regulação Emocional (ERQ; Gross; John, 2003), versão traduzida para o português por Boian et al., (2009); Questionário com questões fechadas sobre abuso em relacionamento íntimo; Pergunta aberta: "Você gostaria de relatar sobre o relacionamento com a pessoa em que está pensando? Em caso afirmativo, discorra sobre essa relação com o maior detalhamento possível, destacando qualquer aspecto que considere importante". A resposta a esta pergunta será analisada com base na Teoria da Análise do Discurso, que permite reconhecemos o lugar da fala, a implicância do discurso, não como um mero produto da realidade, que expressa características do sujeito, mas também como construtor da realidade, especialmente nas relações de gênero e seu papel na naturalização das diferenças e reprodução de padrões que implicam na violência. Por sua vez, os dados quantitativos, provenientes dos questionários e instrumentos com questões fechadas, serão organizados em um banco de dados com auxílio do Microsoft Excel. Em seguida, serão realizadas as análises descritivas para caracterização dos participantes da pesquisa. Após, serão realizadas análises inferenciais de correlação através do r de Pearson para estudar a relação entre os diversos fenômenos, a fim de compreender a interação que os mesmos apresentam. Por fim, buscar-se-á a integração dos dados qualitativos e quantitativos para, dessa forma, compreender de maneira mais aprofundada o fenômeno da violência psicológica.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar como fenômenos relacionados a papéis de gênero e regulação emocional, no contexto da cultura patriarcal, interagem e indicam caminhos para compreender a ocorrência da violência psicológica no casal, em seu aspecto bidirecional.

Objetivo Secundário:

- Analisar como o gênero, o patriarcado e a cultura da honra corroboram com práticas de violência psicológica bidirecional no casal;
- Investigar a influência da regulação emocional nos relacionamentos abusivos;
- Compreender como questões de gênero, patriarcado, notadamente a cultura da honra e regulação emocional estão envolvidos na violência psicológica, no contexto das relações íntimas de afeto.

Endereço: Rua Teresina, 495

Bairro: Adrianópolis

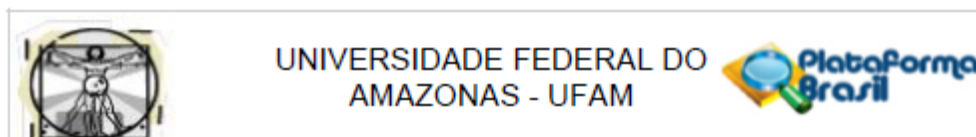
UF: AM

Município: MANAUS

CEP: 69.057-070

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.914.099

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos – adequados;

Benefícios – adequados;

Ambos estão em conformidade com a Resolução 466/2012 sobre Pesquisa com Seres Humanos;

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta relevância social e científica.

Os itens solicitados para correção, foram atendidos completamente, tais como:

Critérios de recrutamento dos participantes – adequado;

Cuidados éticos – adequados;

Desfecho primário – adequado;

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Formulário de Informações Básicas do Projeto – adequado;

Folha de Rosto – adequada;

Termo de Anuência do CSPA – adequado;

TCLE – adequado;

Projeto – adequado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisadora realizou todas as adequações necessárias, em conformidade com as resoluções 466/2012 e 510/2016.

Considera-se parecer favorável a aprovação do Projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

Endereço: Rua Teresina, 495

Bairro: Adrianópolis

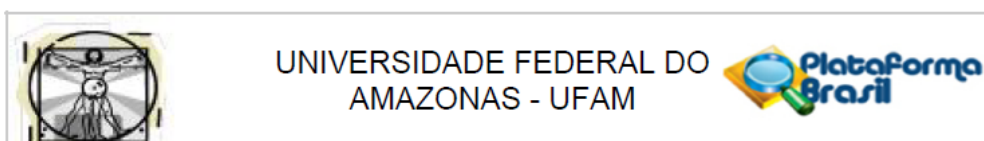
CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.914.099

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1131326.pdf	05/09/2018 20:40:04		Aceito
Outros	Carta_Resposta.pdf	05/09/2018 20:38:58	ROBERTA BRAGA DE ALENCAR	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa.pdf	05/09/2018 20:37:15	ROBERTA BRAGA DE ALENCAR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	05/09/2018 20:35:34	ROBERTA BRAGA DE ALENCAR	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	05/09/2018 20:27:41	ROBERTA BRAGA DE ALENCAR	Aceito
Outros	Termo.pdf	06/06/2018 01:22:10	ROBERTA BRAGA DE ALENCAR	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MANAUS, 24 de Setembro de 2018

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
 (Coordenador(a))

Endereço: Rua Teresina, 495
 Bairro: Adrianópolis CEP: 69.057-070
 UF: AM Município: MANAUS
 Telefone: (92)3305-1181 E-mail: cep.ufam@gmail.com

ANEXO B – QUESTIONÁRIO SÓCIO ECONÔMICO E DEMOGRÁFICO

Idade

Sexo

- Feminino
- Masculino
- Não binário

Orientação sexual

- Homossexual
- Bissexual
- Heterossexual
- Outros

Local de nascimento (cidade, estado e país)

Escolaridade

- Analfabeto
- Fundamental Incompleto
- Médio Incompleto
- Médio Completo
- Superior incompleto
- Superior completo

Ocupação

- Desempregado
- Estudante
- Dona (o) de casa
- Aposentado (a)
- Atividade remunerada, mas depende financeiramente de outra pessoa
- Atividade remunerada com independência financeira
- Outro

Profissão (se estudante, indicar o curso)

Renda

- Não possui
- Até 2 salários mínimos
- De 2 a 4 salários mínimos
- De 4 a 10 salários mínimos
- De 10 a 20 salários mínimos
- Acima de 20 salários mínimos

Religião

- Umbanda
- Budista
- Espírita
- Evangélica

- Protestante
- Adventista
- Católica
- Ateu
- Espiritualizado, porém sem religião
- Outros

Frequência que pratica sua religião

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Diariamente

Marque a opção que se aplica melhor a sua situação:

- Nunca namorei (no caso não precisa responder o questionário)
- Saí ou saio com alguém apesar de não existir um compromisso de namoro
- Namoro ou já namorei
- Estou casado (a) ou vivo em união estável
- Sou divorciado (a)
- Sou viúvo (a)

ANEXO C – QUESTIONÁRIO SOBRE ABUSO EM RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS

Escolha uma pessoa com quem você tem ou teve um relacionamento. As questões a seguir são a respeito dessa pessoa. Marque em quem está pensando para responder essa questão.

- () Estou pensando na pessoa que estou tendo um relacionamento agora
- () Estou pensando em uma pessoa com quem me relacionei no último ano
- () Estou pensando em uma pessoa com quem me relacionei há mais de um ano

Responda os mesmos itens do Questionário Sociodemográfico e Econômico com os dados da pessoa em que está pensando (facultativo)

As perguntas que se seguem são acerca de coisas que poderão ter acontecido contigo e a pessoa com quem está pensando. Assinale o que melhor identifica a frequência que os comportamentos acontecem no relacionamento pensado. Lembre-se que todas as respostas são confidenciais.

A pessoa em quem estou pensando ...

Nunca Poucas Vezes Às vezes Muitas Vezes Sempre

É favorável às coisas que faço

Incentiva-me a tentar coisas novas

Gosta de ouvir quando tenho algo em mente

Compreende que eu tenho a minha própria vida também

É indesejado (a) pelos meus amigos

Diz que eu sou muito envolvido (a) em diferentes atividades

Envia-me mensagens e liga o tempo todo

Pensa que eu gasto muito tempo me arrumando

É extremamente ciumento (a) ou possessivo (a)

Acusa-me de flertar ou traí-lo (a)

Controla o que eu visto ou com o que me pareço

Tenta controlar o que eu faço e quem eu vejo

Tenta me impedir de ver ou falar com a minha família e amigos

Tem grandes variações de humor – se irrita e grita comigo um minuto, mas é doce e pede desculpas em seguida.

Rebaixa-me, xinga-me ou critica-me

Faz-me sentir como se eu não pudesse fazer nada direito ou culpa-me por problemas

Faz-me sentir como se ninguém fosse me querer

Ameaça ferir a mim, meus amigos ou familiares

Ameaça machucar a si próprio (a) por minha causa

Ameaça destruir minhas coisas

Faz-me sentir nervoso ou como se estivesse “pisando em ovos”

Agarra, empurra, puxa, esgana, dá socos, tapas, prende-me, joga as coisas ou me fere de alguma forma

Quebra as coisas ou as lanças para me intimidar

Grita ou humilha-me na frente de outras pessoas

Pressiona-me ou força-me a ter relações sexuais ou ir mais longe do que eu quero

Acerca desses mesmos comportamentos, EU...

Nunca Poucas Vezes Às vezes Muitas Vezes Sempre

Sou favorável às coisas que ele (a) faz
 Incentivo a tentar coisas novas
 Gosto de ouvir quando ele (a) tem algo em mente
 Compreendo que ele (a) tem a própria vida também
 Sou indesejado (a) pelos seus amigos
 Digo que ele (a) é muito envolvido (a) em diferentes atividades
 Envio mensagens e ligo o tempo todo
 Penso que ele (a) gasta muito tempo se arrumando
 Sou extremamente ciumento (a) ou possessivo (a)
 Acuso-o (a) de flertar ou trair-me
 Controlo o que ele (a) veste ou com o que se parece
 Tento controlar o que ele (a) faz e quem vê
 Tento impedi-lo (a) de ver ou falar com a sua família e amigos
 Tenho grandes variações de humor – me irrita e grito em um minuto, mas sou doce e peço desculpas em seguida.
 Rebaixo, xingo ou critico
 Faço-o (a) sentir como se ele (a) não pudesse fazer nada direito ou culpo-o (a) por problemas
 Faço-o (a) se sentir como se ninguém fosse querê-lo (a)
 Ameaço feri-lo (a), seus amigos ou familiares
 Ameaço a machucar-me por causa dele
 Ameaço a destruir suas coisas
 Faço (a) se sentir nervoso (a) ou como se estivesse “pisando em ovos”
 Agarro, empurro, puxa, esgano, dou socos, tapas, prendo-o (a), jogo as coisas ou o machuco de alguma forma
 Quebro as coisas ou as lanço para intimidá-lo (a)
 Grito ou o (a) humilha na frente de outras pessoas
 Pressiono-o (a) ou forço-o (a) a ter relações sexuais ou ir mais longe do que ele(a) gostaria

ANEXO D – ESCALA DA HONRA

(Rodríguez Mosquera, Fischer, Manstead & Zaalber, 2008)

INSTRUÇÕES: Usando a numeração da escala de resposta abaixo, por favor indique o quanto você se sentiria mal consigo mesmo com o tipo de comportamento ou fama descritos em cada item.

Não me sentiria mal

Me sentiria muito mal

1 2 3 4 5 6 7 8 9

Até que ponto você se sentiria mal consigo mesmo(a) se..

01. ____ ...sua família tivesse má fama?
02. ____ ...fosse conhecido(a) como alguém que teve muitos (as) parceiros(as) sexuais diferentes?
03. ____ ...fizesse algo para manchar a honra de sua família?
04. ____ ...fosse conhecido(a) como alguém que não tem autoridade sobre sua própria família?
05. ____ ...tivesse um(a) novo(a) namorado(a) com frequência?
06. ____ ...tivesse a reputação de ser desonesto(a) com outras pessoas?
07. ____ ...fosse incapaz de defender a reputação da sua família?
08. ____ ...fosse um(a) hipócrita?
09. ____ ...te faltasse autoridade sobre sua própria família?
10. ____ ...fosse conhecido(a) como alguém fácil de se levar para cama?
11. ____ ...não cumprisse sua palavra?
12. ____ ...tivesse a fama de ser alguém sem experiência sexual?
13. ____ ...deixasse outras pessoas insultarem sua família?
14. ____ ...dormisse com alguém sem começar um relacionamento sério com aquela pessoa?
15. ____ ...mentisse para outras pessoas?
16. ____ ...fosse conhecido(a) como alguém incapaz de apoiar a própria família?

ANEXO E - QUESTIONÁRIO DE REGULAÇÃO EMOCIONAL

(Gross & John, 2003)

Instruções:

Gostaríamos de fazer algumas questões sobre a sua vida emocional, em particular, como controla as suas emoções (isto é, como regula e conduz). As questões abaixo envolvem duas situações diferentes sobre sua vida emocional. A primeira refere-se a sua experiência emocional, isto é, o modo como se sente. A segunda refere-se a expressão emocional, ou seja, a forma como demonstra as suas emoções, ao falar, gesticular ou atuar. Apesar de algumas questões parecerem semelhantes, diferem-se em importantes aspectos. Para cada item, por favor responda utilizando a seguinte escala:

1 -----	2 -----	3 -----	4 -----	5 -----	6 -----	7
Discordo		Não concordo			Concordo	
Totalmente		nem concordo			Totalmente	

1. Quando quero sentir mais emoções positivas (como alegria ou contentamento), mudo o que estou pensando.
2. Eu conservo as minhas emoções para mim.
3. Quando quero sentir menos emoções negativas (como tristeza ou raiva) mudo o que estou pensando.
4. Quando estou sentindo emoções positivas, tenho cuidado para não as expressar.
5. Quando estou perante a uma situação estressante, procuro pensar de uma forma que me ajude a ficar calmo.
6. Eu controlo as minhas emoções não as expressando.
7. Quando quero sentir mais emoções positivas, eu mudo o que estou pensando em relação à situação.
8. Eu controlo as minhas emoções modificando a forma de pensar sobre a situação em que me encontro.
9. Quando estou sentindo emoções negativas, tento não as expressar.
10. Quando eu quero sentir menos emoções negativas, mudo a forma como estou pensando em relação à situação.